IMPERDÍVEL: TABELÃO DO BRASILEIRO E 240 ESCUDINHOS
Editora Abril
PLACAR
N.º 1070
ABRIL DE 1992
Cr$ 7 500,00
AS GRANDES FINAIS DE:
Corinthians
Flamengo
Vasco
São Paulo
Grêmio
Fluminense
Palmeiras
DECISÕES QUE LAVARAM A ALMA
Atlético
Santos
Internacional
Botafogo
Bahia
Cruzeiro
ESPECIAL: DEPOIMENTO DE PELÉ, DOS HERÓIS E POSTERS DE CADA CAMPEÃO

Editora Abril

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidente Executivo: Thomaz Souto Corrêa
Diretor Superintendente: Ronald Jean Degen

Diretores de Área:
Carlos Roberto Berlinck, Celso Nucci,
Edvard Ghirelli Filho, Jaime de Oliveira Nascimento,
Júlio Bartolo, Oswaldo de Almeida

PLACAR

Diretor-Gerente: Vanderlei Bueno

Diretor Editorial: Juca Kfouri
Diretor de Arte: Carlos Grassetti

REDAÇÃO
Redator-Chefe: Sérgio F. Martins
Editor: Celso Unzelte
Editor de Fotografia: Ricardo Corrêa Ayres
Repórteres: Paulo Coelho e Patricia Hargreaves (estagiária)
Editores de Arte: Afonso Grandjean e Walter Mazzuchelli (colaboradores)
Diagramadores: André Luiz Pereira da Silva e José Jonas de Lima (colaboradores)
Assistentes de Produção: Sebastião Silva e Wander Roberto de Oliveira

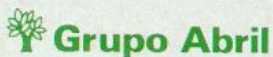
APOIO EDITORIAL
Abril Press - Gerente: Judith Baroni
Escritório Nova York: Dorrit Harazim (gerente), Frances Furness (assistente)
Escritório Paris: Pedro de Souza (gerente), Álvaro Teixeira (assistente)
Buenos Aires: Odillo Licetti (correspondente)
Madri: Alessandro Porro (correspondente)
Departamento de Documentação - Gerente: Susana Camargo
Serviços Fotográficos - Diretor: Pedro Martinelli
Automação Editorial - Gerente: Cicero Brandão

PUBLICIDADE
Diretor: Meyer Alberto Cohen
Gerentes: Dario Castilho, Miguel Castello, Moacyr Guimarães, Nilo Galdeano Bastos, Olavo Ferreira, Roberto Nascimento (SP); Aldano Alves (RJ)
Gerente de Promoção: Jacira Fernandes de Barros
Coordenação de Publicidade: Sadako Sigematu (supervisora), Tieko Kuniyuki (Coordenadora)
Representantes: Adriana Sandoval, Aldo S. Falco, Ana Marta Manfio Gozzio, Antonio Carlos Perreto, Eliane Pinho S. da Silva, João Marcos Ali, Luiz Alberto Diegues, Luiz Marcos Perazza, Luiza Pantalea, Marcia Regina da Silva, Renato Bertoni, Selma Ferraz Souto (SP); Andrea Veiga, Maria Luciene Lima (RJ)
Serviço de Marketing Publicitário: Marta de Moraes (supervisora)
Diretores Regionais: Angelo A. Costi (Região Centro); Elcenho Engel (Região Sul); Geraldo Nilson de Azevedo (Região Nordeste)
Escritórios Regionais: Verene Lopes Cançado (Belo Horizonte); Rogério Ponce de Leon (Brasilia); Lilica Mazer (Curitiba); Rosangela Isoppo da Cunha (Porto Alegre); Silvio Provazzi (Recife); Alfredo Guimarães Motta Netto (Salvador); Mauro Marchi (Blumenau)
Representantes: Fênix Propaganda (MT); Intermidia (Ribeirão Preto); Luca Consultoria de Comunicação e Marketing (MS); Multi-Revistas (PB e RN); Sucesso Representações e Marketing (PA); Vallemidia - Representações e Publicidade (São José dos Campos); Via Goiânia (GO); Vitória Midia (ES)

MARKETING
Diretor de Marketing: Reynaldo Mina

ASSINATURAS
Diretor de Serviços ao Assinante: Eduardo Marafanti

Diretor Escritório Brasilia: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor Responsável: Osvaldo Franco Domingues Jr.

Grupo Abril

Presidente: Roberto Civita
Vice-Presidentes: Angelo Rossi,
Ike Zarmati, José Augusto Pinto Moreira,
Luiz Fernando Furquim, Placido Loriggio,
Raymond Cohen, Roger Karman,
Thomaz Souto Corrêa

DANIEL AUGUSTO JUNIOR

Lavar a alma é gritar e pular até não poder mais depois que aquela decisão terminou. Mas ninguém lava a alma ouvindo o jogo sentado numa poltrona. Para lavar a alma é fundamental participar coletivamente da invenção da vitória ontem impossível. Como neste balé de mãos proporcionado pela Fiel

PLACAR

ESQUEÇA TUDO E LAVE A ALMA

Algumas partidas decisivas funcionam como uma barulhenta e colorida catarse coletiva, da qual o torcedor sai interiormente tão limpo quanto um recém-nascido. Esse fenômeno de purificação tem tudo a ver com certas condições especiais que cercam a partida. Pode ser aquela angústia asfixiante e destruidora que ocorre sempre quando um grande clube passa longo tempo longe do título. Foi assim, por exemplo, com Corinthians e Botafogo. Na noite em que conseguiram quebrar o jejum, suas torcidas se libertaram para sempre.

Mas é fato também que o ineditismo do triunfo provoca reação semelhante. Os primeiros títulos brasileiros conquistados por Inter, em 1975, Flamengo, em 1980, e Bahia, em 1988, não deixam ninguém mentir. Assim como vencer pela primeira vez um campeonato mundial marcou para sempre os torcedores de Santos e Grêmio. Outro fator capaz de desencadear uma bela catarse está no próprio adversário. A alegria de terem prolongado o sofrimento corintiano em 1974 deixa ainda hoje os palmeirenses extasiados. PLACAR revive cada lance dessas e de outras decisões. Por isso, desligue o rádio, esqueça a televisão por um minuto, pois a bola começou a rolar, e você, leitor, vai ser feliz. Vai lavar a alma.

Sérgio f. Martins

4 CORINTHIANS
A noite de martírio e da redenção que ficará para sempre

8 FLAMENGO
Uma eterna vitória de João Danado contra o Galo lutador

12 PALMEIRAS
A vingança, na raça, de um time contra uma cidade inteira

16 VASCO
A resistência de um time valente e seu doce golpe fatal

20 INTERNACIONAL
Colorado vence um duelo de gigantes e estremece o Beira-Rio

24 SÃO PAULO
Um jogaço que só foi decidido no último chute tricolor

28 CRUZEIRO
Na molecagem de um jogador especial, a conquista da América

32 BOTAFOGO
Com onze fúrias em campo, o Fogão assina sua libertação

36 SANTOS
Como o mundo caiu aos pés mágicos de Pelé & Cia.

40 FLUMINENSE
Sob o comando de um craque, o tricolor faz sua hora e sua vez

44 ATLÉTICO
O dia em que Cerezo só não fez chover e Rei Reinaldo foi coroado

48 GRÊMIO
O Japão arredonda os olhos com Renato e seus companheiros

52 BAHIA
O melhor do Brasil. Na bola, no peito e na mandinga

56 CARTAS
O espaço do leitor para criticar e tirar suas dúvidas

CADERNO ESPECIAL COM TABELÃO DO BRASILEIRO E BOLA DE PRATA. MAIS: 240 ESCUDINHOS PARA SEUS TIMES DE BOTÃO

Festa de Basílio, alegria de todo um povo: enfim, campeão

13 DE OUTUBRO DE 1977

CORINTHIANS 1 X PONTE PRETA 0

A NOITE DA LIBERDADE

A Fiel sabe que tem que jogar junto, nesta quinta-feira de paixão corintiana, para lavar a alma e se libertar para sempre

O Corinthians bombardeia o gol adversário, e faz mais de vinte anos que isso acontece. Mas agora é diferente. Esta noite de 13 de outubro de 1977, contra a Ponte Preta, vale taça, como nenhuma outra valeu nestes 22 anos de espera. Está em jogo toda uma vida de paixão e sofrimento.

É por isso que Luciano, logo de cara, aproveita o clarão que se abre à sua frente e, de fora da área, chuta com vontade. A bola bate na trave esquerda. Nas arquibancadas, entre gritos e os primeiros desmaios, surge uma faixa que implora: "Eu te amo, não me mates!" Vai ser uma noite de loucuras.

O jovem goleiro Carlos, reconhecido como de grande futuro, terá mesmo muito trabalho. Agora é Basílio que, pela primeira vez, dá o ar de sua graça e o obriga a se esticar todo, mandando para escanteio um belo chute de primeira que tinha endereço certo. Em meio à névoa úmida que encobre o Morumbi e ficará para sempre registrada nas imagens de televisão, torcida e jogadores lutam para cumprir seu destino. Na cabeça, levam um re-

frão de Jorge Ben: "Vai, Corinthians, que está chegando a hora".

Nos pés, vai a bola, carregada com amor, garra e dedicação como nunca fora antes por aqueles homens. Mais que dribles ou jogadas de efeito, o Morumbi assiste a um espetáculo de superação e veneração à camisa raras vezes visto em um gramado. Geraldão, centroavante de técnica tosca, mas eficiente artilheiro, é capaz de tudo esta noite para ver aquela gente feliz. Até de dar meia-bicicleta certeira, primeira e única de sua carreira. O lance acaba em nova defesa do milagreiro Carlos.

FEITO COM O CORAÇÃO

Sofrido, suado, depois de um bate-rebate sem fim na área da Ponte, finalmente sai o único gol do Timão no jogo. O pé de anjo de Basílio acaba com o sufoco

É fundamental uma abnegação plena. Para suprir a ausência de Palhinha, autor do gol da vitória no primeiro jogo e que hoje, por causa de uma maldita contusão, não joga. Para vencer a Ponte, fatídico adversário que apenas quatro dias antes, no domingo, havia roubado a festa com um 2 x 1, de virada. E, principalmente, para oferecer o título ao técnico Oswaldo Brandão, o "Velho", o "Mestre".

Só ele pode se orgulhar de ter ganho um campeonato pelo Timão. Foi na última vez, em 1954, quando também treinava o time. Mais pai que chefe, misto de treinador e psicólogo, ele merece tudo esta noite. E é também por isso que o Corinthians continua bombardeando sem descanso o gol adversário.

O time parece entender que o coração do torcedor corintiano não vai suportar uma prorrogação, embora o empate ao final de 120 minutos garanta o título. Todos, porém, sabem: está escrito

A bola estufa as redes da Ponte. É a libertação

que não pode nem deve ser assim. Mas não será fácil, como não foi fácil até agora, apesar da expulsão de Ruy Rei aos 15 do primeiro tempo. O centroavante simplesmente trocou a busca incessante dos gols por insistentes reclamações contra o juiz. Os adversários dirão depois que ele estava vendido.

FOTOS SÉRGIO SADE

Brandão: voltando para ser campeão

O desabafo invade o gramado

Faltam só nove minutos quando todos sentem que, finalmente, vai acontecer. Podia ser Zé Maria, que cobra falta da direita, em direção à área. Enquanto a bola viaja pelo alto, o Morumbi inteiro prende a respiração, à espera da conclusão do lance. Todos estão de pé agora, quando Vaguinho, quase sem ângulo, arranja uma brecha para mandar a bola na trave. É a jogada mais extensa dos últimos 22 anos. Ela dá a impressão de que não vai terminar nunca, porque lá vem Wladimir, para apanhar o rebote de cabeça. A Fiel assiste ao desenrolar da cena como se estivesse vendo um filme de terror em câmara lenta: a bola que sai da testa do lateral corintiano choca-se contra a testa do zagueiro Oscar, último guardião da Ponte, miseravelmente postado sobre a linha do gol. Mas ainda há Basílio. A última esperança que, num bate-pronto indefensável, faz todo um povo feliz para sempre. A bola, tantas vezes amada, tantas outras odiada, estufa as redes da Ponte Preta como nunca fizera contra ninguém. É, enfim, a libertação.

Os últimos minutos parecem não terminar jamais. O apito final, o mais esperado de toda a história do futebol em seus últimos tempos, é a senha que todos esperavam.

Numa seqüência frenética, a torcida e seu grito finalmente liberado de campeão invadem o gramado, a Avenida Paulista, a cidade, e ganham o mundo. Lágrimas nos olhos, a geração de corintianos que agora se abraçam será eternamente grata àqueles onze homens. Entre tantos que tentaram, só eles conseguiram o milagre maior de transformar o Corinthians, novamente, no campeão dos campeões.

BASÍLIO

FOI COMO EM UM SONHO

"...E pensar que eu quase não jogo naquela noite! Na véspera, tive uma contratura, e, de manhã, enquanto eu fazia o tratamento, o seu Brandão (técnico do Corinthians) *apareceu no meu quarto, na concentração, e disse: 'Sonhei que você vai fazer o gol da vitória'. Ri. Mas ele estava falando sério. Sempre que seu Brandão sonhava, não tinha erro: virava realidade.*

Quando o Vaguinho acertou a trave e ela voltou na direção da marca do pênalti, pensei: alguém tem que encostar para apanhar o rebote. Veio o Wladimir, que cabeceou. O próximo a tocar foi Oscar, de cabeça. Aí ela sobrou para mim, limpinha, na frente do gol. Tinha muita gente na área, mas, depois que chutei, não tive dúvidas: já saí vibrando. No ato, me lembrei da profecia do seu Brandão.

Depois do jogo, por incrível que pareça, passei despercebido na saída do estádio, e entrei no carro. Cheguei em casa e tinha a maior festa. O primeiro presente que ganhei por causa do gol foi um bezerro, que um fazendeiro corintiano cismou em me dar. Como eu não tinha condições de ir buscar o bicho, repassei para o Vaguinho, que já era do ramo. O que recebi de mais importante e guardo, até hoje, porém, foi o calor humano da torcida. Graças a ela, aquele dia ficou marcado como o mais feliz da minha carreira e da minha vida."

A bola sobrou limpinha, na cara do gol, para ele. Depois do chute, foi só sair para o abraço

NÉLSON COELHO

Hoje, técnico do Timão: sob as traves do gol histórico

O RAIO-X DO JOGO

13/outubro/77
CORINTHIANS 1 x PONTE PRETA 0
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** Dulcídio Wanderley Boschilia; **Renda:** Cr$ 3 325 470; **Público:** 86 677; **Gol:** Basílio 36 do 2.º; **Cartão amarelo:** Ângelo e Basílio; **Expulsão:** Ruy Rei, Oscar e Geraldão
CORINTHIANS: Tobias, Zé Maria, Moisés, Ademir e Wladimir; Ruço, Basílio e Luciano; Vaguinho, Geraldão e Romeu. **Técnico:** Oswaldo Brandão
PONTE PRETA: Carlos, Jair, Oscar, Polozi e Ângelo; Vanderlei, Marco Aurélio e Dicá; Lúcio, Ruy Rei e Tuta (Parraga). **Técnico:** Zé Duarte

CORINTHIANS Campeão Paulista de 1977

Em pé: Zé Maria, Tobias, Moisés, Ruço, Ademir e Wladimir; **agachados:** Vaguinho, Basílio, Geraldão, Luciano e Romeu

MANOEL MOTTA

1.º DE JUNHO DE 1980

FLAMENGO 3 X ATLÉTICO-MG 2

SEM DÓ NEM PIEDADE

A final com o Atlético é uma guerra. E cada jogador rubro-negro só aceita sair de campo com a vitória

J.B. SCALCO

A vibração de Nunes: valentia durante os 90 minutos

Apenas cinco minutos de jogo e cada centímetro de campo é disputado como se fosse uma guerra. "Não vem pro meu lado que te dou uma porrada", dispara o centroavante rubro-negro Nunes para o ponta atleticano Éder. É este o clima que envolve os 22 jogadores de Flamengo e Atlético Mineiro, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1980, no Maracanã. Nestes poucos minutos, o juiz José de Assis Aragão já distribuiu dois cartões amarelos: um para Tita e outro para Toninho, ambos do Flamengo. A torcida, também tensa, canta o hino rubro-negro como se fosse uma canção de batalha, fazendo questão de reforçar uma frase: "Vencer, vencer, vencer".

A equipe carioca, além de ótimo time, tem raça e coragem, e se manda com tudo para o ataque. Aos sete minutos, Osmar falha na zaga do Atlético e a bola sobra limpa para Nunes. João Leite sai do gol e o centroavante dá um leve toque por baixo de seu corpo. As bandeiras rubro-negras enchem o Maracanã de cor. Agora, não tem jeito, pensam os torcedores cariocas.

Mas o Atlético não está morto. Pelo contrário. Um minuto depois, a bola sobra no bico da grande área para Reinaldo. Ele escora de leve e encobre Raul. Cai sobre o estádio um silêncio de morte. "Quero um time macho. Homem não deixa atacante escolher o canto desse jeito", esbraveja Raul.

Nunes é quem mais luta em campo. De sua cabeça não sai a idéia da vitória. Briga, xinga os companheiros, bate nos adversários. Parece encarnar o espírito do Deus da Raça Rondinelli, que, vítima da violência atleticana no primeiro jogo, no Mineirão, não joga hoje. Aos 40 minutos, Nunes, o João Danado, deixa a perna no caminho e atinge o zagueiro Luizinho, que cai contorcendo-se de dor. Quatro minutos depois Júnior chuta, a bola bate na zaga e sobra para Zico. De virada, o Galinho faz 2 x 1. O Maracanã é um delírio só. De novo, os cariocas voltam a pôr a mão na taça.

Vem o segundo tempo e o ritmo permanece forte. O Flamengo ainda manda no jogo. É muito mais time. O

GOL DANADO DE BOM

João Danado ganha de Orlando e toca por baixo de João Leite. Os rubro-negros saem na frente contra o Galo

IGNÁCIO FERREIRA

Zico não se entrega: "Vou até o músculo estourar"

Atlético, no entanto, é uma equipe guerreira. Por isso, Zico não deixa os companheiros se acomodarem. "Acorda no jogo", berra para o ponta Júlio César. O Flamengo é só coração. Sentindo ainda a entrada dada por Nunes no primeiro tempo, Luizinho deixa o campo.

Agora, além da substituição do zagueiro, o Atlético sente também a quase impossibilidade de jogar de Reinaldo. Ele arrasta pelo campo a perna direita, atingida duramente no joelho. Mas os mineiros são valentes e vão ao ataque. A bola cruza toda a área e cai no pé justamente de Reinaldo, que, mesmo capengando, completa para o gol. É o empate em 2 x 2.

Se este resultado permanecer, o título vai para Belo Horizonte. O Maracanã sente o perigo e incentiva ainda mais os rubro-negros. A cada minuto, a tensão aumenta. Reinaldo xinga o juiz José de Assis Aragão e é expulso. Os atleticanos se enervam. Faltam agora só dez minutos para o final do jogo. Dez minutos de guerra. A situação do Flamengo fica cada vez mais difícil. Zico sente uma contusão sofrida nas semifinais contra o Coritiba, mas continua em campo, heróico. "Vou até o músculo estourar", decide.

RODOLPHO MACHADO

Time compacto: o mérito do Fla

Nunes pega então a bola na ponta-esquerda parte para cima do zagueiro Silvestre. São 37 minutos e ninguém vê mais a bola, já encoberta por um batalhão de repórteres e torcedores postados na lateral do gramado. O centroavante entra na grande área e solta a bomba. A bola explode no zagueiro e volta para os pés do atacante rubro-negro. Nunes corta Silvestre para o fundo do campo, mas acaba sem ângulo. Mesmo assim, chuta. E é gol. Gol do Flamengo. Gol de João Danado. Gol do título inédito de campeão brasileiro — título que levaria o Flamengo a conquistar, primeiro, a América; depois, o mundo.

AVANIR NIKO

Júlio César: berros de Zico

NUNES

A VITÓRIA COMO FORRA

"Aquele jogo decisivo, no Maracanã, tinha sabor de vingança. Principalmente para mim. A vitória do Atlético no primeiro jogo, no Mineirão, por 1 x 0, ficou entalada na minha garganta. Eles venceram com um gol do Reinaldo, beneficiando-se de uma infelicidade do Júnior. O Galo me irritou.

Na véspera da decisão, fui dormir à meia-noite. Estava ansioso, mas longe de parecer tenso. Não via a hora do início da partida e, quando entrei em campo, baixou o santo em mim. Fiz o primeiro gol graças a um lançamento do Zico, mas eles empataram. Pedi paciência aos companheiros antes de colocar a bola em jogo. No fim do primeiro tempo, Zico desempatou e o segundo tempo foi catimbado.

O Atlético tinha jogadores manhosos, como Palhinha, Cerezo, Éder e Chicão. O Reinaldo empatou, perto dos vinte minutos. Novamente peguei a bola, levantei os braços e acenei para o Raul se acalmar. Gritei para ele que iria resolver o problema. E resolvi. Com um golaço. Entortei o Silvestre e, mesmo sem ângulo, fiz o 3 x 2. Fiquei alucinado. Tudo aquilo era delicioso. A torcida gritava meu nome. Foi fantástico. Depois, todo o time foi comemorar em uma discoteca. Eu, não. Preferi ir para o meu apartamento comemorar aquela tarde gloriosa intimamente. Afinal, acho que eu merecia mesmo um descanso, não é verdade?"

Depois do empate, acenou para Raul e disse que resolveria o jogo. O gol veio em seguida

AGÊNCIA GLOBO JORGE RODRIGUES JORGE

O Galo pagou caro por irritar Nunes: levou dois gols

O RAIO-X DO JOGO

1.º/junho/80
FLAMENGO 3 x ATLÉTICO-MG 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** José de Assis Aragão (SP); **Renda:** Cr$ 19 726 210; **Público:** 154 355; **Gols:** Nunes 7, Reinaldo 8 e Zico 44 do 1.º; Reinaldo 21 e Nunes 37 do 2.º; **Cartão amarelo:** Tita, Toninho Cerezo, Chicão, Nunes, Júnior e Reinaldo; **Expulsão:** Reinaldo, Chicão e Palhinha
FLAMENGO: Raul, Toninho, Marinho, Manguito e Júnior; Paulo César Carpegiani (Adílio), Andrade e Zico; Tita, Nunes e Júlio César. **Técnico:** Cláudio Coutinho
ATLÉTICO-MG: João Leite, Orlando (Silvestre), Osmar, Luizinho (Geraldo) e Jorge Valença; Chicão, Toninho Cerezo e Palhinha; Pedrinho, Reinaldo e Éder. **Técnico:** Procópio

FLAMENGO Campeão Brasileiro de 1980

Em pé: Andrade, Marinho, Raul, Rondinelli, Carlos Alberto e Júnior; **agachados:** Tita, Adílio, Nunes, Zico e Júlio César

RODOLPHO MACHADO

FOTOS: MANOEL MOTTA

Jair Gonçalves cruza para o gol: o herói recebe as honras

O CHUTE MORTAL

O voleio de Ronaldo é perfeito e entra no canto esquerdo de Buticce. A Fiel silencia. Quem fica no Morumbi faz uma inesquecível festa em verde e branco

AMILTON VIEIRA

22 DE DEZEMBRO DE 1974

PALMEIRAS 1 X CORINTHIANS 0

A MAIS DOCE DAS VINGANÇAS

Onze gigantes de verde estão em campo para triturar o Corinthians e calar a cidade que cantou uma impossível vitória alvinegra durante toda a semana

Mal o corintiano Zé Roberto toca na bola dando início ao jogo, já meio time do Palmeiras corre para cima dele ao mesmo tempo, como se esta fosse a jogada decisiva não só da partida, mas de suas vidas. O fato é que os jogadores palmeirenses estão mordidos com o que aconteceu durante toda a semana. Só se falou em Corinthians, só se festejou Corinthians, aclamando-o como campeão por antecedência. O Palmeiras era pouco mais que nada, apenas uma coisa pequena que podia ser colocada de lado com um simples peteleco. Por isso, a equipe mostra agora toda essa disposição.

Dudu marca na direita e na esquerda. Não dá sossego a Rivelino, ajuda a defesa a conter as investidas de Vaguinho e Lance, grita, orienta, divide, sai para o jogo. Mas não é só ele. Luís Pereira, Alfredo e Zeca, atrás, e Leivinha, Ronaldo, Edu e Ademir da Guia, na frente, também demonstram uma disposição comovente na disputa de cada jogada. O Corinthians, até então tido e havido como o favorito, começa a se apequenar ante aqueles gigantes vestidos de verde. A torcida palestrina, minoria no Morumbi, começa a ficar à vontade, enquanto a Fiel cala-se, tensa, temerosa.

Aos 21, o centroavante Ronaldo percebe Buticce adiantado e dá um leve toque da meia-lua da grande área. Com as pontas dos dedos, o goleiro corintiano consegue evitar a festa alviverde. Mas a jogada ajuda a despertar a galera de vez. O Corinthians se encolhe e o bombardeio continua — com Nei, com Leivinha, com Edu e, aos 37, novamente com Ronaldo. Livre

de marcação, o centroavante domina e se prepara para fuzilar Buticce. Esta não vai ter jeito. Antes, porém, que o camisa 9 finalize, o juiz Dulcídio Wanderley Boschilia apita impedimento. Só ele e o bandeirinha Roberto Nunes Morgado viram qualquer irregularidade no lance.

Apesar do 0 x 0, o primeiro tempo termina com o Palmeiras mandando no jogo. O Corinthians é uma equipe encurralada, dominada. Luta, é verdade, mas sem conseguir chegar à área adversária ou mesmo equilibrar a partida no meio-de-campo. Na segunda etapa, o panorama continua igual. A cada ataque agudo do time alviverde, a torcida

J.B. SCALCO

Dudu leva um petardo de Rivelino na cabeça. Sai de maca, mas volta para a barreira. Tudo pelo Verdão

O Palmeiras não dá chance. Hoje o título não escapa

canta, debochada, "Zunzunzum, é 21", numa alusão aos anos que o adversário não consegue um título.

Aos dezoito, as 120 522 pessoas que superlotam o Morumbi silenciam. Lá embaixo, no gramado, o volante Dudu está estirado, vítima de uma violenta co-

MANOEL MOTTA

Luís Pereira consola Rivelino

brança de falta que explodiu em sua cabeça. Deixa o campo desmaiado e ninguém acredita muito que poderá voltar. No entanto, apesar de seus 35 anos, o jogador encontra forças para dar uma das maiores demonstrações de amor à velha camisa palestrina que a torcida já viu. Dudu não só retorna ao campo da luta como ainda se oferece para participar de uma nova barreira, em cobrança de outra falta, pelo mesmo Rivelino.

O gesto comove seus companheiros de tal forma que, a partir daí, todos prometem: ninguém tira esse título do Palmeiras. O time passa a brigar pela bola ainda mais. Nenhum corintiano tem tempo para dominar a jogada com tranqüilidade, pois logo aparece um palmeirense para marcá-lo. No entanto, apesar de todo o esforço e determinação, a vitória parece estar longe. Irritado com o desempenho de seu ataque, o técnico Oswaldo Brandão decide substituir o centroavante Ronaldo por Fedato, uma espécie de pé-de-coelho que o treinador palmeirense utilizou com sucesso ao longo de todo o campeonato de 74.

São 24 minutos agora e Jair Gonçalves, improvisado lateral que substitui Eurico, centra forte, com vontade, sobre a área corintiana. Leivinha sobe mais que o zagueiro Brito e escora para Ronaldo. O centroavante corre, com o zagueiro Ademir tentando desesperadamente bloquear a passagem da bola. Mas é inútil: o voleio do camisa 9 sai forte e entra no canto esquerdo de Buticce. A torcida comemora. Mais que o gol, festeja o título de campeão, pois o Corinthians não tem como reagir. Não contra aqueles onze gigantes vestidos de verde que ousaram derrotar não apenas um time, mas uma cidade inteira. E, enquanto a Fiel deixava o estádio em silêncio, os palmeirenses faziam a sua festa. "Zunzunzum, é 21; zunzunzum, é 21", eles cantavam. "É campeão, é campeão", eles gritavam. Contra a vontade de uma cidade, na mais doce das vinganças.

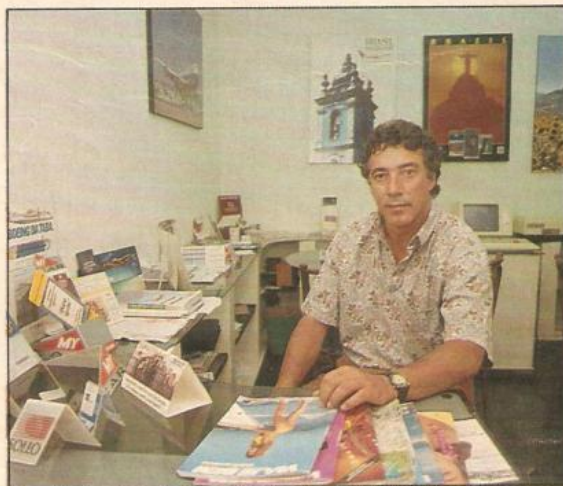
RONALDO

UM HERÓI PREDESTINADO

Estava predestinado para jogar naquele dia. Tive uma contusão no primeiro jogo da final, na quarta-feira, que terminou 1 x 1, e não treinei durante todo o resto da semana. Apesar disso, passei por um tratamento intensivo. O Eurico me ajudou muito, segurando minhas pernas durante as flexões. Doía demais, mas valeu a pena: no dia do jogo, eu me encontrava novamente em condições. Parecia que estava mesmo escrito que eu tinha que jogar.

Durante toda a semana, só se falava de Corinthians. Há dezessete anos eles não disputavam uma final, e, por isso, a carga do lado de lá era muito grande. Com a gente, isso já não acontecia. O Palmeiras era campeão paulista de 1972 e brasileiro de 1972 e 1973 — se perdêssemos, portanto, não haveria grandes cobranças.

Ao contrário do que pensávamos, porém, acabou sendo a final mais fácil que já joguei. Talvez por tudo isso, os jogadores do Corinthians não conseguiam acertar quatro passes seguidos. Melhor para a gente: senti de cara que a vitória não estava longe. Assim, quando recebi a bola de Leivinha, e o Buticce saiu para abafar o lance, bati com confiança, por baixo do corpo dele. Não senti o barulho da torcida na hora que chutei, só um silêncio sem fim. Depois, eu e Leivinha tivemos que sair em uma Kombi da polícia. Ainda recebi umas quarenta cartas, me ameaçando de morte por causa deste gol, e até hoje fiquei marcado em São Paulo. Mesmo assim, valeu a pena.

Depois do jogo, recebeu umas 40 cartas de corintianos ameaçando-o de morte. Mas valeu a pena

WASHINGTON ALVES

Ronaldo lembra do jogo: "A final mais fácil do Verdão"

O RAIO-X DO JOGO

22/dezembro/74
PALMEIRAS 1 x CORINTHIANS 0
Local: Morumbi (São Paulo); **Juiz:** Dulcídio Wanderley Boschilia; **Renda:** Cr$ 2 311 658; **Público:** 120 522; **Gol:** Ronaldo 24 do 2.º

PALMEIRAS: Leão, Jair Gonçalves, Luís Pereira, Alfredo e Zeca; Dudu e Ademir da Guia; Edu, Leivinha, Ronaldo e Nei. **Técnico:** Oswaldo Brandão
CORINTHIANS: Buticce, Zé Maria, Brito, Ademir e Wladimir; Tião e Rivelino; Vaguinho, Lance, Zé Roberto (Ivã) e Adãozinho (Pita). **Técnico:** Sylvio Pirillo

PALMEIRAS Campeão Paulista de 1974

Em pé: Jair Gonçalves, Leão, Luís Pereira, Alfredo, Dudu e Zeca; agachados: Edu, Leivinha, Ronaldo, Ademir da Guia e Nei

J.B. SCALCO

ARI GOMES

ANDRÉ DURÃO AGÊNCIA 513

Romário virou o primeiro jogo para 2 x 1 e atormenta a defesa: um herói do Vasco vira-vira

22 DE JUNHO DE 1988

VASCO 1 X FLAMENGO 0

A NOITE DA GANA, A NOITE DO BI

O Vasco é pressionado, mas resiste a tudo para conseguir seu primeiro bicampeonato em 38 anos. Um time macho. O Machão da Gama

Mais do que nunca, o Vasco está mostrando hoje a sua força. Mais do que nunca, é o Machão da Gama — um time lutador, valente, que jamais se entrega. Precisando da vitória para provocar um terceiro jogo, o Flamengo não lhe deu um minuto sequer de descanso durante a primeira etapa, num sufoco formidável. Mas a equipe vascaína resistiu, como continua resistindo agora neste segundo tempo. Por duas vezes a bola beijou estalando as traves do goleiro cruzmaltino Acácio. Nem assim, porém, time e torcida perdem a tranqüilidade. A cada ataque perigoso dos rubro-negros, mais forte se ouve o coro alegre nas arquibancadas: "Vascô, Vascô, Vascô".

Renato Gaúcho investe sobre Mazinho, passa por ele em velocidade e acredita que

agora vai conseguir cruzar. Quando chega perto da linha de fundo, no entanto, é travado por... Mazinho. As arquibancadas agitam suas bandeiras. Bebeto dribla Donato e acelera em direção à área. Na bola, na classe, Fernando o desarma. "Vascô, Vascô", a galera explode. O Flamengo tenta pela direita, pela esquerda, pelo meio, e só o que encontra é frustração. A partida está chegando ao final e fica cada vez mais claro que não há como a equipe vascaína ser vencida. Se os rubro-negros fizerem um gol, o Vasco vai buscar o empate. Essa é a certeza que a torcida guarda no coração.

Não é uma convicção saída do nada. Ao contrário. Está solidamente apoiada no que já aconteceu ao longo deste Campeonato Carioca de 1988. Na decisão do segundo turno, por exemplo, o time cruzmaltino perdia por 1 x 0 e virou para 2 x 1. No terceiro turno, contra o próprio Flamengo, nova virada de 2 x 1, com um gol inesquecível dè Romário encobrindo o goleiro Zé Carlos. Por isso o Vasco está cheio de moral e pronto para suportar com tranqüilidade a pressão flamenguista.

Os relógios do Maracanã marcam agora 40 minutos. Se este empate de 0 x 0 persistir, os vascaínos vão comemorar o bicampeonato estadual, um título que eles não conseguem desde 1950,

FERNANDO PIMENTEL

MARACANÃ ILUMINADO

Cocada marca, tira a camisa e corre para provocar os rubro-negros, criando uma grande briga no gramado. O Maracanã explode de emoção e a galera do Vasco navega num mar de bandeiras alvinegras no Rio

Cocada chuta: um foguete corta a noite no Maracanã

ainda na época do Expresso da Vitória. Por precaução, o técnico Sebastião Lazaroni prepara-se para substituir o ponta-direita Vivinho pelo lateral reserva Cocada, que entra em campo um minuto depois. Sua tarefa é simples: ajudar o titular Paulo Roberto na marcação de Renato, Leonardo e Zinho, que tentam atacar por aquele setor.

Era só isso o que tinha que fazer. No entanto, aos 44, na primeira bola que pega, Cocada parte velozmente para o gol adversário, vence Leonardo na corrida, corta Edinho para dentro e, de fora da área, dispara a bomba. É um chute que deixa o Maracanã boquiaberto, tal a sua violência e precisão mortífera. Como um foguete cortando a noite, a bola bate no alto das redes do goleiro Zé Carlos e volta quase até a marca do pênalti.

O Maracanã explode em preto e branco. Cocada, o herói, corre como um alucinado pelo campo, perseguido pelos companheiros. Em frente ao banco do Flamengo, ele desafia e xinga o treinador Carlinhos, que três anos antes o dispensara da Gávea por deficiência técnica. Este seu gesto dá início a uma grande confusão. O baixinho Romário goza Renato Gaúcho e leva um tapa. A briga começa. Serenados os ânimos, estão expulsos Cocada, Romário, Alcindo, Renato e o goleiro reserva vascaíno Paulo César. E o Vasco, o Machão da Gama, o Vasco dos resultados impossíveis, o Vasco do vira-vira, é bicampeão carioca depois de 38 anos. Na técnica, na garra, na vontade inabalável. E a torcida comemora madrugada adentro com foguetes, bandeiras, cerveja e cocada, muita cocada.

FOTOS ARI GOMES

Romário: briga com Renato

A torcida vascaína comemora. E carrega Geovani em triunfo

COCADA

UM MINUTO PARA SEMPRE

"Até hoje comemoro o dia 22 de junho como se fosse meu aniversário. Nessa data fico até mais feliz. E acho que não é para menos. Aquela decisão do Campeonato Carioca de 1988 foi o melhor momento de minha carreira. E ainda melhor porque não esperava entrar na partida.

Cheguei até a ganhar a posição de Paulo Roberto durante o campeonato. Peguei ritmo de jogo e fiz belas apresentações. Mas, quando chegaram as finais, o técnico Sebastião Lazaroni optou pela experiência do antigo titular. Não desanimei e continuei treinando como se tivesse que jogar em todos os finais de semana. Talvez por isso Lazaroni tenha optado por me utilizar no final do jogo contra o Flamengo.

Assim, quando entrei em campo estava com uma vontade além do normal. Enquanto Edinho corria para me marcar no lance do gol, por exemplo, eu pensava: 'Ele não vai me pegar'. Não pegou, e acabei marcando o gol do título. Aí lembrei de Carlinhos me dispensando do Flamengo em 1983 — alegando que eu não tinha talento para jogar em seu time — e disparei em direção ao banco de reservas do Flamengo. Não para brigar, mas para desabafar. Aí começou toda a confusão, o único fato triste da partida. De resto, foi uma das maiores emoções de minha vida. Jamais vou esquecer aquela noite."

Edinho corria para marcá-lo e ele pensava: "Não vai me pegar". Com toda essa raça, fez o gol do título

NÉLIO RODRIGUES

Cocada, no Operário-MS: gol comemorado como aniversário

O RAIO-X DO JOGO

22/junho/88
VASCO 1 x FLAMENGO 0
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Aloísio Viug (RJ); **Renda:** Cr$ 11 698 100; **Público:** 31 816; **Gol:** Cocada 44 do 2.º; **Cartão amarelo:** Zé do Carmo, Bebeto e Fernando; **Expulsões:** Renato, Alcindo, Romário e Cocada

VASCO: Acácio, Paulo Roberto, Donato, Fernando e Mazinho; Zé do Carmo, Geovani e Henrique; Vivinho (Cocada), Romário e Bismarck. **Técnico:** Sebastião Lazaroni

FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Aldair, Edinho e Leonardo; Andrade, Aílton (Júlio César) e Alcindo; Renato Gaúcho, Bebeto e Zinho. **Técnico:** Carlinhos

VASCO Bicampeão Carioca de 1987/88

Em pé: Paulo Roberto, Mazinho, Donato, Zé do Carmo, Fernando e Acácio; **agachados:** Geovani, Romário, Vivinho, Henrique e Bismarck

ARI GOMES

14 DE DEZEMBRO DE 1975

INTERNACIONAL 1 X CRUZEIRO 0

VITÓRIA DE GIGANTES, TCHÊ!

Inter e Cruzeiro fazem um duelo nunca visto em Porto Alegre. Vale tudo: raça, catimba, categoria

Nenhum Gre-Nal fez Porto Alegre tremer tanto quanto esta final do Brasileiro de 1975, entre Internacional e Cruzeiro. A capital gaúcha é inteira vermelha, e o grito, um só: "Colorado, colorado..." Da fronteira vieram pencas de uruguaios, seduzidos pela possibilidade de assistir, pela primeira vez, a um time gaúcho ser campeão brasileiro. Na Rua da Praia, a principal da capital, as faixas de campeão estão à venda desde ontem.

No primeiro minuto da partida, Figueroa já se destaca, interceptando Palhinha, que quase alcança a grande área. Ambos os times jogam presos, numa guerra tática capaz de estraçalhar os nervos do mais bravo torcedor. Os beques sobram em campo. Piazza marca Flávio, e deixa Moraes na espera. Do outro lado, Caçapava não larga Palhinha, procurando facilitar as participações de Figueroa e Hermínio. A partida está truncada. A catimba rola solta. Figueroa, irritado com as manhas de Palhinha, resolve apelar. Aos treze minutos, aplica uma cotovelada no rosto do atacante, que sangra. O goleiro colorado, Manga, respira aliviado. E a torcida também.

O nariz de Palhinha não resistiu a Figueroa. Nem o Cruzeiro

FOTOS J.B. SCALCO

Com uma distensão na coxa esquerda, o velho Manga é uma preocupação a mais para todos. Aos poucos, porém, ele vai provando que, mesmo machucado, é um paredão. A cada bomba cheia de efeito disparada nas cobranças de falta pelo cruzeirense Nelinho, Manguinha leva a galera ao delírio. Suas defesas são perfeitas. É um duelo eletrizante este que os dois travam. Mas não é o único em campo. Há também os duros combates entre Palhinha e Figueroa, Flávio e Piazza, Nelinho e Lula, Carpegiani e Zé Carlos e Falcão e Eduardo. Por todo o gramado a luta pela bola é incessante, dramática, vigorosa. Ninguém dá tempo nem espaço ao adversário. É um jogão.

Na segunda etapa, o pano-

COLORADO NAS ALTURAS

Figueroa sobe para marcar o gol do título entre quatro cruzeirenses. Depois é abraçado pelo celeiro de ases colorado

rama continua o mesmo. Em três minutos, o veterano Manga mostra toda a sua categoria defendendo bolas praticamente impossíveis. Aos onze, Valdomiro desce pela direita, na altura da bandeira de escanteio, e é cercado por Piazza. O volante não consegue dominar a bola com os pés. Usa as mãos. Dulcídio Wanderley marca a falta. Valdomiro centra forte, alto sobre a área. Os zagueiros do Cruzeiro vacilam. Figueroa surge inesperadamente e cabeceia no canto direito. A Raul só resta olhar o caminho que a bola traça para as redes. Gol. Gol. Gol. O Beira-Rio vira um carnaval só.

Três minutos depois, Neli-

Na arquibancada ninguém arreda pé. Nem respira

Caçapava: passando por cima

FOTOS J.B. SCALCO

Manga: um paredão mesmo machucado

A taça com Figueroa: boas mãos

nho bate nova falta. Manga salta e espalma. A torcida não acredita no que está vendo. Os gritos agora são em agradecimento ao goleiraço. O cruzeirense Zé Carlos não pára de reclamar, pedindo mais atenção a Moraes. Não adianta. Valdomiro desce pela direita e lança, da linha de fundo, para Lula. Na corrida, ele chuta. A bola explode. Contra a trave. As arquibancadas estremecem com a festa colorada.

Zezé Moreira, o técnico do Cruzeiro, está exasperado. Na tentativa desesperada do empate, ele altera o time. Nelinho sobe para o lugar de Eduardo, e Sousa vai para a lateral, enquanto Eli Mendes entra no lugar de Roberto Batata. Mas nada parece superar a garra do Inter.

Palhinha esbraveja, não agüenta mais a marcação, depois do terceiro cotovelaço de Figueroa. Valdomiro acaba pagando o pato. Leva uma rasteira, que, na verdade, é uma vingança contra Figueroa. Cartão amarelo. Manga continua operando milagres. O jogo é lá e cá, misturando técnica e raça em altas doses. Agora é Nelinho quem quase empata de cabeça. É uma partida dramática.

Nas arquibancadas, ninguém arreda pé, respiração presa. Aos 41 minutos, o estádio xinga Dulcídio. O relógio marca: 45 minutos e nada dele apitar o final. A culpa cai sobre os repórteres, que se levantaram, impedindo a visão do público. Finalmente, aos 49, soa o fim do jogo. O Beira-Rio se tinge de vermelho. Os jogadores se abraçam, pulam, gritam. Num duelo de gigantes, eles venceram e se tornaram, acima de qualquer dúvida, os novos campeões do Brasil.

FIGUEROA

VOZ DE COMANDO VERMELHO

"Apenas uma coisa nos preocupava na semana da decisão. Sabíamos que tínhamos mais time do que o Cruzeiro. Para nós, o adversário mais difícil já havia sido vencido: o Fluminense, de quem ganhamos por 2 x 0, no Maracanã. Mas nossa equipe era muito jovem e podia sentir o peso da decisão, e isso tirava um pouco da nossa tranqüilidade. Valdomiro, Manga e eu, os mais experientes, tentamos então acalmar os jogadores novos. Quando entramos em campo, porém, já sabíamos que o título estava próximo. A semana havia provado que a equipe era valente e jovens como Falcão, na época com 22 anos, sabiam a responsabilidade que tinham de não perder o campeonato em pleno Beira-Rio. E até reservas como Valdir e Chico Fraga, que só entraram na decisão, respectivamente nos lugares de Cláudio e Vacaria, se saíram muito bem naquela final. Todo o grupo tinha um espírito vencedor.

Assim, não tivemos problemas para jogar o mesmo grande futebol do resto da campanha. Mas treinamos muito e ensaiamos várias jogadas. Inclusive a do gol, com cruzamentos de Valdomiro tentando me encontrar no centro da grande área. Os cruzeirenses sabiam disso e fizeram uma marcação especial sobre mim todas as vezes que fui ao ataque. Havia sempre dois zagueiros me marcando.

Mesmo assim, subi bem e dei sorte de acertar a cabeçada. Aí, mais uma vez, foi a hora de acalmar os companheiros, mostrando que o título ainda não estava ganho. Mas, quando o juiz apitou, não contive a emoção. Foi uma das melhores sensações da minha vida."

Havia sempre dois zagueiros em sua marcação. Mas subiu e acertou a cabeçada

LIANE NEVES/FOTO F

Figueroa: "O time era valente"

O RAIO-X DO JOGO

14/dezembro/75
INTERNACIONAL 1 x CRUZEIRO 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); **Juiz:** Dulcídio Wanderley Boschilia; **Renda:** Cr$ 1 734 805; **Público:** 82 568; **Gol:** Figueroa 11 do 2.º; **Cartão amarelo:** Moraes e Palhinha

INTERNACIONAL: Manga, Valdir, Figueroa, Hermínio e Chico Fraga; Caçapava, Falcão e Paulo César Carpegiani; Valdomiro (Jair), Flávio e Lula. **Técnico:** Rubens Minelli

CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Moraes, Darci Meneses e Isidoro; Piazza, Zé Carlos e Eduardo (Sousa); Roberto Batata (Eli), Palhinha e Joãozinho. **Técnico:** Zezé Moreira

INTERNACIONAL Campeão Brasileiro de 1975

Em pé: Manga, Cláudio, Figueròa, Hermínio, Vacaria e Falcão; **agachados:** Valdomiro, Escurinho, Flávio, Carpegiani e Lula

J.B. SCALCO

25 DE FEVEREIRO DE 1987

SÃO PAULO 3 X GUARANI 3

ARREBENTANDO CORAÇÕES

O são-paulino deve se preparar para tudo nesta final com o Guarani. O equilíbrio é muito grande e, talvez, a sorte só seja decidida mesmo no último chute

Este início de partida contra o Guarani, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1986, não podia ser mais cruel para o torcedor são-paulino. Mal ele se ajeita em seu lugar — seja entre os quase 40 000 torcedores que lotam o Estádio Brinco de Ouro, seja em uma confortável poltrona colocada em frente à televisão —, já acontece o pior. Logo a dois minutos, Nelsinho, o dono da lateral-esquerda em tantas outras conquistas, escora um cruzamento do bugrino Zé Mário contra suas próprias redes.

Conseguir vencer uma decisão perdendo de cara por 1 x 0, e ainda por cima na casa do adversário, é quase uma missão impossível. A torcida tricolor se aflige, sofre, xinga, rói as unhas. O time, no entanto, parece não sentir o golpe. Procura tocar a bola velozmente, como sempre, impor seu jogo, de modo calmo, consciente.

O resultado dessa tranqüilidade inabalável não tarda. Bernardo, um gigante no meio-campo, faz-se ainda maior que a defesa do Guarani e empata numa cabeçada fulminante. Tudo isso com apenas nove minutos de jogo, em uma noite que prometia ainda muito mais emoções.

A partir daí o são-paulino volta a sorrir. Deleita-se com as jogadas de Careca, que, na mais genial delas, coloca Müller na cara do gol. Mas a trave salva o goleiro bugrino Sérgio Néri, num lance de pura arte. Arte é a palavra exata para definir o que o ataque do São Paulo faz na partida, com seus toques rápidos e deslocações constantes. No entanto, como já acontecera no primeiro jogo das finais, no Morumbi, Ricardo Rocha é um leão na zaga do Guarani. Com um tampão para conter o sangue que lhe escorre do nariz, ele frustra, uma a uma, todas as investidas do tricolor contra sua área.

No segundo tempo, tudo continua igual. O São Paulo arma suas jogadas com consciência, mas o Guarani não só se defende bem como contra-ataca sempre com perigo. Num desses lances, José de Assis Aragão, o juiz tão contestado pelo time de Campinas na véspera da decisão, interpreta como normal uma entrada de Wágner Basílio no ponta-esquerda João Paulo. Os bugrinos reclamam pênalti; os são-paulinos já preparam o coração para uma prorrogação que promete ser de arrepiar.

Quando ela começa, a torcida do São Paulo sente-se, enfim, vinga-

FOTOS SERGIO BEREZOVSKY

Careca e Ricardo Rocha: em qualquer parte do campo, onde quer que a bola vá, lá estão os dois craques

da daquele susto inicial. Agora é Pita, completando mais um lance feliz de Müller, quem dá o troco aos bugrinos. Com apenas um minuto de bola correndo, o meia põe o São Paulo em vantagem. Porém, aos sete, Marco Antônio Boiadeiro empata outra vez. Pior: logo no começo da segunda etapa da prorrogação, João Paulo faz 3 x 2 para o Guarani.

Em pouco menos de duas horas, o são-paulino — que vinha de um sofrido empate em 1 x 1, no primeiro jogo, disputado em seu estádio — já tinha visto praticamente de tudo. Primeiro, o gol contra relâmpago de Nelsinho. Depois, o empate de

GRAÇAS AO CRAQUE

Quando tudo parece perdido para o tricolor, brilha o gênio de Careca. E todos comemoram a chance da cobrança dos pênaltis

Bernardo. Sentira-se quase campeão pelos pés de Pita. E, agora, via o sonho do título ir por água abaixo. Não era possível que àquela altura, quando os alto-falantes do Brinco de Ouro começavam a tocar o hino do Bugre e sua torcida dava início a uma festa igual à de 1978, houvesse ainda

"Passa a bola que o Careca resolve", diz o goleiro

tempo para mudar mais uma vez a história do jogo.

E é aí que o gênio de Careca brilha com todo o esplendor. "Passa a bola que ele resolve", sugere em desespero de causa o goleiro Gilmar. A menos de um minuto do fim do pesadelo, Wágner dá o último chutão, e a bola, que até então fizera o são-paulino sofrer tanto, caprichosamente contra o atacante entrando livre por trás da zaga.

O centroavante solta o pé esquerdo, num sem-pulo perfeito, e estufa as redes de Sérgio Néri. É o último ato com o jogo em movimento. Com o gol o São Paulo ganha o direito de decidir o título brasileiro na cobrança dos pênaltis. E também aí haja coração.

Ninguém é capaz de arriscar um palpite. Foi assim durante toda a noite, e continua sendo agora nas cobranças alternadas. Definitivamente, a sorte parece querer brincar até o fim com os nervos dos dois finalistas. Pois não é que, logo na primeira cobrança do São Paulo, Careca, o inesquecível herói que proporcionou o último fio de esperança ao tricolor, joga a bola nas mãos do goleiro bugrino? Menos mal que o Guarani também já tenha perdido o seu com Marco Antônio Boiadeiro, defendido pelo predestinado Gilmar. Depois de o ponta João Paulo perder outro pênalti do Guarani, chutando por cima, a sorte está, finalmente, nos pés do zagueiro Wágner Basílio.

Não poderia ser diferente: o chute saiu forte, como deve ser, rente à trave direita. Mas, mesmo assim, o goleiro Sérgio Néri quase atrapalha tudo. Desta vez, porém, seria demais: a bola acaba morrendo mansa a poucos palmos da linha do gol. O torcedor são-paulino está finalmente liberado para fazer a festa, ali mesmo no Brinco de Ouro, ou saltar em sua confortável poltrona e gritar, bem alto, o nome do São Paulo, o novo campeão do Brasil.

SERGIO BEREZOVSKY

Nos pênaltis, Gilmar defende...

CARLOS FENERICH

...e Wágner confere: campeão

GILMAR

ACREDITANDO ATÉ O FIM

"Nunca vou me esquecer. João Paulo acabara de marcar o terceiro gol do Guarani, já na prorrogação, e bateu o desespero. Darío Pereyra, experiente, se aproximou de mim, encostou a cabeça na trave e disse que não acreditava mais na vitória. Por um segundo eu me contagiei pelo desânimo, mas reagi. Disse aos berros que ainda dava para, pelo menos, empatar e depois arriscar tudo na loteria dos pênaltis.

Eu, de tanto bater tiros de meta, já nem tinha força nas pernas. Faltavam dois minutos para acabar a prorrogação e o Wágner Basílio ia atrasar a bola. Ele queria que eu desse um chutão. Pedi para ele mandar direto. Felizmente ele atendeu. A bola foi alta e, por incrível que pareça, o Pita ganhou na cabeça do Ricardo Rocha. Careca chutou e empatamos. Nos pênaltis, novo drama. O Careca pediu ao Juvenal Juvêncio, então vice-presidente de futebol, que dobrasse o bicho. Ele tanto insistiu que o Juvêncio cedeu. Só que o Careca bateu mal o primeiro pênalti e perdeu. No ato, o dirigente voltou atrás. Mas as coisas não acabariam ali. O Marco Antônio, lateral-direito, bateu e eu defendi. Fomos acertando as nossas cobranças e o João Paulo bateu por cima da trave. Aí foi minha vez de pedir o bicho em dobro. Os dirigentes atenderam. Não havia mais tensão, só o título a comemorar."

Quando João Paulo perdeu outro pênalti do Guarani, foi a vez de Gilmar pedir o bicho em dobro

MARCO A. CAVALCANTI

Gilmar, da área, comandou a jogada para o gol do empate

O RAIO-X DO JOGO

25/fevereiro/87
GUARANI 3 x SÃO PAULO 3
Local: Brinco de Ouro da Princesa (Campinas); **Juiz:** José de Assis Aragão (SP); **Renda:** Cz$ 4 222; **Público:** 37 370; **Gols:** Nelsinho (contra) 2 e Bernardo 9 do 1.º; Pita 1 e Marco Antônio Boiadeiro 7 do 1.º da prorrogação; João Paulo 2 e Careca 13 do 2.º da prorrogação; **Cartão amarelo:** Ricardo Rocha e Careca; **Expulsão:** Vágner

GUARANI: Sérgio Néri, Marco Antônio, Ricardo Rocha, Valdir Carioca e Zé Mário; Tosin, Tite e Marco Antônio Boiadeiro; Catatau (Chiquinho Carioca), Evair e João Paulo. **Técnico:** Carlos Gainete

SÃO PAULO: Gilmar, Fonseca, Wágner Basílio, Darío Pereyra e Nelsinho; Bernardo, Silas (Manu) e Pita; Müller, Careca e Sídney (Rômulo). **Técnico:** Pepe

PLACAR

SÃO PAULO Campeão Brasileiro de 1986

Em pé: Fonseca, Gilmar, Wágner Basílio, Dario Pereyra e Bernardo; **agachados:** Müller, Silas, Careca, Pita e Sídney. Nelsinho não posou para a fotografia

SÉRGIO BEREZOVSKY

Palhinha encara a dura marcação argentina: sangue guerreiro

FOTOS CÉLIO APOLINÁRIO

30 DE JULHO DE 1976

CRUZEIRO 3 X RIVER PLATE 2

NA RAÇA E NA MOLECAGEM

Cruzeiro ou River? A três minutos do fim deste terceiro jogo que decide a Taça Libertadores de 1976, Nelinho toma distância para cobrar a última falta. Mas ninguém vê Joãozinho se aproximando. E isso vai ser fatal para os argentinos

Vamos ganhar deles. Vamos ganhar porque somos melhores Jairzinho não cansa de repetir, grudado ao alambrado do Estádio Nacional de Santiago. Ele não pode participar deste terceiro jogo da decisão da Libertadores de 1976, contra o River Plate. Justo ele, o Furacão da Copa de 70, tão importante na primeira vitória, em Belo Horizonte, por 4 x 1, mas que tinha sido expulso em Buenos Aires, na derrota por 2 x 1.

No gramado, é uma guerra. A terceira guerra em poucos dias entre os dois times. Enquanto o River prefere os contra-ataques, Joãozinho leva o lateral Comelles à loucura com seus dribles. É seguramente a maior atuação de um ponta brasileiro em gramados chilenos desde que o Mané Garrincha, catorze anos antes, deslumbrou o mundo,

ganhando praticamente sozinho a Copa de 1962.

Dez mil argentinos invadiram Santiago para levar a Taça Libertadores para Buenos Aires. A gritaria que estão fazendo acaba no momento em que o cruzamento de Eduardo, da direita, chega perto de Palhinha. Ele espera, atento, na marca de pênalti. Entre Palhinha e a bola, porém, aparece a mão do zagueiro Urquiza, último recurso argentino. De nada adianta o melodrama de Merlo e Oscar Más, que, desesperados, tentam fazer o juiz chileno Alberto Martínez mudar de idéia. É Nelinho quem corre para a bola — e pênalti cobrado por ele é garantia de gol. A bomba explode no canto direito. Ai do goleiro Landaburu se tentasse interceptá-la. Cruzeiro 1 x 0, aos 24 minutos.

O time argentino, então, se vê diante de um dilema cruel: ir para o ataque e tentar o empate ou tomar mais cuidado com as descidas do endiabrado Joãozinho? Mas é o Cruzeiro, sempre mais firme, que continua insistindo. Palhinha é a encarnação da raça, a própria figura do lutador incansável a atormentar a defensiva argentina. Leva seguidas pancadas do grandalhão Lonardi, mas a cada queda ressurge, joelhos avermelhados, uniforme sujo, pronto para outra. Assim, sem nunca dar espaço para o inimigo, o time mineiro consegue terminar o primeiro tempo em vantagem. E ainda melhor: sem nunca sofrer grandes riscos.

A FESTA DO MOLEQUE

Tudo parecia perdido, e, por isso, Joãozinho não pediu licença a ninguém: correu na frente de Nelinho para fazer o gol do título. Uma doce irresponsabilidade

Mesmo assim, Jairzinho só vai respirar mais aliviado, desgrudar do alambrado, descontrair-se de verdade, no começo do segundo tempo, aos dez minutos. Ronaldo avança pela meia-esquerda, rola na medida para Eduardo, e o chute sai forte, de primeira,

O River faz 2 x 2: agora, só no peito e na malandragem

indefensável. É o segundo gol, e, pela cabeça do craque Jairzinho, do lado de fora do campo, volta um pensamento: "Somos mesmo melhores".

O desespero argentino, porém, logo se transforma em correria, gana, busca incessante pelo gol. Luque, centroavante do River, comanda essa reação. Ele entra na área disposto a levar tudo no peito. É Moraes quem o derruba, aos treze minutos. Oscar Más, com categoria, coloca em um canto. Raul pula no outro, e a partir daí todos sentem que não será tão fácil manter a vantagem. Jairzinho se desespera, e grita, cada vez mais espremido junto ao alambrado: "Pau neles!" Quatro minutos depois, vem o empate. O juiz ainda não havia autorizado a cobrança, mas Comelles alça uma falta sobre a área e a defesa do Cruzeiro fica inexplicavelmente parada. O lateral Urquiza faz 2 x 2. Agora tem que ser no peito e na raça. Nelinho dispara três bombas seguidas de fora da área.

Aos 42 minutos, surge a sofrida e última chance. É quando o gigante Ártico, mais uma vez, atinge Palhinha por trás. O lateral brasileiro prepara-se de novo para cobrar a falta. Enquanto se afasta da bola, Lonardi comanda a barreira e o goleiro Landaburu grita desesperadamente. Só que ninguém vê o sorrateiro Joãozinho, como quem não quer nada, correr e chutar para surpresa de seus próprios companheiros e dos adversários. A bola morre pela terceira vez nas redes do River, entrando no ângulo direito de Landaburu, que, atônito, sem reação, nem se mexe.

Não tem como o valente River Plate reagir. Não há mais tempo. Três minutos depois, os jogadores do Cruzeiro estão ajoelhados em círculo no gramado do Estádio Nacional agradecendo com orações. Joãozinho, com a camisa 5 do adversário nas mãos, abraça Jairzinho. É um abraço forte, comovido. "Somos campeões, somos campeões", diz o ponta entre lágrimas. Como resposta, Jair apenas estreita o companheiro mais ainda em seus abraços. Agora, as palavras já não são necessárias.

CÉLIO APOLINÁRIO

A taça: com quem foi mesmo melhor

JOÃOZINHO

UM CAPETA PELA PONTA

"Eu já havia saído de Belo Horizonte com uma forte entorse no joelho e quase não agüentava ficar em pé. Mas era a grande oportunidade que eu tinha de me tornar, pela primeira vez, campeão da América. O medo só batia quando pensava na possibilidade de não ser capaz de fazer coisa alguma para ajudar o time.

Acabei entrando em campo com uma proteção no joelho direito. Antes da partida começar, o Merlo, meio-campo do River, foi logo me avisando: 'Eu sei que você está com o joelho estourado. Na primeira bola que pegar, vou arrebentá-lo de vez'.

Durante o jogo, porém, reencontrei meu melhor futebol. Fizemos o primeiro, o segundo, e poderíamos até ter feito mais. Mas logo os argentinos descontaram, e, quando fizeram 2 x 2, juro que pensei que tudo estivesse perdido. Foi aí que o Palhinha, como de costume, cavou uma falta na entrada da área.

Nelinho ajeitava no meio de uma grande confusão. O goleiro gritava para marcarem dos dois lados, armava a barreira, e eu só observava. Quando ele estava distraído, fiz minha maior diabrura: chutei no canto em que ele não estava. Quando a bola entrou, vi que ninguém tinha entendido o que aconteceu. O seu Zezé, nosso técnico, queria até me bater: me chamou de moleque, foi o diabo. Mas faria tudo outra vez."

Esperto, ele se antecipa para fazer o gol da vitória. Depois, quase apanha do técnico por isso

WASHINGTON ALVES

As diabruras de Joãozinho garantiram o título

O RAIO-X DO JOGO

30/julho/76
CRUZEIRO 3 X RIVER PLATE 2
Local: Estádio Nacional (Santiago, Chile); **Juiz:** Alberto Martínez (Chile); **Público:** 35 182; **Gols:** Nelinho (pênalti) 24 do 1.º; Eduardo 10, Mas (pênalti)13, Urquiza17 e Joãozinho 42 do 2.º; **Expulsão:** Ronaldo e Alonso
CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Moraes, Darci Meneses e Vanderlei; Piazza (Osires), Zé Carlos e Palhinha; Eduardo, Ronaldo e Joãozinho. **Técnico:** Zezé Moreira
RIVER PLATE: Landaburu, Comelles, Lonardo, Artico e Urquiza; Sabella, Merlo e Alonso; Gonzalez, Luque e Mas (Crespo). **Técnico:** Angel Labruna

TABELÃO

OS JOGOS E DESTAQUES ATÉ A DÉCIMA RODADA

BOLA DE PRATA. MAIS: SEGUNDONA E LIBERTADORES

CAMPEONATO BRASILEIRO

FASE CLASSIFICATÓRIA

6.ª RODADA

22/fevereiro/92

BOTAFOGO 2 X CORINTHIANS 4

Local: Caio Martins (Niterói); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 23 410 000; Público: 4 622; Gols: Viola 13, 42 e Valdeir 43 do 1.º; Jairo 9, Chicão 29 e Luciano 43 do 2.º; Cartão amarelo: Marcelo, Pichetti, Carlos Alberto Dias e Gilmar Francisco; Expulsão: Viola

BOTAFOGO: Palmieri(5), Odemílson(5), Gilmar Francisco(5), Márcio Santos(4) e Jéferson(5) (Pichetti(5)); Carlos Alberto Santos(6), Pingo(5), Carlos Alberto Dias(5) e Valdeir(6); Renato Gaúcho(5) (Vivinho(6)) e Chicão(7). Técnico: Gil

CORINTHIANS: Ronaldo(6), Giba(6), Marcelo(6), Guinei(5) e Jacenir(6); Jairo(7) (Luciano(6)), Wílson Mano(7), Tupãzinho(6) e Marcelinho(6) (Ezequiel(5)); Viola(8) e Paulo Sérgio(6). Técnico: Basílio

O JOGO: A boa movimentação do ataque corintiano deixou o Botafogo tonto no primeiro tempo. Depois, o Timão teve a sorte de marcar seus gols quando os cariocas mais pressionavam.

23/fevereiro/92

ATLÉTICO-MG 0 X VASCO 4

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: José Mocellin (RS); Renda: Cr$ 38 381 000; Público: 15 145; Gols: Bismarck 13 do 1.º; Bebeto 2, Edmundo 10 e 37 do 2.º; Cartão amarelo: Tobias, Gérson Américo e Geovani

ATLÉTICO-MG: João Leite(5), Alfinete(5), André(4), Tobias(4) e Gérson Américo(4); Éder Lopes(5), Toninho Pereira(5) (Ryuler(4)) e Edivaldo(5); Valdir(5), Sérgio Araújo(5) e Edu Lima(5). Técnico: Jair Pereira

VASCO: Régis(6), Luiz Carlos Winck(7), Jorge Luís(6), Alexandre Torres(6) e Eduardo(7); Luisinho(6), Geovani(7) e William(7); Edmundo(8), Bebeto(7) e Bismarck(7). Técnico: Nélson Rosa Martins (Nelsinho)

O JOGO: O Atlético foi um amontoado de jogadores sem esquema tático e se tornou presa fácil para o fino toque de bola vascaíno.

FLUMINENSE 4 X SANTOS 0

Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 15 850 000; Público: 3 105; Gols: Ézio 24 do 1.º; Ézio (pênalti) 13, Julinho 15 e Renato 45 do 2.º; Cartão amarelo: Mazola, Marcelo Ribeiro, Julinho, Bobô, Paulinho, Dinho e Luís Carlos; Expulsão: Pedro Paulo

FLUMINENSE: Jéfferson(6), Carlos Itaberá(6), Edmílson(6), Mazola(7) e Júlio Alves(5); Pires(6), Marcelo Gomes(5) (Marcelo Ribeiro(5)), Elói(6) (Julinho(7)) e Renato(6); Bobô(7) e Ézio(7). Técnico: Arthur Bernardes

SANTOS: Sérgio(5), Dinho(4), Pedro Paulo(4), Luís Carlos(5) e Gílson(4); Bernardo(4), Carlinhos(4) e Ranieli(6) (Guga(5)); Almir(5), Paulinho(4) e Cilinho(4). Técnico: Rubens Minelli

O JOGO: Depois de um primeiro tempo apático, o Fluminense voltou determinado para a segunda etapa. Foi o bastante para golear o frágil time do Santos.

SÃO PAULO 0 X GUARANI 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Flávio de Carvalho (SP); Renda: Cr$ 319 349 000; Público: 8 429; Gol: Aílton 39 do 2.º; Cartão amarelo: Vanderlei, Missinho, Müller, Valmir e Pereira

SÃO PAULO: Zetti(5), Cafu(6), Antônio Carlos(5), Ronaldo(6) e Nelsinho(6); Sídnei(6), Suélio(5) (Catê(5)) e Raí(6); Palhinha(5), Müller(6) e Elivélton(5). Técnico: Telê Santana

GUARANI: Narciso(6), Gustavo(6), Missinho(6), Pereira(7) e Rocha(6); Valmir(7), Aílton(7), Biro-Biro(6) e Vanderlei(5) (Mauricinho(sem nota)); Ânderson(6) e Roberto Gaúcho(5) (Vônei(sem nota)). Técnico: Fito Neves

O JOGO: O São Paulo foi muito lento e não conseguiu envolver a defesa do Guarani. Por isso, foi castigado com o gol no final.

PAYSANDU 0 X PALMEIRAS 0

Local: Mangueirão (Belém); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 66 367 000; Público: 16 599; Cartão amarelo: Sales, Edelvan e Daniel

PAYSANDU: Luís Carlos(6), Corrêa(6), Augusto(7), Vítor Hugo(6) e Nazareno(5); Sales(5), Preta(5) e Rogerinho(5) (Mazinho(5)); Ivan(4), Vlademir(6) (Quarentinha(4)) e Edelvan(6). Técnico: Jair Picerni

PALMEIRAS: Carlos(6), Galeano(5), Toninho(sem nota) (Tonhão(6)), Andrei(5) e Dida(6); César Sampaio(6), Luís Henrique(5) e Edu(5); Jorginho(7) (Amaral(5)), Evair(6) e Daniel(6). Técnico: Nelsinho

O JOGO: Com falta de criatividade e inoperância de seus ataques, os dois times não poderiam mesmo ter saído do zero. As tímidas investidas foram facilmente sufocadas pelos zagueiros.

GOIÁS 1 X INTERNACIONAL 2

Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: Sidrack Marinho dos Santos (SE); Renda: Cr$ 51 156 000; Público: 10 502; Gols: Zinho 32 do 1.º; Jorge Batata 28 e Zinho 31 do 2.º; Expulsão: Daniel

GOIÁS: Kléber(5), Wílson(5), Sanderlei(7), Vladimir(5) e Jorge Batata(6); Guará(4) (Cacau(6)), Dalton(6) e Luvanor(5); Niltinho(6), Túlio(5) e Augusto(6). Técnico: Sebastião Lapola

INTERNACIONAL: Fernandez(6), Célio Lino(7), Célio Silva(6), Norton(7) e Daniel(5); Júlio(6), Simão(7) e Marquinhos(7) (Helcinho(sem nota)); Lima(6) (Jairo(sem nota)), Gérson(6) e Zinho(8). Técnico: Antônio Lopes

O JOGO: O técnico Sebastião Lapola deixou Túlio isolado na frente. Por isso, ficou fácil para o Inter vencer a partida.

BRAGANTINO 1 X NÁUTICO 0

Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); Juiz: Ivo Tadeu Scatolla (PR); Renda: Cr$ 8 362 000; Público: 3 264; Gol: Alberto 38 do 2.º; Cartão amarelo: Júnior, Donizetti, Maurício, Róbson, Jackson, Augusto e Ocimar.

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(6), Júnior(7), Nei(6) e Biro-Biro(6); Mauro Silva(7), Donizetti(7) e Alberto(8); Vágner Mancini(5), Marco Aurélio(7) e Tiba(7). Técnico: Candinho

NÁUTICO: Mauri(6), Cafezinho(6), Paulo Roberto(5), Maurício(6) e Daniel(6); Lúcio Surubim(6), Jackson(7) e Augusto(5) (Possi(6)); Róbson(7), Pirata(5) e Ocimar(6). Técnico: Zé Mário

O JOGO: O Náutico se fechou na defesa e quase conseguiu sair com o empate. Mas o gol no final fez justiça no marcador.

BAHIA 2 X ATLÉTICO-PR 3

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Elias Coelho da Silva (PE); Renda: Cr$ 21 649 000; Público: 4 679; Gols: Ozias 7 e Lima 40 do 1.º; Ozias 22, Reinaldo 30 e Paulo Robrigues (pênalti) 36 do 2.º; Cartão amarelo: Jorge Luís e Carlinhos

BAHIA: Sérgio Néri(5), Gilvan(4),

A VOLTA POR CIMA DO BUGRE

Aílton: gol olímpico que iniciou a reação

Nada como uma rodada após a outra. O Guarani saiu de cinco derrotas seguidas no início do certame para uma invencibilidade de cinco jogos entre a quinta e a décima rodadas. Foram quatro vitórias, contra São Paulo, Vasco, Palmeiras e Portuguesa, e um empate, com o Bahia. A reação teve direito até a um gol olímpico de Aílton, contra o São Paulo, que iniciou a série invicta.
E o próprio Ailton tem uma explicação para a recuperação: "O time agora está lutando mais".

Eduardo Baiano(6), Flávio(5) (Lima Baiano(sem nota)) e Alex(4); Paulo Rodrigues(6), Lima Sergipano(5) e Osmar(5) (Léniton(4)); Naldinho(5), Vandick(5) e Marcelo(5). Técnico: Luís Antônio

ATLÉTICO-PR: Gilmar(7), Jorge Luís(5), Caçula(5), Leonardo(6) e Marcelo Sousa(5); Roberson(6), Leomar(7) e Negrini(6); Carlinhos(6), Ozias(8) (Eduardo(6)) e João Carlos(6) (Reinaldo(5)). Técnico: Geraldo Damasceno

O JOGO: Em uma partida marcada por erros, o Atlético teve o mérito de errar menos. Por isso, conseguiu vencer mesmo jogando fora de casa.

24/fevereiro/92

FLAMENGO 1 X CRUZEIRO 2

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP); Renda: Cr$ 113 613 000; Público: 24 202; Gols: Charles 3 do 1.º; Paulo Roberto 3 e Toto 44 do 2.º; Cartão amarelo: Paulo César e Paulão; Expulsão: Luís Fernando, Gaúcho e Adílson

FLAMENGO: Gilmar(5), Charles(5), Wílson Gottardo(5), Rogério(6) e Piá(4); Uidemar(5) (Toto(6)), Júnior(6), Zinho(6) e Nélio(5); Paulo Nunes(5) e Gaúcho(5). Técnico: Carlinhos

CRUZEIRO: Paulo César(7), Paulo Roberto(7), Paulão(7), Adílson(6) e Nonato(6); Ademir(6), Marco Antônio Boiadeiro(7) e Luís Fernando(5); Aélson(7) (Riva(5)), Charles(7) e Aguinaldo(5) (Andrade(5)). Técnico: Ênio Andrade

O JOGO: Um rápido contra-ataque, logo no começo, e um belo gol de falta, no segundo tempo, bastaram para que o Cruzeiro quebrasse uma invencibilidade de cinco meses do Fla. O rubro-negro ainda tentou reagir, mas já era muito tarde.

SPORT 0 X PORTUGUESA 0

Local: Ilha do Retiro (Recife); Juiz: Cláudio Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 55 745 000; Público: 17 088; Cartão amarelo: Chico Monte Alegre, Zé Maria, Cléber e Nílson

SPORT: Gilberto(7), Givaldo(6), Chico Monte Alegre(5), Aílton(6) e Júnior(5); Dinho(6), Ataíde(5) e Zico(5); Moura(6), Sílvio(5) (Dinda(5)) e Franklin(5) (Neco(5)). Técnico: Givanildo

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(7), Zé Maria(6), Vladimir(6) (Marcelo(5)), Cléber(6) e Pedrinho(6); Cristóvão(6), Nílson(7) e Dener(6); Maurício(5), Vidotti(5) (Cícero(5)) e Baiano(5). Técnico: Leão

O JOGO: De nada adiantou a disposição ofensiva dos dois times (a Portuguesa, por exemplo, saiu jogando sem médio-volante, com dois centroavantes). Os poucos lances de gol pararam na atuação segura das defesas.

COMEÇOU A DANÇA DOS TREINADORES

O Atlético-PR é o grande vilão do Campeonato Brasileiro. Pelo menos para os técnicos. Com duas vitórias fora de casa, contra Bahia e Atlético-MG, o time paranaense provocou as demissões de Luís Antônio, do clube baiano, e Jair Pereira, da equipe mineira. Em seus lugares entraram respectivamente Procópio Cardoso e Vantuir. Mas o cai-cai dos treinadores não parou por aí. Também o Santos trocou Rubens Minelli por Geninho após a derrota por 4 x 0 para o Fluminense. A saída mais curiosa, no entanto, foi a de Jair Picerni, do Paysandu. Ele pôs seu cargo à disposição após a derrota por 5 x 1 para o Náutico. A diretoria resolveu mantê-lo no cargo. Três dias depois, porém, Jair pediu uma licença para resolver problemas pessoais, viajou até a cidade paulista de Araras e acertou na moita com o União São João, obrigando o clube paraense a contratar Luciano Veloso, que foi demitido após a derrota para o Corinthians por 2 x 1, em sua segunda partida na direção do time.

Minelli, Jair Pereira e Picerni: os primeiros demitidos

7.ª RODADA

7/março/92

SANTOS 2 X FLAMENGO 0

Local: Vila Belmiro (Santos); Juiz: Wilson Carlos dos Santos (SP); Renda: Cr$ 61 941 000; Público: 13 721; Gols: Paulinho 26 e 34 do 2.º; Cartão amarelo: Índio, Nélio, Zinho e Axel; Expulsão: Charles

SANTOS: Sérgio(6), Índio(6), Marcelo Fernandes(6), Luís Carlos(7) e Marcelo Veiga(6); Axel(6), Bernardo(6) e Ranieli(5) (Sérgio Manuel(5)); Almir(6), Paulinho(8) e Cilinho(5) (Guga(6)). Técnico: Geninho

FLAMENGO: Gilmar(6), Charles(7), Wílson Gottardo(6), Rogério(6) e Piá(6); Uidemar(7), Zé Ricardo(6), Zinho(6) e Nélio(5); Paulo Nunes(5) (Júnior Baiano(6)) e Toto(5) (Paulo César(sem nota)). Técnico: Carlinhos

O JOGO: O Flamengo sentiu a expulsão de Charles. O Santos soube aproveitar e, com uma grande participação de Paulinho, venceu o rival após nove anos.

CORINTHIANS 0 X SPORT 0

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Édson Resende de Oliveira (DF); Renda: Cr$ 66 900 000; Público: 14 076; Cartão amarelo: Márcio, Zico, Marcelinho, Gilton, Ataíde e Chico Monte Alegre

CORINTHIANS: Ronaldo(7), Giba(6), Marcelo(7), Wílson Mano(6) e Jacenir(5); Márcio(4) (Dinei(sem nota)), Jairo(5) e Neto(6); Marcelinho(6) (Fabinho(sem nota)), Tupãzinho(5) e Paulo Sérgio(6). Técnico: Basílio

SPORT: Gilberto(7), Givaldo(6), Chico Monte Alegre(6), Gilton(6) e Júnior(5); Dinho(7), Ataíde(5) e Zico(6); Moura(7) (Lopes(sem nota)), Sílvio Ceará(5) (Bebeto(sem nota)) e Neco(5). Técnico: Givanildo

O JOGO: Sem criatividade no ataque, o Corinthians não fez por merecer a vitória. O empate ficou de bom tamanho.

PORTUGUESA 0 X BRAGANTINO 1

Local: Canindé (São Paulo); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 13 691 000; Público: 3 194; Gol: Tiba 36 do 1.º; Cartão amarelo: Gil Baiano, Cristóvão, Cléber, Biro-Biro, Donizete e Mauro Silva; Expulsão: Marcelo (Port) e Marco Aurélio

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(6), Joãozinho(5), Marcelo(5), Cléber(5) e Charles(6); Capitão(6), Cristóvão(5) e Dener(6); Maurício(5) (Adil(5)), Nílson(5) e Baiano(5) (Vidotti(5)). Técnico: Leão

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(7), Júnior(6), Nei(6) e Biro-Biro(6); Mauro Silva(7), Donizetti(6) e Vágner Mancini(5); Ludo(6), Marco Aurélio(5) e Tiba(7). Técnico: Candinho

O JOGO: Encolhida em seu campo desde o começo, a Portuguesa não fez por merecer melhor sorte. Mesmo debaixo de chuva, o Bragantino foi sempre mais atrevido e consciente.

8/março/92

SÃO PAULO 0 X PALMEIRAS 4

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Oscar Roberto de Godói (SP); Renda: Cr$ 98 131 000; Público: 20 947; Gols: Evair 23, Andrei 27 e Edu 34 do 1.º; Evair 12 do 2.º; Cartão amarelo: Sídnei, Dida, Suélio, Ronaldo, Marques, Luís Henrique e Daniel

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(6), Antônio Carlos(5), Ronaldo(6) e Nelsinho(5); Sídnei(4), Palhinha(5) e Raí(5); Macedo(5) (Catê(4)), Gilmar(5) (Suélio(6)) e Elivélton(5). Técnico: Telê Santana

PALMEIRAS: Carlos(6), Marques(6), Tonhão(6), Andrei(7) e Dida(6); César Sampaio(6), Daniel(7), Luís Henrique(6) e Edu(8); Jorginho(6) e Evair(8) (Amaral(6)). Técnico: Nelsinho

O JOGO: O São Paulo entrou em campo acomodado e foi presa fácil para o Palmeiras, que poderia até ter aplicado uma goleada maior.

INTER 2 X ATLÉTICO-MG 0

Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP); Renda: Cr$ 89 650 000; Público: 17 980; Gols: Norton 19 do 1.º; Gérson 39 do 2.º; Cartão amarelo: Zinho, Gérson, Célio Lino e Éder Lopes

INTERNACIONAL: Fernandez(8), Célio Lino(6) (Pinga(sem nota)), Célio Sil-

VEJA AQUI QUAIS OS CRITÉRIOS QUE PODEM CLASSIFICAR O SEU TIME

Com o campeonato já na metade, o torcedor aflito começa a perguntar quais as chances de seu time. Para facilitar sua tarefa, publicamos as partes mais importantes do regulamento. É ler e fazer as contas.

Estarão classificados para a segunda etapa do Campeonato Brasileiro os oito primeiros colocados na fase classificatória. Para esta segunda fase, também chamada de semifinal, os clubes serão divididos em dois grupos de quatro, que jogam entre si em turno e returno.

Na primeira fase, os critérios de desempate são: 1) maior número de vitórias; 2) melhor saldo de gols; 3) maior número de gols marcados; 4) menor número de gols sofridos; 5) confronto direto; 6) gol average (resultado da divisão dos gols marcados pelos gols sofridos). Este último item, na verdade, não define nada, já que, se os candidatos chegarem até ele empatados, é porque têm o mesmo número de gols pró e contra. Logo, o average será o mesmo.

Já para a segunda fase os critérios de desempate incluem a campanha dos clubes durante todo o campeonato: 1) maior número de pontos ganhos; 2) maior número de vitórias; 3) maior saldo de gols; 4) maior número de gols a favor; 5) menor número de gols contra; 6) confronto direto na primeira fase. Em ambas as fases, a última instância é o sorteio, em dia, hora e local determinados pela CBF.

va(7), Norton(7) e Canhoto(6); Élson(6), Simão(7) e Marquinhos(7); Lima(6), Gérson(7) e Zinho(6). Técnico: Antônio Lopes
ATLÉTICO-MG: João leite(7), Alfinete(6), Luís Eduardo(4), Tobias(5) e Paulo Roberto(7); Moacir(5), Éder Lopes(6), Valdir(5) (Agamenon(6)) e Aílton(5); Edmar(4) (Sérgio Araújo(4)) e Edu(5). Técnico: Jair Pereira
O JOGO: O Inter, jogando em casa com o lanterna, soube tirar proveito. Com um gol em cada tempo, mandou no jogo e mereceu ganhar.

FLUMINENSE 2 X BAHIA 1
Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 29 106 000; Público: 5 730; Gols: Ézio 6 e 26 do 1.º; Naldinho 30 segundos do 2.º; Cartão amarelo: Marcelo Barreto, Júlio Alves, Marcelo Gomes, Julinho, Ézio, Maílson, Wágner Basílio e Erasmo
FLUMINENSE: Jéfferson(7), Carlos Itaberá(6), Luís Marcelo(6), Mazola(6) e Marcelo Barreto(6) (Júlio Alves(6)); Pires(7), Marcelo Gomes(6), Elói(6) (Paulinho(5)) e Julinho(7); Renato(7) e Ézio(8). Técnico: Arthur Bernardes
BAHIA: Sérgio Néri(4), Maílson(5), Wágner Basílio(6), Eduardo(5) e Gilvan(6); Paulo Rodrigues(6), Lima Sergipano(6), Lima Baiano(5) (Barbosa(6)) e Erasmo(6); Naldinho(7) e Marcelo(5) (Vandick(5)). Técnico: Procópio
O JOGO: No primeiro tempo, o Fluminense jogou tudo o que sabia e contou com um frango do goleiro baiano. Já no segundo parecia que o time ainda estava no vestiário e sofreu um gol.

ATLÉTICO-PR 2 X GOIÁS 0
Local: Pinheirão (Curitiba); Juiz: Aloísio Viug (RJ); Renda: Cr$ 14 795 000; Público: 2 765; Gols: Ozias 38 do 1.º; Leomar 44 do 2.º; Cartão amarelo: Marcelo e Jorge Batata; Expulsão: Vladimir
ATLÉTICO-PR: Gilmar(7), Jorge Luís(6), Leonardo(6), Fernando(7) e Marcelo(6); Roberson(5), Leomar(7) e Negrini(6) (Eduardo(sem nota)); Carlinhos(7), Ozias(7) (Dirceu(5)) e Reinaldo(6). Técnico: Geraldo Damasceno
GOIÁS: Cléber(7), Wílson(5), Vladimir(4), Sanderlei(6) e Jorge Batata(6); Marçal(6), Wallace(6) e Augusto(6) (Paulo César(5)); Luvanor(5) (Cacau(5)), Túlio(6) e Miltinho(6). Técnico: Sebastião Lapola
O JOGO: Foi a primeira vez que o Atlético jogou em casa e não perdeu neste campeonato. O Goiás bem que resistiu, mas o segundo gol rubro-negro, no último minuto, acabou de vez com suas pretensões.

NÁUTICO 5 X PAYSANDU 1
Local: Aflitos (Recife); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 20 850 000; Público: 5 840; Gols: Corrêa 16, Pirata 17, Nivaldo 30, Daniel 42 e Ocimar 43 do 1.º; Nivaldo 39 do 2.º; Cartão amarelo: Jackson, Nivaldo, Corrêa, Augusto e Edelvan
NÁUTICO: Mauri(6), Cafezinho(5), Paulo Roberto(5), Lúcio Surubim(6) e Daniel(7); Jackson(7), Fagundes(7), Lao(5) (Possi(6)) e Nivaldo(8); Pirata(7) e Ocimar(7) (Augusto(7)). Técnico: Zé Mário
PAYSANDU: Luís Carlos(5), Corrêa(7), Augusto(5), Vítor Hugo(4) (Eraldo(5)) e Pedrinho(5); Edgar(5) (Oberdan(6)), Dema (6) e Preta(5); Ivan(5), Vlademir(6) e Edelvan(6). Técnico: Jair Picerni
O JOGO: O Paysandu ainda saiu na frente, mas o Náutico fez uma partida perfeita e depois do empate não deu mais chances de reação aos paraenses.

9/março/92

VASCO 1 X GUARANI 2
Local: São Januário (Rio de Janeiro); Juiz: Dalmo Bozzano (SC); Renda: Cr$ 37 070 000; Público: 6 830; Gols: Rocha 3, Roberto Gaúcho 14 e Bismarck 42 do 1.º; Cartão amarelo: Aílton, Biro-Biro, Missinho, Roberto Gaúcho, Alexandre Torres, Eduardo, Bismarck e Bebeto
VASCO: Régis(6), Luiz Carlos Winck(6), Torres(5), Jorge Luís(4) e Eduardo(7); Luisinho(5) (Júnior(5)), Flávio (5) (Luís Cláudio(5)), William(4) e Edmundo(5); Bismarck(6) e Bebeto(5). Técnico: Nélson Rosa Martins (Nelsinho)
GUARANI: Narciso(7), Gustavo(6), Missinho(6), Pereira(6) e Rocha(7) (Julimar(5)); Valmir(6), Aílton(6), Biro-Biro(6) e Vanderlei(6) (Cacaio(5)); Ânderson(6) e Roberto Gaúcho(7). Técnico: Fito Neves
O JOGO: O Vasco entrou em campo de "salto alto" e acabou sendo surpreendido. O Guarani tratou de fazer os gols logo no início da partida e depois se fechou na defesa.

BOCA LEGAL É DE FISCAL

Jogar no Maracanã é caro — caro porque a lista de descontos sobre a renda pode muito bem fazer parte do livro dos recordes. Só a Superintendência dos Estádios do Rio de Janeiro — Suderj —, a entidade responsável pelo colosso, mobiliza trezentos funcionários em média por jogo, gastando de oito a onze milhões de cruzeiros. Esses funcionários, porém, são vigiados por um batalhão de duzentos fiscais da Federação, que custam aos clubes de cinco a dez milhões. Mas a coisa não acaba aí: esses fiscais têm outros fiscais, que recebem, cada um, 50 mil cruzeiros de cachê por partida. No clássico carioca Fluminense x Botafogo, os tais fiscais dos fiscais embolsaram a módica quantia de Cr$ 1,6 milhão. Júnior, capitão do Flamengo, estrilou. "Isso é caso de polícia", garantiu.

CRUZEIRO 1 X BOTAFOGO 1
Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Ulisses Tavares da Silva (SP); Renda: Cr$ 149 368 000; Público: 35 959; Gols: Macalé 5 e Chicão 24 do 2.º; Cartão amarelo: Jéferson, Paulão e Ademir
CRUZEIRO: Paulo César(6), Paulo Roberto(7), Paulão(7), Vanderci(6) e Nonato(5); Ademir(6), Marco Antônio Boiadeiro(5) e Macalé(6) (Cleisson(6)); Aélson(6), Charles(5) e Agnaldo(5) (Ramón(4)). Técnico: Ênio Andrade
BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Odemilson(5), Renê(6), Márcio Santos(5) e Marquinhos(7); Carlos Alberto Santos(6), Pingo(6) e Jéferson(6) (Vivinho(5)); Renato(7), Chicão(7) e Valdeir(5). Técnico: Gil
O JOGO: As duas equipes bem que tentaram ser competentes. Correram muito, mas pecaram nas conclusões das jogadas. No fim, o empate valeu pela incompetência.

8.ª RODADA

11/março/92

INTERNACIONAL 1 x SÃO PAULO 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 121 768 000; Público: 24 263; Gol: Simão 12 do 1.º; Cartão amarelo: Pintado, Nelsinho e Simão
INTERNACIONAL: Fernandez(7), Jairo(6), Célio Silva(6), Norton(6) e Canhoto(6); Élson(6), Simão(7) e Marquinhos(7); Lima(6) (Helcinho(6)), Gélson(6) e Zinho(6). Técnico: Antônio Lopes
SÃO PAULO: Zetti(7), Cafu(6), Antônio Carlos(7), Ivan(6) e Nelsinho(5); Pintado(6), Suélio(5) (Sídnei(6)) e Raí(7); Macedo(4) (Catê(5)), Palhinha(4) e Elivélton(6). Técnico: Telê Santana
O JOGO: O Inter arriscou mais em jogadas individuais, e, numa delas, Simão fez 1 x 0. Mas o jogo foi muito concentrado no meio-campo.

ATLÉTICO-MG 1 X FLAMENGO 1
Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Oscar Roberto de Godói (SP); Renda: Cr$ 67 591 000; Público: 18 995; Gols: Edu Lima 28 e Júnior 38 do 1.º
ATLÉTICO: João Leite(5), Alfinete(6), Tobias(5), Luís Eduardo(5) e Paulo Roberto(6); Éder Lopes(6), Moacir(6) e Aílton(6); Sérgio Araújo(5), Edmar(5) e Edu Lima(7). Técnico: Jair Pereira
FLAMENGO: Gilmar(6), Fabinho(5), Rogério(6), Wílson Gottardo(5) e Piá(6); Uidemar(5), Júnior(6), Zé Ricardo(6) e Paulo César(6) (Djalminha(sem nota)); Paulo Nunes(5) e Gaúcho(6). Técnico: Carlinhos
O JOGO: Mais bem arrumado em campo, o Flamengo suportou a pressão inicial do Galo, teve maiores chances de gol e só não venceu graças aos erros de seus atacantes.

GUARANI 1 X PALMEIRAS 0
Local: Brinco de Ouro da Princesa (Campinas); Juiz: José Aparecido de Oliveira (SP); Renda: Cr$ 44 788 000; Público: 11 197; Gol: Vônei 42 segundos do 2.º; Cartão amarelo: Vônei e Edu
GUARANI: Narciso(6), Gustavo(6), Paulo Silva(6), Pereira(7) e Julimar(6) (Elias (6)); Valmir(8), Aílton(6) e Biro-Biro(7); Ânderson(6), Vanderlei(5) e Vônei(7). Técnico: Fito Neves
PALMEIRAS: Carlos(6), Marques(5), Tonhão(7), Andrei(5) e Dida(6); César Sampaio(6), Daniel(6) (Betinho(sem nota)), Luís Henrique(6) e Edu(5); Jor-

O PIOR GALO DE TODOS OS TEMPOS

Sérgio Araújo: drama no Galo

O Atlético-MG nunca fez uma campanha tão ruim. Em vinte anos de Campeonato Brasileiro, o mínimo que havia conseguido fora um 24.º lugar em 1982, numa competição de 44 clubes. Agora, em 1992, ocupa a última colocação entre vinte participantes, com apenas três pontos ganhos e quatro gols marcados em dez jogos — média de 0,4 por partida.

ESTRANHA CENA NO MINEIRÃO

Clássico com briga não é novidade. Surpresa é briga entre jogadores da mesma equipe, como a que houve entre os rubro-negros Uidemar e Djalma Dias no Mineirão, no jogo Atlético-MG x Flamengo. Uidemar reclamou de um lance do meio-campista, que não gostou do pito e partiu para cima. Não fosse a providencial presença de Júnior, os dois estariam engalfinhados até agora. O juiz não viu, mas o clube carioca não perdoou e puniu Djalma Dias, que teve seu salário reduzido em 20%. Só lhe restou baixar a cabeça e pedir desculpas ao colega.

ginho(5) (Amaral(sem nota)) e Evair(5). Técnico: Nelsinho

O JOGO: O Guarani foi inferior no primeiro tempo, mas, com o gol, cresceu na partida. O Palmeiras errou por insistir nos chuveirinhos.

SPORT 2 X SANTOS 2

Local: Ilha do Retiro (Recife); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 69 635 000; Público: 19 963; Gols: Bernardo 5 e Sílvio Ceará 25 do 1.º; Paulinho 1 e Gilton 2 do 2.º; Cartão amarelo: Pedro Paulo, Marcelo Veiga, Axel, Cilinho, Aílton, Júnior e Lourenço

SPORT: Gilberto(7), Givaldo(5), Gilton(7), Aílton(6) e Júnior(4) (Dinho(6)); Lopes(5), Lourenço(6) (Franklin(5)) e Bebeto(7); Moura(6), Sílvio Ceará(7) e Neco(7). Técnico: Givanildo

SANTOS: Sérgio(5), Dinho(7), Pedro Paulo(7), Luís Carlos(6) e Marcelo Veiga(7); Bernardo(8), Axel(7) e Sérgio Manuel(7) (Ranieli(5)); Almir(7), Paulinho(8) (Guga(6)) e Cilinho(6).

O JOGO: O Santos levou azar. O segundo gol foi um frango de Sérgio e o juiz deixou de dar um pênalti. Esta foi a primeira vez neste campeonato que o Sport sofreu dois gols.

GOIÁS 2 X FLUMINENSE 2

Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: José Mocellin (RS); Renda: Cr$ 37 705 000; Público: 7 843; Gols: Wallace 2, Mazola 7, Jorge Batata 34 e Elói 45 do 1.º

GOIÁS: Kléber(6), Wílson (5), Sanderlei(6), Jorge Batata(8) e Jorge Luís(7) (Rubens Carlos(sem nota)); Dalton(5) (Marcelo(sem nota)), Wallace(8), Augusto(6) e Luvanor(4); Miltinho(6) e Túlio(5). Técnico: Sebastião Lapola

FLUMINENSE: Jéfferson(7), Carlos Itaberá(4), Luís Marcelo(6), Mazola(7) e Marcelo Barreto(4); Pires(7), Marcelo Gomes(5) (Sandro(sem nota)), Elói(8) e Bobô(6); Renato(7) (Júlio(sem nota)) e Ézio(6). Técnico: Arthur Bernardes

O JOGO: O Goiás arrasou no primeiro tempo. O Fluminense apenas assistiu ao passeio do adversário, aproveitando duas falhas para marcar.

PAYSANDU 3 X PORTUGUESA 2

Local: Mangueirão (Belém); Juiz: Luís Vieira Villanova (CE); Renda: Cr$ 50 268 000; Público: 13 053; Gols: Corrêa 13 e Reginaldo 19 do 1.º; Reginaldo 6, Nílson 16 e Vladimir 33 do 2.º; Cartão amarelo: Nílson

PAYSANDU: Luís Carlos (7), Eraldo (6) (Oberdan(5)), Nei(6), Vítor Hugo(6) e Corrêa(6); Sales(7), Preta(6) e Dema(6); Quarentinha(6), Reginaldo(8) e Rogerinho(5). Técnico: Jair Picerni

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(6), Joãozinho(6), Vladimir(7), Cléber(5) e Charles(6); Capitão(7), Cristóvão(6) e Baiano(6) (Adil(6)); Maurício(6), Nílson(7) e Dener(6) (Vidotti(5)). Técnico: Leão

O JOGO: Apesar do sufoco, o Paysandu conseguiu uma importante vitória. Poderia ter sido menos complicada, se o time da casa não tivesse recuado tanto no segundo tempo.

BRAGANTINO 1 X ATLÉTICO-PR 1

Local: Marcelo Stéfani (Bragança Paulista); Juiz: Manuel Serapião Filho (BA); Renda: Cr$ 9 151 000; Público: 3 405; Gols: Ozias 30 do 1.º; Ludo 27 do 2.º; Cartão amarelo: Gil Baiano, Gilmar, Leonardo, Leomar e Renaldo

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(6), Júnior (6), Nei(6) e Biro-Biro(7); Mauro Silva(7), Rodrigo(6) (Carlos Augusto(5)) e Vágner Mancini(6); Ludo(7), Tiba(6) e Ronaldo Alfredo(5) (Tuquinha(5)). Técnico: Candinho

ATLÉTICO-PR: Gilmar(8), Jorge Luís(7), Fernando(7), Leonardo(6) e Marcelo Sousa(6); Leomar(6), Roberson(6) e Negrini(5) (Eduardo(5)); Carlinhos(7), Ozias(8) e Renaldo(6). Técnico: Geraldo Damasceno

O JOGO: O Atlético-PR soube encarar de frente o Bragantino. Mas a partida foi marcada pelos erros do juiz Manuel Serapião Filho, na volta de sua suspensão.

12/março/92

CORINTHIANS 0 X CRUZEIRO 0

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Cláudio Cerdeira (RJ); Renda: Cr$ 61 457 000; Público: 13 309; Cartão amarelo: Paulo Roberto, Adílson, Neto e Agnaldo; Expulsão: Ademir

CORINTHIANS: Ronaldo(7), Giba(5), Marcelo(6), Wílson Mano(6) e Jacenir(5); Taíka(6), Jairo(5) (Ezequiel(6)) e Neto(5); Paulo Sérgio(5), Viola(5) e Luciano(5) (Marcelinho(5)). Técnico: Basílio

CRUZEIRO: Paulo César(8), Paulo Roberto(6), Vanderci(6), Adílson(6) e Nonato(5); Ademir(5), Marco Antônio Boiadeiro(6) e Luís Fernando(5); Aélson(6) (Célio Lúcio(sem nota)), Charles(6) e Agnaldo(5). Técnico: Ênio Andrade

O JOGO: A falta de objetividade corintiana e a violência do Cruzeiro impediram um espetáculo melhor. Foram noventa minutos enfadonhos, à exceção do duelo entre Neto e o goleiro Paulo César, nas cobranças de faltas.

VASCO 3 X BAHIA 1

Local: São Januário (Rio de Janeiro); Juiz: Ivo Tadeu Sacatolla (PR); Renda: Cr$ 25 340 000; Público: 4 673; Gols: Bebeto 14 e Naldinho 41 do 1.º; Wiliam 8 e Edmundo 24 do 2.º; Cartão amarelo: Paulo Rodrigues, Maílson, Eduardo, Sérgio Néri, Wágner Basílio e Cássio

VASCO: Régis(6), Luiz Carlos Winck(5), Alexandre Torres(6), Jorge Luís(6) e Cássio(6); Luisinho(6), Flávio(6), William(7) e Edmundo(7); Bismarck(7) e Bebeto(7). Técnico: Nélson Rosa Martins (Nelsinho)

BAHIA: Sérgio Néri(6), Maílson(5), Eduardo(5), Wágner Basílio(6) e Gilvan(4); Paulo Rodrigues(6), Erasmo(5) (Lima Baiano(5)) e Lima Sergipano(5); Barbosa(4) (Rodrigo(4)), Marcelo(4) e Naldinho(7). Técnico: Procópio Cardoso

O JOGO: O Vasco não se assustou com o empate no primeiro tempo. Voltou com mais disposição e faturou os dois pontos. O Bahia nada pôde fazer.

BOTAFOGO 3 X NÁUTICO 2

Local: Caio Martins (Niterói); Juiz: Edmundo Lima Filho (SP); Renda: Cr$ 21 160 000; Público: 4 169; Gols: Nivaldo 9 e Chicão (pênalti) 10 do 1.º; Renato 10, Pirata 37 e Renato 42 do 2.º; Cartão amarelo: Valdeir e Válber

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Odemílson(6), Renê(6), Márcio Santos(5) e Válber(6); Carlos Alberto Santos(6), Pingo(6), Carlos Alberto Dias(6) (Vivinho(5)) e Valdeir(5) (Jéferson Douglas(sem nota)); Renato(9) e Chicão(7). Técnico: Gil

NÁUTICO: Mauri(5), Cafezinho(6), Paulo Roberto(5), Lúcio Surubim(6) e Danjel(5); Jackson(6), Fagundes(6) e Lao(7); Nivaldo(6) (Augusto(6)), Pirata(6) e Ocimar(5) (Possi(6)). Técnico: Zé Mário

O JOGO: Excelente, por partes das duas equipes. Só que o Botafogo tinha Renato Gaúcho, que estava em grande noite, fazendo dois gols, inclusive o da vitória.

9.ª RODADA

14/março/92

FLAMENGO 0 X BRAGANTINO 1

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Renato Marsiglia (RS); Renda: Cr$ 51 910 000; Público: 11 718; Gol: Nei 28 do 2.º; Cartão amarelo: Biro-Biro, Marcelo, Nei, Tiba, Júnior (Bra), Charles e Luís Antônio

FLAMENGO: Gilmar(6), Charles(6), Wílson Gottardo(6), Rogério(5) e Piá(5); Júnior(6), Uidemar(5) e Paulo César(4) (Luís Antônio(6)); Paulo Nunes(4), Gaúcho(4) e Zinho(6). Técnico: Carlinhos

BRAGANTINO: Marcelo(8), Gil Baiano(7), Júnior(6), Nei(7) e Biro-Biro(6); Mauro Silva(8), Donizete(6) e Ludo(4) (João Santos(5)); Vágner Mancini(6), Tiba(5) e Marco Aurélio(6). Técnico: Candinho

O JOGO: O Braga atraiu o Flamengo para seu campo e partiu para os contra-ataques. Como sempre, a tática deu certo. Gaúcho até ajudou o time paulista, perdendo pênalti no último minuto.

ATLÉTICO-MG 2 X ATLÉTICO-PR 3

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: Antônio Pereira da Silva (GO); Renda: Cr$ 22 344 000; Público: 7 627; Gols: Ronaldo 4, Alfinete 9 e Negrini 21 do 1.º; Moacir 8 e Renaldo 29 do 2.º; Cartão amarelo: Paulo Roberto e Ozias

...E O FESTIVAL DE TRAPALHADAS CONTINUA

RICARDO CORRÊA

NÉLSON COELHO

O juiz Márcio Resende escapa da fúria do presidente do Palmeiras: caso de polícia

Os juízes, tão criticados no começo do campeonato, continuam aprontando. Confira os erros mais recentes:

• **São Paulo 0 x Guarani 1** — Flávio de Carvalho não viu um pênalti do bugrino Gustavo em cima de Müller, quando o jogo ainda estava 0 x 0.

• **Sport 2 x Santos 2** — É a vez de José Roberto Wright ignorar uma penalidade máxima em cima de Almir, do Santos, no fim do jogo.

• **Goiás 2 x Fluminense 2** — Aí sobrou confusão: o gaúcho José Mocellin não só anulou um gol discutível do Goiás, alegando impedimento, como validou outro do Flu, este em impedimento.

• **Bragantino 1 x Atlético-PR 1** — O reincidente Manuel Serapião Filho foi imparcial: não deu um pênalti em cima de Ludo, do Braga, mas em compensação voltou atrás depois de assinalar outro do goleiro Marcelo sobre o atleticano Ozias.

• **Fluminense 1 x Botafogo 2** — Até Renato Gaúcho confessou que tinha segurado o tricolor Mazola na jogada do gol da vitória do Botafogo sobre o Fluminense, por 2 x 1. Só o carioca Leo Feldman não viu.

• **Palmeiras 1 x Vasco 2** — O mineiro Márcio Resende de Freitas quase apanha de Carlos Facchina, presidente do Palmeiras. Tudo porque, no primeiro tempo, viu falta do palmeirense Evair em Jorge Luís no lance do gol anulado de Tonhão. O Vasco ganhava então de 1 x 0.

DEFESA GARANTE TIME ECONÔMICO

Em um campeonato marcado por uma alta média de gols, um dos vice-líderes até a décima rodada está destoando. O Bragantino fez apenas sete gols em dez jogos e tem o segundo pior ataque, à frente somente do Atlético-MG, que tem quatro. Para sua sorte, porém, seis desses gols garantiram doze de seus quinze pontos através de vitórias por 1 x 0. E o feito no Flamengo, por Nei, manteve o tabu do time não perder no Maracanã, nem para cariocas. Mas sua defesa, a segunda menos vazada, com quatro, promete levar o time longe.

JORGE WILLIAM/O GLOBO

Biro-Biro contra o Flamengo: ajudando a manter dois tabus

ATLÉTICO-MG: Humberto(5), Alfinete(6), Luís Eduardo(5), Tobias(4) e Paulo Roberto(5); Éder Lopes(5), Moacir(6) e Agamenon(5) (Claudinho(5)); Sérgio Araújo(5), Valdinei(4) (Edmar(4)) e Aílton(4). Técnico: Jair Pereira
ATLÉTICO-PR: Gilmar(5), Jorge Luís(5), Fernando(6), Leonardo(5) e Cambé(5); Roberson(6), Leomar(6) e Negrini(8); Carlinhos(6), Ozias(6) e Renaldo(7) (Eduardo Lobinho (sem nota)). Técnico: Geraldo Damasceno
O JOGO: O bom meio-campo dos paranaenses fez a diferença. Eles impediram que os mineiros impusessem seu jogo e armaram importantes contra-ataques que culminaram em gols.

15/março/92

FLUMINENSE 1 X BOTAFOGO 2
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: Leo Feldman (RJ); Renda: Cr$ 107 981 000; Público: 22 484; Gols: Carlos Itaberá 11, Renato 30 e Renê 39 do 1.º; Cartão amarelo: Carlos Alberto Santos, Luís Marcelo, Valdeir, Carlos Itaberá e Edmílson
FLUMINENSE: Jéfferson(6), Carlos Itaberá(7), Mazola(6), Luís Marcelo(5) e Marcelo Barreto(4); Pires(6), Marcelo Gomes(5) (Vágner(5)), Julinho(6) e Elói(6) (Paulinho(5)); Bobô(6) e Ézio(5). Técnico: Arthur Bernardes
BOTAFOGO: Ricardo Cruz(8), Odemílson(5), Renê(7), Márcio Santos(5) e Marquinhos(6); Carlos Alberto Santos(7), Pingo(6), Carlos Alberto Dias(6) e Valdeir(5); Renato(8) e Chicão(6). Técnico: Gil
O JOGO: O forte do Botafogo continua sendo seu ataque. Nas horas mais difíceis, ele continua socorrendo o alvinegro. Aconteceu de novo contra o Fluminense, que saiu na frente mas não conseguiu segurar o ímpeto de Renato.

PALMEIRAS 1 X VASCO 2
Local: Parque Antártica (São Paulo); Juiz: Márcio Resende de Freitas (MG); Renda: Cr$ 102 308 000; Público: 21 457; Gols: Bebeto 7 e 30, Edu 32 do 1.º; Cartão amarelo: Daniel, Andrei, Luisinho, Bismarck, Jorge Luís e Edu
PALMEIRAS: Carlos(6), Odair(6) (Jorginho(sem nota)), Tonhão(6), Andrei(5) e Dida(5) (Marcinho(6)); César Sampaio(6), Daniel(6), Luís Henrique(5) e Edu(7); Evair(5) e Amaral(5). Técnico: Nelsinho
VASCO: Régis(6), Luiz Carlos Winck(6), Alexandre Torres(7), Jorge Luís(6) e Eduardo(6) (Cássio(sem nota)); Luisinho(6), William(7), Flávio(6) e Edmundo(8); Bismarck(7) e Bebeto(8). Técnico: Nélson Rosa Martins (Nelsinho)
O JOGO: O Vasco tocou a bola em velocidade e envolveu a frágil defesa do Palmeiras, que não teve como reagir.

GOIÁS 4 X NÁUTICO 2
Local: Serra Dourada (Goiânia); Juiz: Ulisses Tavares da Silva (SP); Renda: Cr$ 33 320 000; Público: 7 049; Gols: Nivaldo 31, Túlio 39 e Jorge Batata 42 do 1.º; Fagundes 16 e Túlio 5 e 41 do 2.º
GOIÁS: Martorelli(6), Wílson(6), Sanderlei(7), Jorge Batata(8) e Rubens Carlos(7); Marçal(5), Augusto(8) e Luvanor(4) (Luís Carlos(sem nota)); Niltinho(7), Túlio(8) e Cacau(5) (Vladimir(sem nota)). Técnico: Sebastião Lapola
NÁUTICO: Mauri(5), Cafezinho(7), Paulo Roberto(5), Lúcio Surubim(4) e Daniel(5); Fagundes(7), Jackson(6) e Lao(6); Nivaldo(7) (Possi(sem nota)), Pirata(6) e Ocimar(4) (Augusto(sem nota)). Técnico: Zé Mário
O JOGO: Foi a segunda vitória do Goiás no Brasileirão, mas a única que convenceu. O Náutico não soube se aproveitar dos conhecimentos do técnico Zé Mário e do meia Fagundes, ambos ex-Goiás.

SPORT 3 X PAYSANDU 0
Local: Ilha do Retiro (Recife); Juiz: José Clisaldo da Silva (PB); Renda: Cr$ 64 520 000; Público: 19 192; Gols: Givaldo 10 e Sílvio Ceará 40 do 1.º; Sílvio Ceará 44 do 2.º; Cartão amarelo: Dinho, Moura, Eraldo, Nei e Sales; Expulsão: Reginaldo
SPORT: Gilberto(9), Givaldo(7), Chico Monte Alegre(6), Aílton(7) e Júnior (5); Dinho(7), Ataíde(6), Bebeto(7) (Zico(6)) e Moura(6); Sílvio Ceará(8) e Neco(7). Técnico: Givanildo
PAYSANDU: Luís Carlos(7), Eraldo(7), Nei(5), Vítor Hugo(6) e Corrêa(7); Sales(6), Preta(6), Dema(6) (Mazinho(5)) e Quarentinha(6); Dadinho(5), Reginaldo(5) e Edelvan(6). Técnico: Luciano
O JOGO: Não foi possível para o Paysandu barrar o invicto Sport. Jogando em casa, o rubro-negro soube impor seu jogo. Ofensivamente, foi sua melhor partida no campeonato.

16/março/92

INTERNACIONAL 2 X CRUZEIRO 0
Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 165 272 000; Público: 31 997; Gols: Gérson 3 e Canhoto 15 do 1.º; Cartão amarelo: Nórton e Marco Antônio Boiadeiro
INTERNACIONAL: Fernandez(7), Célio Lino(6), Célio Silva(7), Nórton(6) e Canhoto(7); Élson(7), Simão(6) e Marquinhos(6); Lima(7), Gérson(6) e Zinho(6). Técnico: Antônio Lopes
CRUZEIRO: Paulo César(6), Paulo Roberto(6), Paulão(4), Vanderci(5) e Nonato(6); Rogério Laje(6) (Macalé(sem nota)), Luís Fernando(5) e Marco Antônio Boiadeiro(5); Aélson(5), Charles(5) e Agnaldo(5) (Cleisson(6)). Técnico: Ênio Andrade
O JOGO: O Inter liquidou a fatura logo no início. Depois, apenas manteve o resultado diante de um Cruzeiro que não chegou a ameaçar em momento nenhum.

GOLS: A RESPOSTA DO CRAQUE ÀS VAIAS PAULISTAS

FOTOS RICARDO CORRÊA

Bebeto marca o primeiro contra o Palmeiras. No segundo, completou esta jogada de Edmundo

Palavrões, xingamentos e muitas vaias. Basta o vascaíno Bebeto entrar em campo em São Paulo para as torcidas adversárias cumprirem este mesmo ritual. E o atacante sabe bem por quê. Dos nove gols que marcou até a décima rodada, quatro foram feitos em campos paulistas — dois na goleada de 4 x 1 contra o Corinthians e mais dois na vitória de 2 x 1 sobre o Palmeiras. O craque já avisa: sua resposta às vaias continuarão sendo os gols. Cuidado, torcidas.

SANTOS 2 X PORTUGUESA 0

Local: Vila Belmiro (Santos); Juiz: Válter Francisco dos Santos (SP); Renda: Cr$ 27 980 000; Público: 6 268; Gols: Almir 14 do 1.º; Cilinho 41 do 2.º; Cartão amarelo: Adil, Paulinho, Capitão e Pedro Paulo; Expulsão: Axel, Vladimir e Vidotti

SANTOS: Sérgio(7), Dinho(7), Pedro Paulo(6), Luís Carlos(6) (Marcelo Fernandes(sem nota)) e Marcelo Veiga(7); Bernardo(7), Axel(7) e Sérgio Manuel(5) (João Paulo(5)); Almir(7), Paulinho(6) e Cilinho(7). Técnico: Geninho

PORTUGUESA: Rodolfo Rodriguez(6), Zé Maria(6), Vladimir(5), Cléber(5) e Charles(6); Capitão(7), Baiano(6) e Cristóvão(5) (Carlinhos(sem nota)); Maurício(6) (Marcelinho(5)), Vidotti(4) e Adil(5). Técnico: Leão

O JOGO: A Portuguesa tomou a iniciativa no ataque e se deu mal. Com um futebol bastante rápido, o Santos conquistou a vitória graças a sua maior objetividade na hora da conclusão.

18/março/92

BAHIA 0 X GUARANI 0

Local: Fonte Nova (Salvador); Juiz: Carlos Elias Pimentel (RJ); Renda: Cr$ 19 760 000; Público: 4 271; Cartão amarelo: Lima Baiano, Alex e Gustavo

BAHIA: Sérgio Néri(7), Gilvan(6), Wágner Basílio(6), Eduardo Paulista(6) e Alex(5); Paulo Rodrigues(5), Lima Sergipano(6) e Lima Baiano(5) (Vandick(6)); Erasmo(5) (Osmar(6)), Marcelo(5) e Naldinho(7). Técnico: Procópio Cardoso

GUARANI: Narciso(7), Gustavo(7), Paulo Silva(sem nota) (André(6)), Pereira(7) e Julimar(5); Valmir(7), Aílton(7) e Vanderlei(6); Ânderson(5), Vônei(6) (Adriano(5)) e Roberto Gaúcho(6). Técnico: Fito Neves

O JOGO: Muita luta e correria, pouco futebol. O Guarani foi mais lúcido, mas também não mostrou bola para evitar as vaias da torcida.

10.ª RODADA

21/março/92

PAYSANDU 1 X CORINTHIANS 2

Local: Mangueirão (Belém); Juiz: Leo Feldman (RJ); Renda: Cr$ 146 243 000; Público: 33 903; Gols: Neto (pênalti) 19 do 1.º; Taíka 2 e Preta 44 do 2.º; Cartão amarelo: Neto, Hélcio, Vítor Hugo, Wílson Mano, Nei, Ezequiel, Jacenir e Ronaldo

PAYSANDU: Luís Carlos(5), Corrêa(6) (Eraldo(5)), Nei(5), Vítor Hugo(6) e Hélcio(5); Sales(6), Preta(7) e Dema(5); Ivã(6), Dadinho(5) e Mazinho(5) (Vlademir(6)). Técnico: Luciano

CORINTHIANS: Ronaldo(6), Giba(6), Marcelo(6), Wílson Mano(6) e Jacenir(6); Márcio(6), Ezequiel(6), Taíka(7) e Neto(7) (Dinei(6)); Paulo Sérgio(6) (Fabinho(sem nota)) e Luciano(7). Técnico: Basílio

O JOGO: O Corinthians chegou a Belém com um esquema cauteloso, mas logo percebeu que o Paysandu era ainda mais medroso. Aos poucos, foi se soltando e poderia ter ganho até de mais.

NÁUTICO 0 X FLAMENGO 0

Local: Aflitos (Recife); Juiz: Joaquim Gregório (CE); Renda: Cr$ 42 482 000; Público: 11 291; Cartão amarelo: Wílson Gottardo, Rogério e Barros

NÁUTICO: Mauri(6), Cafezinho(6), Barros(6), Freitas(6) e Daniel(5); Jackson(8), Fagundes(7) e Nivaldo(5); Lao(6), Pirata(5) e Ocimar(7) (Augusto(5)). Técnico: Zé Mário

FLAMENGO: Gilmar(7), Fabinho(6) (Zé Ricardo(4)), Wílson Gottardo(7), Rogério(6) e Piá(6); Uidemar(8), Charles(6) e Júnior(6); Paulo Nunes(6) (Luís Antônio(5)), Gaúcho(7) e Zinho(6). Técnico: Carlinhos

O JOGO: Apesar do marcador, a partida teve muitas chances de gol e o Náutico desperdiçou até um pênalti com Nivaldo. O público saiu satisfeito.

22/março/92

VASCO 1 X SPORT 0

Local: Maracanã (Rio de Janeiro); Juiz: José Mocellin (RS); Renda: Cr$ 137 241 000; Público: 28 934; Gol: Bebeto 21 do 2.º; Cartão amarelo: Neco e Aílton; Expulsão: Júnior (Sport)

VASCO: Régis(6), Luiz Carlos Winck(7), Jorge Luís(6), Alexandre Torres(8) e Eduardo(7); Flávio(6), Geovani(6), Edmundo(6) (Júnior (sem nota)) e William(6); Bismarck(7) e Bebeto(8). Técnico: Nelsinho

SPORT: Gilberto(7), Givaldo(6), Aílton(6), Chico Monte Alegre(7) e Júnior(5); Lopes(5) (Franklin(sem nota)), Ataíde(6) e Bebeto(5); Moura(5), Sílvio Ceará(4) (Zico(4)) e Neco(6). Técnico: Givalnildo

O JOGO: O Sport soube se defender durante todo o jogo. Mas não contava com o talento de Bebeto, que marcou um dos mais belos gols do ano e definiu a partida.

FLUMINENSE 1 X ATLÉTICO-MG 0

Local: Laranjeiras (Rio de Janeiro); Juiz: Ílton José da Costa (SP); Renda: Cr$ 19 382 000; Público: 3 817; Gol: Renato 5 do 1.º; Cartão amarelo: Mazola, Renato, Julinho e Tobias; Expulsão: Carlos Itaberá

FLUMINENSE: Jéfferson(7), Carlos Itaberá(6), Edmílson(5), Mazola(5) e Paulo Afonso(5); Pires(6), Marcelo Gomes(6), Julinho(5) (Elói(6) e Renato(7); Ézio (6) (Júlio(5)) e Bobô(6) Técnico: Arthur Bernardes.

ATLÉTICO-MG João Leite(7), Alfinete(5), Luís Eduardo(5), Tobias(4) e Paulo Roberto(5); Éder Lopes(5), Valdir(5) e Altivo(5); Sérgio Araújo(6), Edmar(4) (Valdinei(3)) e Edu Lima(4) (Claudinho(5). Técnico: Vantuir

O JOGO: Aproveitando a má fase do Galo, o Fluminense foi para cima logo de cara. Parecia que iria golear, mas ficou mesmo em um 1 x 0 magro porém justo.

SANTOS 0 X BRAGANTINO 1

Local: Vila Belmiro (Santos); Juiz: Oscar Roberto de Godói (SP); Renda: Cr$ 59 586 000; Público: 13 713; Gol: Tiba 24 do 1.º; Cartão amarelo: Ayupe, Carlinhos, Carlos Augusto e Índio; Expulsão: Gil Baiano, Bernardo e Carlos Augusto

SANTOS: Sérgio(6), Dinho(6), Marcelo Fernandes(5), Luís Carlos(6) e Marcelo Veiga(5) (Índio(6)); Carlinhos(5) (João Paulo(6)), Bernardo(sem nota) e Sérgio Manuel(6); Almir(5), Guga(4) e Cilinho(6). Técnico: Geninho

BRAGANTINO: Marcelo(6), Gil Baiano(sem nota), Carlos Augusto(6), Nei(8) e Ayupe(6); Mauro Silva(8), Donizetti(6) e Alberto(6) (Marcão(sem nota)); João Santos(7) (Vágner Mancini(sem nota)), Marco Aurélio(5) e Tiba(7). Técnico: Candinho

O JOGO: As expulsões de Gil Baiano e Bernardo no início da partida prejudicaram mais o Santos, que perdeu o meio-campo. O Braga soube aproveitar.

PORTUGUESA 1 X GUARANI 2

Local: Canindé (São Paulo); Juiz: Edmundo Lima Filho (SP); Renda: Cr$ 12 672 000; Público: 3 099; Gols: Dener 22, Ânderson 32 e 40 do 1.º; Cartão amarelo: Valmir, Roberto Gaúcho, Ivair, Fernando e Capitão; Expulsão: Zé Maria

PORTUGUESA: Paulo Luís(6), Zé Maria(6), Marcelo(5), Fernando(5) e Charles(5); Capitão(6), Baiano(5) e Dener(7); Maurício(6) (Arnaldo(sem nota)), Nílson(6) e Adil(5) (Carlinhos(sem nota)). Técnico: Leão

GUARANI: Narciso(7), Gustavo(6), Missinho(5), Pereira(6) e Julimar(5); Valmir(6), Aílton(7) e Ivair(5); Ânderson(8), Vanderlei(6) (Paulinho(sem nota)) e Roberto Gaúcho(6) (Elias(sem nota)). Técnico: Fito Neves

O JOGO: A Portuguesa foi melhor até sofrer o gol de empate. Depois, perdeu-se nos erros e na afobação que aparecem sempre que joga no Canindé. O Guarani continua sua bela reação no campeonato.

CRUZEIRO 2 X GOIÁS 0

Local: Mineirão (Belo Horizonte); Juiz: João Venceslau (PE); Renda: Cr$ 61 952 000; Público: 17 921; Gols: Charles 40 e 45 do 2.º; Cartão amarelo: Cacau, Adílson e Luís Fernando

CRUZEIRO: Paulo César(7), Paulo Roberto(7), Paulão(6), Adílson(6) e Nonato(7); Ademir(6), Rogério Lage(6) e Luís Fernando(7); Aélson(5) (Riva(6)), Charles(8) e Agnaldo(5) (Cleisson(6)). Técnico: Ênio Andrade

GOIÁS: Martorelli(6), Wílson(5), Jorge Batata(6), Sanderlei(5) e Jorge Luís(6); Marçal(5), Guará(6) e Augusto(6); Cacau(5) (Niltinho(6)), Túlio(7) e Paulo César(6) (Marcelo Borges(sem nota)). Técnico: Sebastião Lapola

O JOGO: As alterações de Ênio Andrade foram essenciais para quebrar a forte retranca do Goiás no segundo tempo. Além disso, era dia de Charles.

23/março/92

BOTAFOGO 2 x PALMEIRAS 0

Local: Caio Martins (Niterói); Juiz: José Roberto Wright (SP); Renda: Cr$ 28 655 000; Público: 5 645; Gols: César Sampaio (contra) 7 do 1.º; Chicão 6 do 2.º; Cartão amarelo: Márcio Santos, Pingo, Carlos Alberto Dias, Biro e Evair

BOTAFOGO: Ricardo Cruz(6), Odemílson(6), Renê(7), Márcio Santos(6) (Gilmar Francisco(6)) e Válber(6); Carlos Alberto Santos(6), Pingo(7), Jéferson Douglas(5) e Carlos Alberto Dias(7); Renato Gaúcho(7) (Vivinho(6)) e Chicão(7). Técnico: Gil

PALMEIRAS: Carlos(6), Odair(5) (Marques(5)), Tonhão(5), Alexandre Rosa(5) e Biro(4); César Sampaio(6), Galeano(6), Betinho(5) e Luís Henrique(5); Evair(5) e Amaral(4) (Marcinho(4)). Técnico: Nelsinho

O JOGO: O Botafogo ganhou pelas pontas. Primeiro com Renato, depois com Vivinho, que entrou em seu lugar e fez a jogada do segundo gol.

SÃO PAULO 5 x ATLÉTICO-PR 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Válter Senra (RJ); Renda: Cr$ 12 980 000; Público: 3 027; Gols: Ronaldo 1, Cafu 18 e Müller 34 do 1.º; Palhinha 3 e Antônio Carlos 16 do 2.º; Cartão amarelo: Fernando e Biluca

SÃO PAULO: Zetti(6), Cafu(8), Antônio Carlos(7), Ronaldo(6) e Nelsinho(6); Adílson(6), Pintado(6) (Suélio(6)) e Raí(8); Palhinha(7), Müller(7) (Macedo(6)) e Elivélton(6). Técnico: Telê Santana

ATLÉTICO-PR: Gilmar(6), Jorge Luís(6), Fernando(5), Biluca(5) e Marcelo Sousa(6); Roberson(4) (Eduardo(6)), Leomar(5), Carlinhos(5) e Negrini(6); Ozias(5) e Renaldo(5) (Ratinho(sem nota)). Técnico: Geraldo Damasceno

O JOGO: O São Paulo espantou o fantasma dos cinco jogos sem vitórias com um gol logo no início. Depois, foi fácil golear o frágil time paranaense.

INTER 1 x BAHIA 1

Local: Beira-Rio (Porto Alegre); Juiz: Ulisses Tavares da Silva Filho (SP); Renda: Cr$ 61 037 000; Público: 13 231; Gols: Gérson 48 do 1.º; Marce-

CLASSIFICAÇÃO

	PG	J	V	E	D	GP	GC
1.º Vasco	16	10	7	2	1	21	7
2.º Internacional	15	10	6	3	1	16	7
Bragantino	15	10	6	3	1	7	4
4.º Botafogo	14	10	6	2	2	20	13
5.º Cruzeiro	13	10	5	3	2	14	5
6.º Sport	12	10	3	6	1	9	4
7.º Corinthians	11	9	4	3	2	13	11
Fluminense	11	10	4	3	3	14	12
Santos	11	10	4	3	3	11	11
10.º Flamengo	10	10	3	4	3	13	13
11.º Guarani	9	10	4	1	5	8	13
12.º São Paulo	8	9	3	2	4	12	11
Atlético-PR	8	10	3	2	5	10	21
Náutico	8	10	2	4	4	13	13
Goiás	8	10	2	4	4	11	14
16.º Paysandu	7	10	3	1	6	9	18
Portuguesa	7	10	2	3	5	12	15
18.º Palmeiras	6	10	2	2	6	11	13
Bahia	6	10	1	4	5	11	17
20.º Atlético-MG	3	10	-	3	7	4	17

lo 40 do 2.º; Cartão amarelo: Gilvan, Lima Sergipano e Simão

INTER: Maisena(5), Célio Lino(6), Pinga(6), Norton(6) e Canhoto(7); Élson(6), Simão(6) e Marquinhos(7); Lima(6), Gérson(7) e Zinho(5). Técnico: Antônio Lopes

BAHIA: Sérgio Néri(6), Mailson (6), Eduardo Paulista(6), Vilmar(6) e Gilvan(5); Paulo Rodrigues(6), Lima Sergipano(5) e Alex(6); Erasmo(6) (Barbosa(5)), Vandick(6) (Marcelo(7)) e Naldinho(8). Técnico: Procópio Cardoso

O JOGO: O Inter entrou desfalcado e em um descuido permitiu o empate ao Bahia. Partida marcada por um baixíssimo nível técnico.

Médias de aproveitamento jogando em casa

		Jogos	Pontos ganhos
1.º	Cruzeiro	5	9 (90%)
2.º	Botafogo	7	11 (78,5%)
	Inter	7	11 (78,5%)
4.º	Fluminense	6	9 (75%)
	Santos	6	9 (75%)
	São Paulo	4	6 (75%)
7.º	Bragantino	5	7 (70%)
	Náutico	5	7 (70%)
	Paysandu	5	7 (70%)
10.º	Sport	6	8 (66,6%)
	Vasco	6	8 (66,6%)
12.º	Goiás	5	6 (60%)
13.º	Bahia	5	5 (50%)
	Palmeiras	5	5 (50%)
15.º	Corinthians	6	5 (41,6%)
16.º	Portuguesa	5	4 (40%)
17.º	Atlético-PR	4	3 (37,5%)
	Flamengo	4	3 (37,5%)
19.º	Guarani	3	2 (33,3%)
20.º	Atlético-MG	5	1 (10%)

Médias de aproveitamento jogando fora de casa

		Jogos	Pontos ganhos
1.º	Vasco	4	8 (100%)
	Corinthians	3	6 (100%)
3.º	Bragantino	5	8 (80%)
4.º	Inter	3	4 (66,6%)
5.º	Flamengo	6	7 (58,3%)
6.º	Guarani	7	7 (50%)
	Sport	4	4 (50%)
	Botafogo	3	3 (50%)
9.º	Atlético-PR	6	5 (41,6%)
10.º	Cruzeiro	5	4 (40%)
11.º	Portuguesa	5	3 (30%)
12.º	Fluminense	4	2 (25%)
	Santos	4	2 (25%)
14.º	São Paulo	5	2 (20%)
	Goiás	5	2 (20%)
	Atlético-MG	5	2 (20,%)
17.º	Bahia	5	1 (10%)
	Náutico	5	1 (10%)
	Palmeiras	5	1 (10%)
20.º	Paysandu	5	0 (0)

Médias de Renda (Cr$)

1.º Flamengo	93 662 200
2.º Cruzeiro	79 743 500
3.º Internacional	63 855 400
4.º Botafogo	62 728 650
5.º Paysandu	62 490 400
6.º Palmeiras	62 442 700
7.º Vasco	61 394 800
8.º São Paulo	59 949 131
9.º Corinthians	57 798 100
10.º Sport	52 819 850
11.º Goiás	49 022 400
12.º Fluminense	45 055 400
13.º Atlético-MG	44 805 250
14.º Santos	43 089 518
15.º Bahia	36 872 400
16.º Portuguesa	26 245 500
17.º Guarani	25 612 050
18.º Náutico	24 946 250
19.º Bragantino	24 641 400
20.º Atlético-PR	16 925 900

Médias de Público

1.º Flamengo	20 798
2.º Cruzeiro	20 306
3.º Paysandu	15 424
4.º Botafogo	14 479
5.º Palmeiras	14 178
6.º Internacional	13 731
7.º Sport	13 687
8.º Corinthians	13 498
9.º Vasco	13 358
10.º Atlético-MG	12 215
11.º São Paulo	12 095
12.º Santos	11 788
13.º Goiás	10 902
14.º Fluminense	9 447
15.º Bragantino	7 840
16.º Bahia	7 174
17.º Portuguesa	6 800
18.º Guarani	6 261
19.º Náutico	6 118
20.º Atlético-PR	4 741

Artilheiros

Bebeto (Vas) **9;** Chicão (Bota) e Nílson (Port) **8;** Túlio (GO) e Gérson (Inter) **6;** Charles (Cru), Ézio (Flu) **5;** Ozias (Atl-PR), Renato (Bota), Neto (Cor), Gaúcho (Fla), Nivaldo (Náu), Paulinho (San) e Sílvio Ceará (Spo) **4;** Renaldo (Atl-PR), Marcelo (Ba), Renato (Flu), Jorge Batata (Go), Ânderson (Gua), Pirata (Náu), Reginaldo (Pay), Edu (Pal) e Edmundo (Vas) **3;** Valdeir (Bota), Naldinho, Paulo Rodrigues (Ba), Viola, Jairo (Cor), Aguinaldo, Paulo Roberto, Paulão (Cru), Júnior (Fla), Elói (Flu), Aílton (Gua), Célio Lino, Zinho (Inter), Róbson (Náu), Corrêa (Pay), Evair, Marques (Pal), Almir (San), Müller, Palhinha, Raí (SP), Bismarck e William (Vas) **2**

Resumo do Campeonato

Jogos: 99
Gols: 239
Média: 2,41 gols por partida
Público (total): 1 184 693
Média: 11 847
Renda (total): Cr$ 4 919 271 678,00
Média: Cr$ 49 192 716,00

PRIMEIRA DIVISÃO

5.ª RODADA

23/fevereiro/92

GRUPO 1
Ceará 2 x Fortaleza 1
CSA 3 x Central 0
Santa Cruz 6 x Picos 1
Campinense 2 x ABC 0

GRUPO 2
Taguatinga 0 x Desportiva 1
Americano 1 x Vitória-BA 0
Itaperuna 2 x Anapolina 0

GRUPO 3
Bangu 0 x Juventus 0
Botafogo-SP 0 x Criciúma 0
Coritiba 0 x Joinville 0
União São João 1 x Noroeste 2

GRUPO 4
Operário-MS 1 x São José 3
Ponte Preta 1 x Paraná 1
América-MG 4 x Operário-MT 1

24/fevereiro/92

GRUPO 2
Remo 4 x Confiança 0

GRUPO 4
Grêmio 2 x Londrina 0

6.ª RODADA

8/março/92

GRUPO 1
Ceará 1 x Picos 0
Fortaleza 0 x Santa Cruz 0
Central 0 x Campinense 1
ABC 1 x CSA 0

GRUPO 2
Remo 3 x Vitória-BA 1
Confiança 1 x Americano 0
Desportiva 2 x Itaperuna 0
Anapolina 3 x Taguatinga 2

GRUPO 3
Bangu 1 x Joinville 0
Juventus 0 x Coritiba 1
Noroeste 1 x Botafogo-SP 3

GRUPO 4
Grêmio 0 x Paraná 0
Londrina 1 x Ponte Preta 2
São José 0 x América-MG 0
Operário-MT 2 x Operário-MS 2

9/março/92

GRUPO 3
Criciúma 2 x União São João 1

7.ª RODADA

11/março/92

GRUPO 1
Fortaleza 0 x Picos 0
Central 3 x ABC 1
Campinense 1 x CSA 0

GRUPO 2
Confiança 0 x Vitória 0
Desportiva 1 x Anapolina 0
Itaperuna 2 x Taguatinga 1

GRUPO 3
Juventus 0 x Joinville 0

GRUPO 4
Londrina 2 x Paraná 1
São José 2 x Operário-MT 1

12/março/92

GRUPO 1
Ceará 0 x Santa Cruz 0

GRUPO 2
Remo 3 x Americano 1

GRUPO 3
Bangu 3 x Coritiba 1
Criciúma 4 x Noroeste 0

GRUPO 4
Grêmio 2 x Ponte Preta 1
América-MG 1 x Operário-MS 0

13/março/92

GRUPO 3
União São João 0 x Botafogo-SP 1

3.ª RODADA

JOGO ADIADO

15/março/92
Criciúma 1 x Bangu 0

RETURNO
1.ª RODADA

15/março/92

GRUPO 1
Fortaleza 0 x Ceará 0
Picos 1 x Santa Cruz 1

18/março/92

GRUPO 1
CSA 2 x Campinense 1
ABC 2 x Central 1

GRUPO 2
Remo 3 x Desportiva 4
Confiança 3 x Taguatinga 1
Itaperuna 1 x Vitória-BA 1
Americano 4 x Anapolina 1

GRUPO 3
Coritiba 1 x Botafogo-SP 0
União São João 2 x Bangu 0
Criciúma 2 x Joinville 0
Juventus 3 x Noroeste 0

GRUPO 4
Ponte Preta 0 x Londrina 1
Operário-MT 1 x São José 5
América-MG 1 x Grêmio 0
Operário-MS 0 x Paraná 0

2.ª RODADA

21/março/92

GRUPO 1
Ceará 1 x Central 0

GRUPO 3
União São João 1 x Criciúma 0

22/março/92

GRUPO 1
Fortaleza 1 x ABC 0
Campinense 1 x Picos 1
Santa Cruz 0 x CSA 0

GRUPO 2
Remo 4 x Taguatinga 0
Desportiva 3 x Confiança 0
Anapolina 1 x Vitória-BA 0

GRUPO 3
Joinville 0 x Bangu 0
Coritiba 0 x Juventus 1
Botafogo-SP 1 x Noroeste 2

GRUPO 4
Ponte Preta 0 x Grêmio 0
São José 0 x Paraná 1
Operário-MT 0 x América-MG 0
Londrina 3 x Operário-MS 1

COLOCAÇÃO

GRUPO 1
1.º Santa Cruz **14**; 2.º Ceará e Fortaleza **10**; 4.º Campinense e CSA **9**; 6.º Picos **8**; 7.º ABC **7**; 8.º Central **5**

GRUPO 2
1.º Desportiva e Remo **12**; 3.º Anapolina, Confiança, Itaperuna e Vitória-BA **9**; 7.º Americano **7**; 8.º Taguatinga **3**

GRUPO 3
1.º Bangu e Criciúma **11**; 3.º Botafogo-SP **10**; 4.º Coritiba, Joinville e Juventus **9**; 7.º Noroeste **7**; 8.º União São João **6**

GRUPO 4
1.º América-MG e Paraná **12**; 3.º Londrina e São José **10**; 5.º Grêmio **9**; 6.º Ponte Preta **8**; 7.º Operário-MS **7**; 8.º Operário-MT **4**

SÉRIE B

1.ª RODADA

22/março/92

GRUPO 1
Macapá-AP 2 x Ji-Paraná-RO 0
Nacional-AM 0 x Atlético-AC 0

GRUPO 2
Sampaio Correa 1 x Isabelense-PA 1
Tuna Luso 1 x Moto Clube 0

GRUPO 3
Vitória-PE 3 x CRB 1
Ferroviário-CE 1 x Auto Esporte-PB 1

GRUPO 4
Fluminense-BA 1 x Catuense 1
Sergipe 1 x ASA 1

GRUPO 5
Guará-DF 1 x Rio Pardo-ES 1
Tiradentes-DF 0 x Atlético-GO 1

GRUPO 6
São Bento 2 x Matsubara 2
Marília 1 x Rio Branco-MG 0

GRUPO 7
Chapecoense 2 x Blumenau 0
Operário-PR 2 x Grêmio Maringá 0

SELEÇÃO BRASILEIRA

AMISTOSO

26/fevereiro/92

BRASIL 3 X EUA 0

Local: Castelão (Fortaleza); Juiz: Luís Vieira Villanova (Brasil); Renda: Cr$ 106 049 000; Público: 20 680; Gols: Antônio Carlos 30 do 1.º; Raí (pênalti) 28 e 34 do 2.º

BRASIL: Carlos, Luiz Carlos Winck (Cafu), Antônio Carlos, Ronaldo (Alexandre Torres) e Roberto Carlos; César Sampaio (Wílson Mano), Luís Henrique e Raí; Bebeto (Valdeir), Müller (Evair) e Elivélton. Técnico: Carlos Alberto Parreira

EUA: Tony Meola, Savage, Clavijo (Ibsen), Balboa e Michalik; Murray, Quinn e Henderson (Acosta); Tab Ramos, Hugo Perez (Mear) e Peter Vernes (Stewart). Técnico: Bora Milotinovic

TAÇA LIBERTADORES DA AMÉRICA

PRIMEIRA FASE

18/fevereiro/92
GRUPO 1
Colo-Colo (CHI) 1 x Coquimbo (CHI) 0
21/fevereiro/92
Colo-Colo (CHI) 1 x Universidad (CHI) 1
23/fevereiro/92
GRUPO 3
Barcelona (EQU) 0 x Valdez (EQU) 0
Marítimo (VEN) 1 x ULA (VEN) 2
26/fevereiro/92
GRUPO 1
Coquimbo (CHI) 3 x Universidad (CHI) 1
N.O.Boys (ARG) 0 x San Lorenzo (ARG) 6
GRUPO 4
América (COL) 2 x Nacional (COL) 0
Sport Boys (PERU) 1 x Sporting Cristal (PERU) 1
3/março/92
GRUPO 1
N.O. Boys (ARG) 3 x Coquimbo (CHI) 0
San Lorenzo (ARG) 1 x Colo-Colo (CHI) 0
4/março/92
GRUPO 5
Sol de America (PAR) 0 x Cerro Porteño (PAR) 2
Nacional (URU) 1 x Defensor (URU) 0
6/março/92
GRUPO 1
N.O. Boys (ARG) 3 x Colo-Colo (CHI) 1
San Lorenzo (ARG) 3 x Coquimbo (CHI) 0
GRUPO 2
Criciúma (BRA) 3 x São Paulo (BRA) 0
8/março/92
GRUPO 2
Bolívar (BOL) 2 x San Jose (BOL) 1
9/março/92
GRUPO 1
Universidad (CHI) 1 x N.O. Boys (ARG) 1
10/março/92
GRUPO 4
América (COL) 2 x Sport Boys (PERU) 0
GRUPO 5
Defensor (URU) 2 x Cerro Porteño (PAR) 3
11/março/92
GRUPO 3
ULA (VEN) 0 x Valdez (EQU) 2
13/março/92
GRUPO 1
Universidad (CHI) 4 x San Lorenzo (ARG) 0
GRUPO 4
Nacional (COL) 2 x Sport Boys (PERU) 2
GRUPO 5
Nacional (URU) 0 x Cerro Porteño (PAR) 0
15/março/92
GRUPO 3
Marítimo (VEN) 1 x Valdez (EQU) 0
17/março/92
GRUPO 1
Coquimbo (CHI) 1 x Colo-Colo (CHI) 1
GRUPO 2
San Jose (BOL) 0 x São Paulo (BRA) 3
GRUPO 4
América (COL) 1 x Sporting Cristal (PERU) 0
18/março/92
GRUPO 4
Marítimo (VEN) 1 x Barcelona (EQU) 1
GRUPO 5
Nacional (ÚRU) 2 x Sol de America (PAR) 2
20/março/92
GRUPO 1
Universidad (CHI) 0 x Colo-Colo (CHI) 0
GRUPO 2
Bolívar (BOL) 1 x São Paulo (BRA) 1
GRUPO 4
Nacional (COL) 1 x Sporting Cristal (PERU) 0
21/março/92
GRUPO 5
Defensor (URU) 1 x Sol de America (PAR) 2
GRUPO 3
ULA (VEN) 0 x Barcelona (EQU) 1

COPAS EUROPÉIAS

COPA DOS CAMPEÕES FASE SEMIFINAL

1.° Turno - 3.ª RODADA

4/março/92
GRUPO A
Anderlecht (BÉL) 3 x Sampdoria (ITÁ) 2
Panathinaikos (GRÉ) 0 x E.Vermelha (IUG) 2
GRUPO B
Benfica (POR) 1 x Sparta Praga (TCH) 1
Dínamo Kiev (URSS) 0 x Barcelona (ESP) 2

4.ª RODADA

18/março/92
GRUPO A
E.Vermelha (IUG) 1 x Panathinaikos (GRÉ) 0
Sampdoria (ITÁ) 2 x Anderlecht (BÉL) 0
GRUPO B
Sparta Praga (TCH) 1 x Benfica (PORT) 1
Barcelona (ESP) 3 x Dínamo Kiev (URSS) 0

RECOPA QUARTAS-DE-FINAL

JOGOS DE IDA
4/março/92
W. Bremen (ALE) 2 x Galatasaray (TUR) 1
Roma (ITÁ) 0 x Monaco (FRA) 0
Atlético Madrid (ESP) 3 x Bruges (BÉL) 2
Feyenoord (HOL) 1 x Tottenham (ING) 0
JOGOS DE VOLTA
18/março/92
Galatasaray (TUR) 0 x W. Bremen (ALE) 0
Monaco (FRA) 1 x Roma (ITÁ) 0
Bruges (BÉL) 2 x Atlético Madrid (ESP) 1
Tottenham (ING) 0 x Feyenoord (HOL) 0
Estão classificados para as semifinais: Werder Bremen (ALE), Monaco (FRA), Bruges (BÉL) e Feyenoord (HOL)

COPA DA UEFA QUARTAS-DE-FINAL

JOGOS DE IDA
4/março/92
Olomouc (TCH) 1 x Real Madrid (ESP) 1
Genoa (ITÁ) 2 x Liverpool (ING) 0
Gent (BÉL) 0 x Ajax (HOL) 0
B 1903 (DIN) 0 x Torino (ITÁ) 2
JOGOS DE VOLTA
18/março/92
Real Madrid (ESP) 1 x Olomouc (TCH) 0
Liverpool (ING) 1 x Genoa (ITÁ) 2
Ajax (HOL) 3 x Gent (BÉL) 0
19/março/92
Torino (ITÁ) 1 x B 1903 (DIN) 0
Estão classificados para as semifinais: Real Madrid, Ajax, Genoa e Torino

23.ª BOLA DE PRATA

Marquinhos e Júnior são os grandes destaques até a décima rodada, com uma disputa empolgante entre os meias na Bola de Ouro. Mas o goleiro Gilberto e o atacante Bebeto já encostam e prometem incomodar

GOLEIRO

1.°	Gilberto (Spo)	7,00(10)
2.°	Jéfferson (Flu)	6,80(10)
3.°	Fernandez (Inter)	6,71(7)
4.°	Paulo César (Cru)	6,70(10)
5.°	Narciso (Gua)	6,60(5)
6.°	Gilmar (Atl-PR)	6,50(10)
	Luís Carlos (Pay)	6,50(10)
	Ricardo Cruz (Bota)	6,50(4)

MEIAS

1.°	Marquinhos (Inter)	7,39(10)
2.°	Júnior (Fla)	7,22(9)
3.°	Jackson (Náu)	6,71(7)
4.°	Alberto (Bra)	6,57(7)
	Fagundes (Náu)	6,57(7)
6.°	Raí (SP)	6,56(9)
7.°	Nivaldo (Náu)	6,50(4)
8.°	Zinho (Fla)	6,44(9)
	Edu (Pal)	6,44(9)

LATERAL-DIREITO

1.°	Célio Lino (Inter)	6,78(9)
2.°	Paulo Roberto (Cru)	6,71(7)
3.°	Cafezinho (Náu)	6,40(10)
4.°	Luiz Carlos Winck (Vas)	6,20(10)
	Gustavo (Gua)	6,20(5)
6.°	Cafu (SP)	6,16(6)
7.°	Charles (Fla)	6,11(9)
8.°	Corrêa (Pay)	6,00(10)

LATERAL-ESQUERDO

1.°	Canhoto (Inter)	6,49(4)
2.°	Marcelo Veiga (San)	6,25(4)
3.°	Eduardo (Vas)	6,24(8)
4.°	Biro-Biro (Bra)	6,22(9)
5.°	Dida (Pal)	6,00(8)
	Pedrinho (Port)	6,00(3)
7.°	Piá (Fla)	5,90(10)
	Jorge Batata (Go)	5,90(10)

ATACANTES

1.°	Bebeto (Vas)	7,00(10)
2.°	Nilson (Port)	6,89(9)
3.°	Chicão (Bota)	6,74(10)
4.°	Renato Gaúcho (Bota)	6,60(10)
	Túlio (Go)	6,60(10)
6.°	Naldinho (Ba)	6,59(10)
7.°	Gérson (Inter)	6,55(9)
8.°	Bismarck (Vas)	6,50(6)

ZAGUEIROS

1.°	Alexandre Torres (Vas)	6,40(10)
2.°	Jorginho (Ba)	6,33(9)
	Paulão (Cru)	6,33(9)
	Aílton (Spo)	6,33(9)
5.°	Fernando (Atl-PR)	6,25(4)
6.°	Júnior (Bra)	6,22(9)
	Sanderlei (Go)	6,22(9)
8.°	Mazola (Flu)	6,14(7)

VOLANTE

1.°	Simão (Inter)	6,83(6)
2.°	Mauro Silva (Bra)	6,70(10)
3.°	Júlio (Inter)	6,60(5)
4.°	Dinho (Spo)	6,44(9)
5.°	Axel (San)	6,43(7)
6.°	Bernardo (San)	6,38(8)
7.°	Taíka (Cor)	6,33(3)

BOLA DE OURO

1.°	Marquinhos (Inter)	7,39(10)
2.°	Júnior (Fla)	7,22(9)
3.°	Gilberto (Spo)	7,00(10)
	Bebeto (Vas)	7,00(10)
5.°	Nilson (Port)	6,89(9)
6.°	Simão (Inter)	6,83(9)
7.°	Jéfferson (Flu)	6,80(10)
8.°	Célio Lino (Inter)	6,78(9)

*A partir da quinta rodada só aparecem na relação os jogadores que tenham atuado em pelo menos três partidas recebendo notas

CRUZEIRO Campeão da Libertadores de 1976

Em pé: Darci Meneses, Piazza, Moraes, Nelinho, Vanderlei e Raul; **agachados:** Eduardo, Zé Carlos, Palhinha, Jairzinho e Joãozinho

CÉLIO APOLINÁRIO

21 DE JUNHO DE 1989

BOTAFOGO 1 X FLAMENGO 0

FÚRIA E GLÓRIA

Ganhar ou ganhar. Esse é o desafio do Fogão hoje. E, das duas opções, ele escolhe... as duas

FERNANDO PIMENTEL

O GOL QUE REDIME

Maurício fuzila Zé Carlos e incendeia o Maracanã. O doloroso jejum chega ao fim

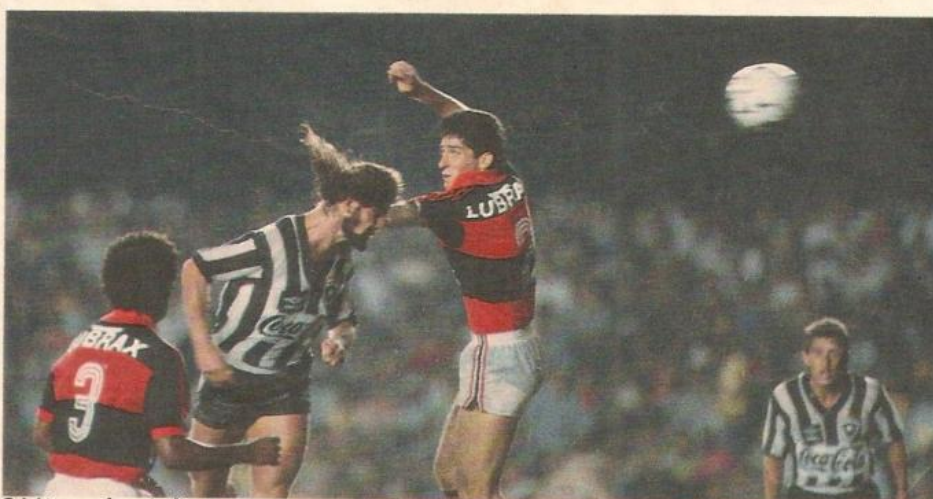
AG. O GLOBO

De joelhos, mãos para o céu, os heróis comemoram a redenção botafoguense

A bola chega aos pés de Zico e Luisinho vem por trás, rasgando. O Galinho cai e, ainda deitado, vê todo o time do Botafogo partindo alucinado para o campo de ataque. O Maracanã delira. Há muito tempo não se vê o alvinegro com tanta vibração. É como se fosse a própria fúria de chuteiras. Até Zico se surpreende vendo o rival tão determinado. A marcação sobre ele, por exemplo, é implacável. Em cada lance, pelo menos três jogadores estão em cima do 10 flamenguista. O Botafogo esbanja garra e determinação em campo. É um time que demonstra a cada jogada a garra de campeão. Mauro Galvão grita da defesa. Não deixa nenhum companheiro se acomodar um instante que seja. O Macaranã está em fogo. Ou, literalmente, em Fogo.

O Flamengo, porém, não se entrega. Bebeto cabeceia certo, consciente, no ângulo, e já se prepara para comemorar, mas Ricardo Cruz vai buscar em um salto eletrizante. O Bota se torna ainda mais vibrante. Bloqueia todos os espaços. A torcida não resiste e grita "Fogo, Fogo, Fogo", incendiando o Maracanã com sua energia. Só não começa o coro de "campeão" para não atrapalhar a equipe. Afinal, são vinte anos sem conseguir dizer esta palavra mágica. Mas, hoje, ela sente, nada vai conseguir atrapalhar.

Wílson Gottardo chega junto com Bebeto. O atacante rubro-negro se encolhe. O Flamengo pode até ter uma equipe melhor no papel, mas qualquer um pode ver: o Botafogo é muito mais corajoso nas divididas e muito mais aplicado na marcação. Por isso, só perde este jogo por um capricho dos deuses da bola. Mesmo que empate, o Glorioso só precisa de outra igualdade no domingo para ser o campeão de 89.

Termina o primeiro tempo. O alvinegro não marcou. Ainda. Com tanta vontade, entretanto, o gol não vai demorar. Maurício é o melhor exemplo desta dedicação. Embora não se encontre em suas condições físicas ideais, é um guerreiro. Até instantes antes do jogo, estava na cama com 40 graus de febre e por pouco não entra em campo. Agora, briga pela posse da bola com o lateral Leonardo, que tenta partir para o ataque. Maurício pára o lance na raça e sai levando o Fogão para a frente. O lateral rubro-

FERNANDO PIMENTEL

Criciúma cabeceia firme, mas na trave. Os deuses queriam assim: 1 x 0 magro, sofrido e glorioso

"Não podes perder, perder pra ninguém", a torcida delira

negro tenta atacar novamente e de novo Maurício pára a jogada... na porrada. A torcida alvinegra, agradecendo seu esforço, grita seu nome com entusiasmo: "Mau-rí-cio, Mau-rí-cio!!!"

Só o que se escuta, na verdade, é a vibração botafoguense. Os flamenguistas, minoria no estádio, se encolhem, tímidos, já descrentes

MARCELO CARNAVAL

As arquibancadas explodem de emoção

da possibilidade de um resultado positivo. Zico sai de campo aos onze do segundo tempo. Já não agüenta o ritmo de jogo. Ao passar por Maurício, o Galinho diz: "Vocês estão melhores e merecem ganhar". O reconhecimento, vindo de quem veio, dá ainda mais ânimo ao ponta. "Vamos pras cabeças. Quero ver todo mundo brigando ainda mais", Mauro Galvão incentiva a equipe. Luisinho cruza o meio do campo e lança Mazolinha. O atacante desce pela ponta-esquerda, passa pelo lateral Jorginho e centra. Agora vale tudo. Maurício encosta em Leonardo e lhe dá um empurrão de leve, deslocando-o. No mesmo instante, a bola sobra limpa e ele a empurra para o gol, de pé direito.

O juiz corre para o meio de campo e um grito só ecoa do Maracanã para todo o Brasil. Eram doze minutos. Agora só faltam 33 para quebrar o jejum de vinte anos sem título. Nílton Santos já não precisa rezar como faz todo dia, pedindo ajuda a Mané Garrincha, de onde ele esteja. A torcida canta "Botafogo, Botafogo, campeão". Em campo, a luta prossegue. Cada jogador alvinegro é uma fera; cada lance, uma decisão; cada minuto, uma eternidade.

Maurício domina e vai à linha de fundo. O cruzamento pega Paulinho Criciúma de cara para o gol. A cabeçada sai perfeita, mas bate na trave, deixando o goleiro Zé Carlos atordoado. O Maracanã é tomado por uma excitação contagiante. No banco de reservas, o técnico botafoguense, Valdir Espinosa, chora. Nas arquibancadas, 56 mil pessoas extravasam sua emoções, gritando, pulando, cantando.

O juiz apita o final do jogo. Para os alvinegros, aquele som agudo ecoa comovente — é o anúncio de que o dia da glória finalmente chegou. No gramado, cada jogador botafoguense está de joelhos, mãos erguidas para o céu. Nas arquibancadas, o hino do clube ainda é cantado em coro.

"Não podes perder, perder pra ninguém..." Depois de 24 jogos sem uma única derrota, os versos soam proféticos e justos, saudando o Botafogo, o grande campeão invicto.

MAURÍCIO
O CUMPRIDOR DA PROFECIA

"Tudo era diferente naquele ano. Acabaram as brigas, os problemas financeiros e o ambiente nem parecia o do Botafogo. Até a torcida, da qual tinha fugido para o Inter, no semestre anterior, era diferente. Em vez de cobranças, ela transmitia uma energia contagiante. O curioso é que quase não assinei contrato na minha volta, por falta de acordo. Mas minha mãe me fez assinar em branco, dizendo para ficar tranqüilo porque iriam me pagar o que eu queria e seria campeão. E foi o que aconteceu.

Outro que merece crédito é o Valdir Espinosa. Foi quem me convenceu a voltar para o segundo tempo. Eu estava com 40 graus de febre, havia feito um esforço imenso na primeira etapa e não tinha condição física para retornar. Aí ele me disse: 'Vai, porque sonhei que você marcará o gol do título'.

Ele lembra que podia sentir a forte presença de Garrincha bem a seu lado

Mas essa foi apenas uma das coisas estranhas que aconteceram na decisão. Houve todas aquelas coincidências com o número 21. Do dia do mês à temperatura na hora do gol, tudo lembrava os anos de jejum. Além disso, durante todo o jogo, senti que Mané Garrincha estava comigo. Foi a sensação mais fantástica que já vivi. Graças a ela, resolvi visitar o cemitério onde Garrincha está enterrado, em Pau Grande. Lá, alguém me deu a idéia de somar os números de seu túmulo. Aí aconteceu o mais curioso: a soma também deu 21."

NELSON COELHO

Maurício, hoje na Lusa: estranhas coincidências

O RAIO-X DO JOGO

21/junho/89
BOTAFOGO 1 x FLAMENGO 0
Local: Maracanã (Rio de Janeiro); **Juiz:** Válter Senra (RJ); **Renda:** NCz$ 302 592; **Público:** 56 412; **Gol:** Maurício 12 do 2.º; **Cartão amarelo:** Zé Carlos II, Vítor, Zinho, Luisinho, Ricardo Cruz e Mazolinha

BOTAFOGO: Ricardo Cruz, Josimar, Wílson Gottardo, Mauro Galvão e Marquinhos; Carlos Alberto Santos, Luisinho e Vítor; Maurício, Paulinho Criciúma e Gustavo (Mazolinha). **Técnico:** Valdir Espinosa
FLAMENGO: Zé Carlos, Jorginho, Aldair, Zé Carlos II e Leonardo; Aílton, Renato e Zico (Marquinhos); Alcindo (Sérgio Araújo), Bebeto e Zinho. **Técnico:** Telê Santana

BOTAFOGO Campeão Carioca de 1989

Em pé: Josimar, Ricardo Cruz, Carlos Alberto Santos, Mauro Galvão, Marquinhos e Wilson Gottardo; **agachados:** Maurício, Luisinho, Vitor, Paulinho Criciúma e Gustavo

NILTON CLAUDINO

FOTOS ABRIL

11 DE OUTUBRO DE 1962

SANTOS 5 X BENFICA 2

A ARTE CONQUISTA O MUNDO

Esta noite até a *Voz do Brasil* mudou de horário. O Santos enfrenta o poderoso Benfica, bicampeão europeu, pelo título mundial, e o país inteiro torce por ele

Acima do alarido da torcida que lota o Estádio da Luz, em Lisboa, os jogadores do Santos ouvem os gritos do volante Zito. Ele berra com Lima para apertar a marcação sobre Coluna, esbraveja com Mauro por deixar muitos espaços para Eusébio, xinga Olavo por estar dando folga de mais ao ponteiro Simões. Já se passaram quinze minutos de jogo e o Benfica atacou quatro vezes até agora — todas com muito perigo.

O embaixador brasileiro Negrão de Lima, sentado ao lado do presidente português Américo Thomás na Tribuna de Honra, começa a temer o pior. E não só ele: por todo o Brasil, ouvidos colados ao rádio, torcedores de todos os clubes sentem o sufoco que a equipe santista está levando

neste começo de partida, quando a bola branca parece procurar sempre os jogadores com a camisa encarnada do Benfica — um time poderosíssimo, bicampeão da Europa, e formado por alguns dos melhores craques que Portugal já teve em toda a sua história, como o armador Coluna, o goleiro Costa Pereira, o ponta Simões e o ponta-de-lança Eusébio, que a imprensa européia acha melhor até do que Pelé.

UMA OBRA-PRIMA REAL

Coutinho rola macio, cheio de malícia. Pelé entra na área, dribla dois e chuta. O goleiro Costa Pereira defende, mas o Rei pega o rebote e fuzila

Gilmar prepara-se para bater um tiro de meta e Zito grita agora com Pelé, Coutinho, Dorval e Pepe. Ele quer que os atacantes segurem a bola na frente para a defesa poder respirar um pouco. O goleiro brasileiro chuta, lançando Pepe na esquerda. O ponta dribla Jacinto e toca para Pelé, que passa por Raul, depois por Humberto, invade a área e fuzila Costa Pereira. Gol. Gol. O relógio do juiz francês Pierre Scwinte marca exatos dezessete minutos.

Agora, os 73 mil torcedores presentes ao estádio não gritam mais. Apenas sussurram entre si, perplexos. Mas o que foi isso? — perguntam-se. Seus olhos atônitos respondem que não sabem direito o que aconteceu.

Mas o Benfica, o favorito Benfica, parece não ter sentido o golpe e volta ao ataque, ainda com maior volúpia. Dois minutos depois, Eusébio, a Pantera Negra, pega um rebote da defesa e dispara em direção ao gol de Gilmar. Perto da área, solta a bomba. Na trave! A torcida portuguesa volta a se animar. Mas o Santos está agora bem postado em campo, marcando em cima. O ataque encarnado não encontra mais tanta facilidade. Zito coordena o meio-campo santista, que passa a dominar as ações.

E é o próprio Zito quem recebe da defesa aos 27 e segue em frente até perto da área adversária. Vê Coutinho livre e rola, este passa para Pelé, macio, sutil. Ele então dribla o primeiro, o segundo e manda para as redes, sem apela-

A noite é de pura magia. Pelé faz fila com a defesa do Benfica antes de marcar outro gol

Agora vai ter início um show de bola como nunca houve

ção. Além de ótimo time, o Benfica é também valente. E vai à luta, embora desordenadamente, à base de puro desespero. O Santos, porém, resiste com tranqüilidade até o final do primeiro tempo.

No início da segunda etapa, o jogo continua assim: o desespero contra a malícia, o esforço caótico contra a classe. E, aos quatro, nasce o terceiro gol. De novo é Zito quem inicia a jogada, lançando Pelé. Ele dribla Cruz, Cavém e Jacinto antes de rolar para Coutinho. O centroavante entra livre e chuta firme. Agora vai começar um dos maiores espetáculos de futebol já vistos em qualquer época. O Santos parece flutuar pelo gramado, com a bola trocando de pés sem que os torcedores percebam com exatidão como foi. Aos dezenove, Pelé simplesmente extrapola. Dribla três zagueiros, invade a área pelo lado esquerdo e chuta para a defesa parcial de Costa Pereira. O próprio Pelé completa então para as redes. A torcida fica de pé e aplaude. Até mesmo o juiz não resiste e o cumprimenta pela obra-prima.

O Benfica finalmente entrega-se, minado por aquele show de bola irresistível. Pepe ainda marca o quinto, aos 32. Só nos últimos cinco minutos o time português diminui, primeiro com Eusébio e depois com Santana. Mas é tarde. O mundo tem novos donos, que, vestidos de branco, dão agora a volta olímpica pelo Estádio da Luz. A torcida aplaude com entusiasmo este super-Santos, este time mágico, esta maravilha capaz de flutuar sobre a grama.

FOTOS ABRIL

Pelé salta e soca o ar: ritual

O Rei chega às redes com bola e tudo no jogo do Maracanã

PELÉ

UM JOGO INESQUECÍVEL

"O estádio da Luz, em Lisboa, estava totalmente lotado. Os torcedores aplaudiam de pé nossa exibição, gritavam meu nome e, apesar do resultado adverso, em momento nenhum vaiaram o Benfica. Nem poderiam: estávamos enfrentando uma equipe poderosa, então bicampeã européia, que tinha tomado a hegemonia do Real Madrid. E com justiça: o time tinha Eusébio, Costa Pereira, Simões, Coluna, todos da Seleção Portuguesa, que jogava por música. Por isso, naquele dia, não pude deixar de pedir a proteção da padroeira do Brasil — pois a data da decisão, 11 de outubro, era véspera do dia de Nossa Senhora Aparecida, de quem sempre fui devoto. Foi uma noite inesquecível.

Um detalhe daquele jogo pode servir de exemplo para os técnicos atuais do futebol brasileiro. Eles precisam deixar de lado essa mania de que os laterais são ponteiros. O ideal é escalar ponteiros natos, para chegar com facilidade ao gol, como fizemos naquele jogo. O Santos começou na defesa, mas, como tínhamos o Dorval pela direita e o Pepe pela esquerda, chegávamos sempre com perigo. Assim, fizemos um carnaval ainda no primeiro tempo, quando marquei dois gols. Logo no começo do segundo, Coutinho fez o terceiro, eu o quarto e Pepe, o quinto gol. Eles só descontaram no fim. Foi uma satisfação ganhar aquele título tão importante no mesmo ano do bicampeonato mundial pela Seleção, no Chile."

Depois do show, todo o estádio gritava maravilhado "Pelé, Pelé", e aplaudia o Santos de pé

RICARDO CORRÊA

Pelé não esquece aquela noite: "Gritavam meu nome"

O RAIO-X DO JOGO

11/outubro/62
SANTOS 5 x BENFICA 2
Local: Estádio da Luz (Lisboa, Portugal); **Juiz:** Pierre Scwinte (França); **Público:** 73 000; **Gols:** Pelé 17 e 28 do 1.º; Coutinho 4, Pelé 19, Pepe 32, Eusébio 40 e Santana 44 do 2.º
SANTOS: Gilmar, Olavo e Mauro; Zito, Calvet e Dalmo; Dorval, Lima, Coutinho, Pelé e Pepe. **Técnico:** Lula
BENFICA: Costa Pereira, Jacinto e Raul; Cavém, Humberto e Cruz; José Augusto, Águas, Eusébio, Coluna e Simões. **Técnico:** Bella Guttmann

SANTOS Campeão Mundial de 1962

Em pé: Lima, Zito, Dalmo, Calvet, Gilmar e Mauro; **agachados:** Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe

AGÊNCIA JB

ARMÊNIO ABASCAL

RODOLPHO MACHADO

Romerito organiza o ataque tricolor, contra a bem-fechada defesa rubro-negra: um jogão

16 DE DEZEMBRO DE 1984

FLUMINENSE 1 X FLAMENGO 0

TRIUNFO DA PAIXÃO

Neste Fla-Flu que decide o título de 1984, o empate não interessa a ninguém. Muito menos ao Flu, que luta pelo bi. Por isso, hoje, não pode ter lance perdido: vai ser no peito e na bola

O Cristo Redentor está encoberto pelas nuvens de uma tarde cinzenta. O Maracanã é o único espaço colorido do Rio. Envolto por fumaça verde, vermelha e preta, o maior estádio do mundo recebe 153 mil torcedores, que proporcionam a maior renda do campeonato de 1984. Hoje é dia de Fla-Flu. Hoje é dia de decisão. Quem tem coração fraco ficou em casa, longe até do rádio. Na pequena área, à direita das cabines de rádio, o goleiro tricolor, Paulo Victor, grita: "Vamos lá. Hoje é tudo nosso — dividida é nossa, bola fora é nossa. Tudo é nosso".

Começa o primeiro tempo. O Flamengo procura jogar em bloco, fechando os ataques organizados por Romerito, o maior ídolo que o clube das Laranjeiras teve depois de Roberto Rivelino. O Fluminense, apesar do desfalque de quatro titulares importantes — Ricardo Gomes, Jandir, Delei e Branco —,

VENCE O FLUMINENSE

Uma testada certeira de Assis, no canto esquerdo do argentino Fillol: está aberto o caminho de mais um título do Flu, aos 30 do 2.º

exerce um bloqueio perfeito sobre o adversário, enquanto busca utilizar sua melhor arma ofensiva: o contra-ataque rápido puxado pela dupla Assis e Washington, o Casal 20, que parece ter saído, finalmente, da má fase que vinha atravessando. Eles obrigam a zaga rubro-negra a estar sempre alerta, a não vacilar em nenhum lance.

Essa marcação por todo o campo dos dois times faz com que a primeira grande chance de gol ocorra somente aos 22 minutos. E ela é do Fluminense. Renê entra da direita e manda para Washington, que salta livre. A cabeçada, porém, morre no peito do goleiro Fillol. O técnico rubro-negro, Zagalo, está vermelho no banco. Seu olhar busca algum furo na zaga tricolor. Não encontra. Já os contra-ataques do time dirigido por Carlos Alberto Torres são sempre rápidos e envolventes. É um jogão. Tem técnica, garra, luta pela bola em todo o campo, mas ainda assim as defesas prevalecem sobre os dois ataques durante todo o primeiro tempo.

Na segunda etapa, os rubro-negros voltam com disposição redobrada. Tita, Adalberto e Andrade fazem o goleiro tricolor Paulo Victor trabalhar tudo o que não havia trabalhado nos 45 minutos iniciais. O Fluminense, no entanto, não se abala.

Um salto cheio de estilo de Assis: é gol. Um golaço

Continua procurando manter seu padrão, contra-atacando em velocidade. Agora o juiz marca um escanteio à esquerda do gol de Fillol. Romerito vai cobrar. Arruma a bola, olha e bate de pé trocado. Uma bomba. No travessão. Um gol olímpico a essa altura seria demais para a paixão rubro-negra. As arquibancadas ficam brancas de pó-de-arroz. Tentando atrair bons fluidos, os flamenguistas soltam um urubu. A ave sobrevoa o campo quatro vezes e depois cai na geral. Para seu azar, bem no meio da torcida tricolor, que vê na captura do animal um bom presságio.

NICO ESTEVES
A merecida festa dos heróis do bi

Dom Romero, um cracaço com a bola nos pés e um guerreiro sem ela, lidera, alerta, a luta no meio-campo enquanto Assis e Washington azucrinam a vida da defesa adversária. O jogo permanece indefinido. Qualquer bola que passe da intermediária é motivo para que as arquibancadas fiquem de pé. Aos 30 minutos, Renê lança Aldo nas costas de Adalberto, que saiu de sua posição para ajudar Nunes e Bebeto na frente. O cruzamento do lateral tricolor é perfeito. Fillol tenta se posicionar no primeiro pau, para fechar o ângulo. Desiste e volta correndo para o meio do gol. Só tem tempo para assistir, impotente, ao salto cheio de estilo de Assis. Retesado como um arco, o corpo do atacante estica-se para a frente e, de testa, cabeceia no canto esquerdo. Gol. Um golaço.

Mesmo com a vantagem, o time não perde sua disciplina tática nem afrouxa a luta pela bola. A torcida sacode, cantando: "Sorria, sorria, é tempo de sorrir, sorria... Sorria para chuchu que o campeão é o Flu..." Mas o Flamengo não desanima e corre, tenta alcançar o empate. No entanto, são poucas as vezes que seus jogadores conseguem se livrar da marcação e concluir algum passe que leve perigo para Paulo Victor. São quinze minutos de pressão rubro-negra que o tricolor suporta com calma, conscientemente, até o apito final do juiz.

Um dos heróis da conquista, Branco — que não jogou por estar com três cartões amarelos — é carregado nas costas pelos companheiros. A torcida, apesar da distância, o reconhece e grita o seu nome. Ele não consegue segurar o pranto. Romerito é também carregado nos ombros, assim como Assis e Washington. Fluminense bicampeão carioca. Com justiça, mais uma vez o Rio anoitece tricolor.

ASSIS

A VOLTA DO CARRASCO

"O Fillol foi o grande incentivador para que eu confirmasse a fama de carrasco do Flamengo. Dois dias antes do jogo, ele deu uma entrevista aos jornais afirmando que o gol que marquei no Raul, em 1983 — quando o Flu foi campeão carioca vencendo os rubro-negros por 1 x 0 aos 45 do segundo tempo —, não havia passado de sorte. Ao ler a matéria, comentei com um amigo que o Fillol ia se decepcionar. A previsão acabou se concretizando.

Chegamos à concentração muito mais tranqüilos do que em 1983. Antes de ir para lá, recebi a visita de ex-companheiros do Atlético Paranaense. Prometi a camisa do bi para o Oliveira. À tarde, ainda fui à festa de um menino de 5 anos, meu vizinho, que havia pedido a minha presença como presente de aniversário. Quando cheguei, os amigos dele não acreditaram que eu era o Assis. O garoto então pegou várias reportagens e comprovou. Prometi-lhe o gol do título.

Mais difícil do que dar o gol foi entregar a camisa ao Oliveira. Depois do apito final, o campo foi invadido e todos queriam me agarrar. Usei as últimas forças para correr até o vestiário.

Comemoramos o título em uma boate. Ao voltar para casa, o meu prédio estava todo enfeitado com faixas e bandeiras tricolores. Aquilo me comoveu bastante."

Asa-negra do Fla desde a final de 83, ele repetiu a dose. Desta vez, em cima do falador Fillol

ALBARI ROSA
O ídolo Assis, hoje em Curitiba: saudade tricolor

O RAIO-X DO JOGO

16/dezembro/84
FLUMINENSE 1 x FLAMENGO 0
Local: Maracanã; **Juiz:** José Roberto Wright (RJ); **Renda:** Cr$ 788 175 000; **Público:** 153 520; **Gol:** Assis 30 do 2.º; **Cartão amarelo:** Mozer, Aldo, Adalberto e Washington

FLUMINENSE: Paulo Victor, Aldo, Duílio, Vica e Renato; Leomir, Renê e Assis; Romerito, Washington e Tato. **Técnico:** Raul Carlesso (substituindo Carlos Alberto Torres, suspenso)

FLAMENGO: Fillol, Jorginho, Leandro, Mozer e Adalberto; Andrade, Adílio e Tita; Bebeto, Nunes e Élder. **Técnico:** Zagalo

FLUMINENSE Bicampeão Carioca de 1983/84

Em pé: Aldo, Paulo Victor, Duílio, Vica, Leomir e Renato; **agachados:** Romerito, Renê, Washington, Assis e Tato

RODOLPHO MACHADO

FOTOS CÉLIO APOLINÁRIO

Marcelo faz a festa do segundo gol: agora, quem manda é o Galo

3 DE ABRIL DE 1977

ATLÉTICO 2 x CRUZEIRO 0

GALO CANTA UMA NOVA ERA

O atleticano já não agüenta mais ver o Cruzeiro campeão. Hoje, na final do campeonato de 1976, isso tem que mudar

Esses dez primeiros minutos de partida são indiscutivelmente do Cruzeiro. O endiabrado Joãozinho leva o lado direito da defesa atleticana à loucura, com seus dribles e cruzamentos. O Galo não passa de uma sombra do time atrevido, quase diabólico em seu ataque, capaz de marcar nada menos do que 75 gols nos 28 jogos disputados até esta segunda partida da decisão do Campeonato Mineiro de 1976.

Maioria nas arquibancadas e na geral, a torcida alvinegra perde um pouco do entusiasmo inicial e já dá sinais de nervosismo, temendo que mais uma vez o arquiinimigo acabe ficando com a faixa — uma amarga rotina desde a inauguração do Mineirão, em 1965. Nesse período negro, o Atlético conseguiu apenas ganhar um título, o de 1970, enquanto os cruzeirenses deram nada menos que nove voltas olímpicas.

Nem dois cruzeirenses conseguem segurar Toninho Cerezo

Hoje, 3 de abril de 1977, parecia ser a data ideal para quebrar de vez esse domínio do odiado rival. Afinal, depois de ganhar a primeira partida da

Reinaldo atormenta a defesa azul: é o Atlético todo no ataque

decisão por 2 x 0, o Atlético precisa apenas de um empate. O que se vê, no entanto, é o Cruzeiro encurralando a equipe. Mas, sacudido em sua letargia pela vibração do jovem Cerezo, o Galo acorda enfim e começa a equilibrar as ações à base de toques rápidos e envolventes e uma incansável movimentação. Este, sim, é o verdadeiro Atlético. O Atlético das goleadas, o Atlético que nenhum outro time conseguiu derrotar. A torcida finalmente volta a vibrar, a gritar "Galô, Galô, Galô", com entusiasmo frenético.

A VEZ DOS GARNIZÉS

A juventude alvinegra comemora a queda do Cruzeiro. Com o segundo gol, Minas muda de dono depois de cinco anos de espera

Toninho Cerezo é um monstro em campo. Parece estar em todos os lados do gramado. Finaliza contra o gol de Raul para, segundos depois, estar em sua defesa desarmando o contra-ataque cruzeirense. Sua garra contamina o resto do time. O também jovem Reinaldo, com 19 anos, começa a se

Este jovem time é demais para o velho Cruzeiro

soltar. Seus dribles e deslocações inteligentes deixam a zaga adversária completamente tonta. Nem Piazza, nem Moraes, nem Vanderlei sabem como parar suas investidas. Fica claro que o Cruzeiro não irá resistir por mais tempo. O Atlético ataca em ondas sucessivas. Ora pela direita, ora pela esquerda. Ora em tabelas alucinantes, ora em lançamentos longos. É como um mar alvinegro abrindo lentamente seu caminho por entre pedras.

Aos 34, o Cruzeiro soçobra a essa maré. Marcelo rouba a bola de Eduardo e toca para Cerezo. De primeira, o volante lança Reinaldo. O centroavante livra-se de Piazza com um desmoralizante drible de calcanhar e, na saída de Raul, manda mansamente para o fundo das redes. O Mineirão estremece, vibra, explode em preto e branco.

O Cruzeiro tenta se recompor, mas o Galo mantém seu ritmo implacável. O juiz apita então o final do primeiro tempo. Para a segunda etapa, a tarefa cruzeirense de virar o jogo parece impossível. É uma equipe de respeito, com Piazza e os cracaços Zé Carlos no meio-campo, Nelinho na lateral e Raul sob as traves. No entanto, já envelhecida, demonstra não saber mais o que fazer para parar a vitalidade, a juventude e a garra do adversário, que volta a campo correndo do mesmo jeito, sem que ninguém tenha posição fixa.

O golpe fatal vem aos 21 do segundo: numa falta, Marcelo acerta o ângulo e Raul não esboça a menor reação. Delírio nas arquibancadas; show de bola no gramado. O Atlético quer mais, quer humilhar o rival com gols, com dribles, com tabelas mágicas. Getúlio, Marcelo, Paulo Isidoro, Marinho — a juventude é a dona da festa. Reinaldo parece estar com o diabo. Os zagueiros, desesperados, começam a caçá-lo por todo o campo. Escorregadio, esperto, o centroavante vai escapando das pancadas. Mas, aos 36, Darci parte para a agressão a socos. É expulso.

A torcida grita, pula, festeja. Galo campeão mineiro. E invicto. É o fim do domínio cruzeirense e a inauguração de uma nova era — a era de Cerezo e do Rei Reinaldo, que transformaram o Mineirão num grande palco alvinegro.

FOTOS CÉLIO APOLINÁRIO

A galera agradece a raça de Cerezo

Paulo Isidoro barra o Cruzeiro

REINALDO

O ETERNO REI DA MASSA

"No meio daquele campeonato, a torcida já gritava que seríamos campeões. O Atlético e o Cruzeiro, porém, seguiram empatados até o final, e o título só foi decidido nas duas últimas partidas. Foi aí que demos um show de bola, vencendo ambas por 2 x 0.

Sempre me emocionei ao enfrentar o Cruzeiro. E naquela final não foi diferente. Nosso time era como se fosse uma família, e, modéstia à parte, eu costumava fazer o diabo quando via aquela camisa azul na minha frente. O primeiro gol foi de 'cavadinha', uma jogada que criei ali e, mais tarde, iria ficar consagrada como minha marca registrada. Era a primeira vez que eu conseguia entrar na área com a bola dominada. Quando vi o Raul saindo para abafar a jogada com as mãos espalmadas e o rosto virado para o lado, só coloquei por cima. Nosso time jogava mesmo por música.

Quebrar a hegemonia do Cruzeiro, que vinha de um tetracampeonato, foi muito importante para o atleticano. Tão importante que, naqueles dias, eu não podia mais andar pelas ruas sossegado. Em compensação, a massa do Galo me oferecia de tudo: roupas, relógios, discos, jantares, até a feira completa, se eu quisesse. Tudo de graça, em retribuição à alegria que eu e o Marcelo, que fez o segundo gol, demos a eles. Foi mesmo uma semana emocionante para os alvinegros."

Por conta da conquista, a torcida dava de tudo para o atacante. De relógios e roupas à feira completa

WASHINGTON ALVES

O próprio Reinaldo reconhece: "Fazia o diabo contra eles"

O RAIO-X DO JOGO

3/abril/77
CRUZEIRO 0 x ATLÉTICO 2
Local: Mineirão (Belo Horizonte); **Juiz:** Dulcídio Wanderley Boschilia; **Renda:** Cr$ 2 680 230; **Público:** 103 725; **Gols:** Reinaldo 34 do 1.º; Marcelo 21 do 2.º; **Cartão amarelo:** Moraes; **Expulsão:** Darci

CRUZEIRO: Raul, Nelinho, Moraes, Darci Meneses e Vanderlei; Piazza (Osires), Zé Carlos e Eduardo; Ronaldo (Roberto César), Valdo e Joãozinho. **Técnico:** Zezé Moreira

ATLÉTICO: Ortiz, Getúlio, Modesto, Vantuir e Dionísio; Toninho Cerezo, Danival (Heleno) e Paulo Isidoro (Ângelo); Marinho, Reinaldo e Marcelo. **Técnico:** Barbatana

ATLÉTICO Campeão Mineiro de 1976

Em pé: Dionisio, Ortiz, Getúlio, Modesto, Toninho Cerezo e Vantuir; **agachados:** Marinho, Danival, Reinaldo, Paulo Isidoro e Marcelo

CELIO APOLINÁRIO

11 DE DEZEMBRO DE 1983

GRÊMIO 2 X HAMBURGO 1

CARNAVAL EM TÓQUIO

Com o Grêmio onde ele estiver. Hoje, o hino é lei. No Japão, o time mostra por que é o novo dono do mundo

Mário Sérgio cadencia o jogo no meio-campo. China combate cada alemão que ameaça chegar próximo à área gremista. Baidek e De León afastam o perigo quando ele ronda o gol de Mazarópi. E todos põem Renato para correr. Pela ponta ou pelo meio, o jovem atacante gaúcho é o terror da zaga do Hamburgo na final do Campeonato Mundial Interclubes de 1983, em Tóquio. Ele faz a zaga alemã bater cabeça desde o apito inicial do juiz Michel Vautrot, com um repertório de dribles capaz de deixar

O Grêmio toca de pé em pé. E Osvaldo perturba os alemães

FOTOS ZERO HORA

A defesa do Hamburgo bate cabeça com o show gremista

A HORA DO ESPANTO

Os japoneses estão de olhos arregalados com o primeiro gol de Renato após três dribles. Mas isso é só o começo

tonto até o mais brilhante lateral. Quanto mais o fraco Schroeder.

Aliás, os alemães têm motivos de sobra para estar zonzos. Hoje não enfrentam times argentinos e uruguaios, que fazem da raça sua única arma para vencer e que se acostumaram a decidir assim os mundiais interclubes. O Grêmio é diferente. Toca a

Renato comemora e inicia o carnaval. No Japão e no Brasil

bola de pé para pé. De Mário Sérgio para Osvaldo. Daí, para Paulo César Caju — e a esticada longa para a arrancada de Renato.

O Hamburgo se limita apenas a alçar bolas sobre a área brasileira, sem saber como fugir da marcação adversária. Já a jogada de Renato se repete durante todo o primeiro tempo, deixando os 60 mil japoneses presentes ao estádio de olhos redondos como pequenas uvas negras, enquanto os torcedores gaúchos, que assistem à partida nos telões colocados na esquina das Avenidas Ipiranga e Érico Veríssimo, em Porto Alegre, abrem largos sorrisos

A prorrogação começa. É a hora de Renato decidir

emocionados. Afinal, o Grêmio nunca esteve tão próximo de se tornar o melhor time do planeta. Por isso, ninguém arreda pé, mesmo que já seja quase uma hora da manhã — a partida começou ao meio-dia de Tóquio.

E o time tricolor volta ao ataque de novo com Renato. Sempre ele. Agora, o ponta invade a área, corta o lateral Schroeder três vezes, para lá, para cá, e fuzila mesmo sem ângulo. Gol do Grêmio. Os japoneses aplaudem, encantados com o que vêem. O baile sai do campo e incendeia Porto Alegre em um fantástico carnaval. No segundo tempo, a estratégia continua sendo a mesma. O Hamburgo tenta sair para o ataque. Cada vez, porém, que a bola cai nos pés brasileiros, os jogadores do Hamburgo lembram-se do aviso do ex-zagueiro Schultz, que se notabilizou marcando Pelé nos anos 60. "É preciso muito cuidado, porque os brasileiros são capazes de lances imprevisíveis", alertou.

ZERO HORA

O Grêmio carrega a taça: consagração

Mas os alemães também são. Aos 40 minutos, em mais uma bola alçada na área gaúcha, Schroeder sobe mais do que toda a zaga e escora de cabeça. É como se estivesse se vingando de todos os dribles que levou até agora. Com este empate inesperado, o jogo vai se decidir só na prorrogação. Não importa. Renato está no auge de sua forma, aos 21 anos, e pronto para correr mais trinta minutos. Por isso, o técnico Valdir Espinosa vai manter a estratégia usada durante os noventa minutos.

E, se na esquina da Ipiranga com Érico Veríssimo o carnaval parou temporariamente, em campo ele continua em ritmo frenético. Aos três minutos da prorrogação, Renato dispara para cima de seu marcador. Nada parece ser capaz de detê-lo. Na entrada da área, corta para dentro e bate de pé esquerdo. É o gol que pode garantir o campeonato mundial.

Mas ainda faltam 27 minutos para o Grêmio consolidar o título. O Hamburgo vai à frente desesperadamente. Busca novo empate a todo custo. Os brasileiros resistem. O toque de bola não importa mais. O Grêmio agora mostra que também sabe ter raça. De León afasta o atacante Hansen dando chutões para a frente. O volante China esquece a dor no tornozelo contundido em um treino e não deixa o perigoso meia Magath jogar. O juiz Michel Vautrot apita o final do jogo. A festa toma conta de Porto Alegre. O mundo é do Grêmio.

RENATO

SUEI PARA SER O MELHOR

"Mário Sérgio foi o primeiro a perceber o que poderia acontecer na decisão do Campeonato Mundial Interclubes, em Tóquio. Logo no início da preparação da equipe, ele deixou claro que a conquista passava necessariamente por meus pés. Eu era jovem — 21 anos —, tinha velocidade, explosão e podia me consagrar na partida do Japão.

Levei a sério. Na fase de preparação, eu era quem mais se esforçava. Até nos dias de folga, treinava firme. Por isso cheguei tão bem a Tóquio. Aliás, toda a equipe chegou. Passamos um mês na cidade de Gramado nos preparando para a partida e até o Campeonato Gaúcho a diretoria deixou de lado — o Internacional foi campeão naquele ano. O Grêmio queria demais aquele título.

Mário Sérgio logo viu que a velocidade de Renato consagraria o Grêmio e mandou o time jogar com ele

Mas houve momentos difíceis. Como quando tomamos o gol de empate. Estávamos muito cansados e tínhamos a taça nas mãos. Foi dura a recuperação. Logo no início da prorrogação, porém, Osvaldo me lançou e parti para cima do lateral Schroeder. Cortei para dentro e ele deve ter pensado que eu iria repetir a jogada do primeiro gol, quando dei mais dois dribles. Por isso, chutei de pé esquerdo e, felizmente, consegui marcar. Como prêmio, ganhei o Toyota oferecido pelos organizadores ao melhor em campo. Mas vendi e rateei o dinheiro. Afinal, se fiz os gols, o Grêmio inteiro mereceu o título."

NILTON CLAUDINO

Renato conseguiu em Tóquio o passaporte para a fama

O RAIO-X DO JOGO

11/dezembro/83
GRÊMIO 2 x HAMBURGO 1
Local: Estádio Nacional (Tóquio); **Juiz:** Michel Vautrot (França); **Gols:** Renato 38 do 1.º; Schroeder 40 do 2.º; Renato 3 do 1.º da prorrogação

GRÊMIO: Mazarópi, Paulo Roberto, Baidek, De León e Paulo César Magalhães; China, Osvaldo (Bonamigo) e Mário Sérgio; Renato Gaúcho, Tarciso e Paulo César Caju (Caio). **Técnico:** Valdir Espinosa
HAMBURGO: Stein, Wehmeyer, Hieronimus, Jacobs e Schroeder; Groh, Rolf e Magath; Harttyig, Hansen e Wuttke. **Técnico:** Ernest Happel

GRÊMIO Campeão Mundial de 1983

Em pé: Paulo Roberto, Mazarópi, Baidek, China, Paulo César Magalhães e De León; **agachados:** Renato Gaúcho, Osvaldo, Tarciso, Paulo César Caju e Mário Sérgio

JURANDIR SILVEIRA

15 DE FEVEREIRO DE 1989

BAHIA 2 X INTERNACIONAL 1

COM BOLA, SUOR E FÉ

O jogo ainda é o primeiro da decisão de 1988. Mas o torcedor do Bahia sabe que esta noite pinta o campeão

CARLOS CATELA

ARI GOMES

Bobô domina, corta o volante colorado Norberto e abre o jogo para o lado direito. É sempre por ali que as jogadas do Bahia começam, mas ninguém no Inter sabe como marcá-las. O lateral Tarantini toca então para Osmar. O cruzamento do ponteiro sai

MAIS UM, BAHIA!

A torcida exige a vitória na Fonte Nova. E ela vem no segundo tempo, outra vez com Bobô. O chute forte, de pé direito, inicia a festa

com perfeição e encontra Bobô entrando por trás da zaga. A cabeçada sai forte e precisa, mas passa caprichosamente por cima do gol. Ainda não foi dessa vez.

O Bahia não esmorece e pressiona. Não tem medo da tradição que o Internacional acumulou em finais de Campeonatos Brasileiros. Neste primeiro jogo da decisão de 1988, na Fonte Nova, o tricolor quer a vitória a todo custo. Manda na partida, esbanjando técnica e determinação — duas qualidades que têm em Bobô, no auge de sua forma, seu melhor representante em campo.

A equipe gaúcha bem que tenta equilibrar o jogo, embora atacando apenas na base da força. Aos 19 minutos, num desses ataques desesperados, Tarantini falha na lateral-direita do Bahia e Leomir, mesmo caído, completa: 1 x 0 Inter. A Fonte Nova emudece. O único som que se ouve no estádio vem da boca do volante Paulo Rodrigues, que grita para levantar os brios dos companheiros: "Vamos virar esse jogo. Temos mais time do que eles".

BOBÔ EM DIA DE DADÁ

O velho centroavante Dario já ensinava a marcar de cabeça, "parando no ar". Foi o que Bobô fez no empate tricolor, entre os becões

A frase parece contagiar toda a torcida, que passa a entoar em uníssono o tradicional grito de guerra do clube: "Ba-hê-a, Ba-hê-a". Afinal, o tricolor já virou uma partida nas semifinais contra o Fluminense. Para repetir a dose hoje, não custa nada. A equipe confia nisso e mostra uma incrível disposição na disputa das jogadas. Paulo Rodrigues marca Luís Fernando em cima, não permitindo que encoste na bola. Os zagueiros João Marcelo e Claudir também não deixam nenhum atacante colorado chegar perto da área. Na frente, o show continua, com toques curtos e velozes, como se a partida permanecesse ainda empatada. Osmar substitui o titular Gil com eficiência e, ao lado do artilheiro Charles, leva a dupla de zaga colorada Aguirregaray e Nenê ao desespero. Aos 36 minutos,

Agora só falta um empate. Os baianos, porém, já comemoram

Zé Carlos cruza da direita. Bobô sobe mais do que todo mundo e cabeceia firme. Dessa vez, a bola toma a direção do gol e entra. A Fonte Nova explode. É o empate. É a esperança voltando a bater mais forte no coração tricolor.

Bobô continua com o diabo no corpo. Mesmo depois de marcar, não pára de correr, driblar, combater e chutar a gol. O primeiro tempo termina e nem assim a torcida pára de cantar e pular. Durante os quinze minutos de intervalo, ela faz coreografias e grita os nomes de seus ídolos. Nem se um trio elétrico estivesse no meio da arquibancada haveria tanta alegria. Quando o Bahia volta a campo, é recepcionado como o novo campeão brasileiro, apesar de faltarem ainda os 45 minutos finais e mais uma partida inteira em Porto Alegre. Mas é que o Internacional, no início deste segundo tempo, dá sinais claros de que está desnorteado. Erra passes fáceis e sofre constantes contra-ataques, sempre perigosos. Logo aos cinco, em outra jogada pela direita, Osmar cruza de novo para a área. Charles se atrapalha com os zagueiros Nenê e Aguirregaray e a bola sobra para a conclusão de Bobô, dessa vez de pé direito. O chute sai forte, indefensável. É a bola branca balançando as redes. O goleiro batido, os zagueiros colorados de mão na cabeça. A Fonte Nova volta a se transformar num mar de bandeiras azuis, vermelhas e brancas. Agora é só segurar o resultado.

Paulo Rodrigues, líder da virada

ORLANDO KISSNER

Paulo Rodrigues abandona a tradicional elegância e distribui chutões e até mesmo alguns pontapés. A cada um deles, mais a galera vibra. O Inter visivelmente não tem como reagir. É um time vencido, sem alma, sem criatividade.

Além de tudo, cada bola que vai na direção do gol do Internacional enche de esperança os baianos. Durante todo o segundo tempo se percebe que Taffarel não está em seus melhores dias. Talvez uma prova de que o torcedor-macumbeiro Lourival Lima dos Santos, o Lourinho, estava certo. "O goleiro deles está bem 'amarrado' ", afirmou antes do jogo que, neste instante, se aproxima do fim. Mais alguns minutos e o juiz apita o final da partida. A festa inunda então a Fonte Nova, Salvador e toda a Bahia. Uma festa que se prolongou até a noite de domingo, quando com um empate de 0 x 0, em Porto Alegre, o tricolor reafirmou sua força de grande campeão.

BOBÔ

A FESTA NÃO TEVE FIM

"Houve de tudo naquela decisão, inclusive macumba. Depois de nossa vitória no primeiro jogo decisivo, na quarta-feira, na Fonte Nova, tinha certeza de que o título ficaria com a gente. Ali viramos para 2 x 1 e provamos o que todos tinham receio de bancar desde que passamos pelas semifinais contra o Fluminense: que éramos mesmo o melhor time do Brasil.

A festa começou ali e só terminou no final do segundo jogo, em Porto Alegre, que acabou empatado em 0 x 0 e nos deu o título. Aliás, lá também teve macumba. Nosso presidente, Paulo Maracajá, não deixou que entrássemos no Beira-Rio, pois o local por onde iríamos passar estava tomado por despachos de macumba. Tivemos que esperar que tudo fosse limpo, e só depois pudemos nos preparar para a partida, que não foi das mais fáceis que já disputei. Sofri uma marcação constante, não individual mas permanente. Por isso, não pude repetir a atuação do primeiro jogo, quando fiz os dois gols que acabaram valendo o título.

Mas não faz mal. A festa acabou ficando só para nós. O curioso é que, logo na terça-feira, tivemos que enfrentar o Inter novamente, dessa vez pela Libertadores. O melhor é que vencemos também aquele jogo. Só voltamos para Salvador na quarta e, aí sim, a festa começou. Nem lembro mais quando o carnaval terminou."

A macumba comeu solta. O Bahia só entrou nos vestiários depois que retiraram os despachos

NELSON COELHO

Bobô trocou de tricolor, mas não esquece a conquista

O RAIO-X DO JOGO

15/fevereiro/89
BAHIA 2 x INTERNACIONAL 1
Local: Fonte Nova (Salvador); **Juiz:** Romualdo Arppi Filho (SP); **Renda:** NCz$ 59 766; **Público:** 90 508; **Gols:** Leomir 19 e Bobô 36 do 1.º; Bobô 5 do 2.º; **Cartão amarelo:** Claudir e Edinho; **Expulsão:** Nenê

BAHIA: Ronaldo, Tarantini, João Marcelo, Claudir e Edinho; Paulo Rodrigues, Zé Carlos, Bobô e Osmar; Charles (Sandro) e Marquinhos. **Técnico:** Evaristo de Macedo

INTERNACIONAL: Taffarel, Luiz Carlos Winck (Diego Aguirre), Aguirregaray, Nenê e João Luís; Norberto, Luís Carlos Martins e Leomir; Maurício (Hêider), Nílson e Edu. **Técnico:** Abel

BAHIA Campeão Brasileiro de 1988

Em pé: João Marcelo, Ronaldo, Paulo Rodrigues, Tarantini, Paulo Róbson e Claudir; **agachados:** Marquinhos, Bobô, Charles, Zé Carlos e Gil

ADOLFO GERCHMANN

O invicto colorado de 1979: *Em pé:* João Carlos, Benítez, Mauro Pastor, Falcão, Mauro Galvão e Cláudio Mineiro; *agachados:* Valdomiro, Jair, Bira, Batista e Mário Sérgio

J. B. SCALCO

Os títulos de Santos e Timão

Quantas vezes Santos e Corinthians foram campeões paulistas? E brasileiros?

Paulo Fabiano Laurindo
José Bonifácio, SP

Em São Paulo, o Timão tem vinte títulos (1914, 1916, 1922, 1923, 1924, 1928, 1929, 1930, 1937, 1938, 1939, 1941, 1951, 1952, 1954, 1977, 1979, 1982, 1983 e 1988); o Peixe, quinze (1935, 1955, 1956, 1958, 1960, 1961, 1962, 1964, 1965, 1967, 1968, 1969, 1973, 1978 e 1984). O Corinthians faturou o Campeonato Brasileiro em 1990, e o Santos, a antiga Taça Brasil cinco vezes seguidas — de 1961 a 1965 — e o Torneio Robertão, em 1968.

O invicto colorado de 1979

Parabéns pela edição 1068 (Guia do Campeonato Brasileiro). Para ficar completa, só faltou mencionar que o Internacional de Porto Alegre, ao longo dos vinte e um campeonatos já encerrados, foi a única equipe a se sagrar campeã invicta, com dezesseis vitórias e sete empates em 23 jogos.

Oriovaldo Prunes Riella
São Leopoldo, RS

Coritiba, eterno campeão

Gostaríamos de conhecer a letra do hino do Coritiba.

Marcelo Ribeiro e
José Carlos Fran
Curitiba, PR

O hino foi composto em 1969 pelo jornalista Vinicius Coelho, e é assim: Cori, Cori, Cori/ Coritiba/ Coritiba, meu esquadrão/ Sempre presente no meu coração/ Vencer é o seu lema/ Trabalhar é tradição/ Salve, salve, Coritiba/ Eterno campeão/ Suas cores verde e branca/ No mastro da vitória/ Hão de sempre tremular/ A uma voz vamos todos cantar/ Vencer é o seu lema/ Trabalhar é tradição/ Salve, salve, Coritiba/ Eterno campeão.

Parabéns a Bebeto

Em homenagem ao grande ídolo vascaíno, Bebeto, que completou 28 anos no dia 16 de fevereiro, publiquem sua foto com a camisa do Vasco.

Ricardo Alexandre Ramos
Rio de Janeiro, RJ

ARI GOMES

O aniversariante Bebeto: grande ídolo dos vascaínos

Juventus, uma revelação

Ao contrário do que PLACAR publicou na edição n.º 1068, Toto, atacante que veio este ano para o Flamengo, jogava no Juventus de Jaraguá do Sul, a revelação do Campeonato Catarinense de 1991, e não no Juventude. Por isso, gostaria de ver publicado o escudo do Juventus, que ficou entre os seis primeiros de Santa Catarina no ano passado.

Émerson Luiz Nicocelli
Jaraguá do Sul, SC

Juventus (SC)

As estrelas do Botafogo

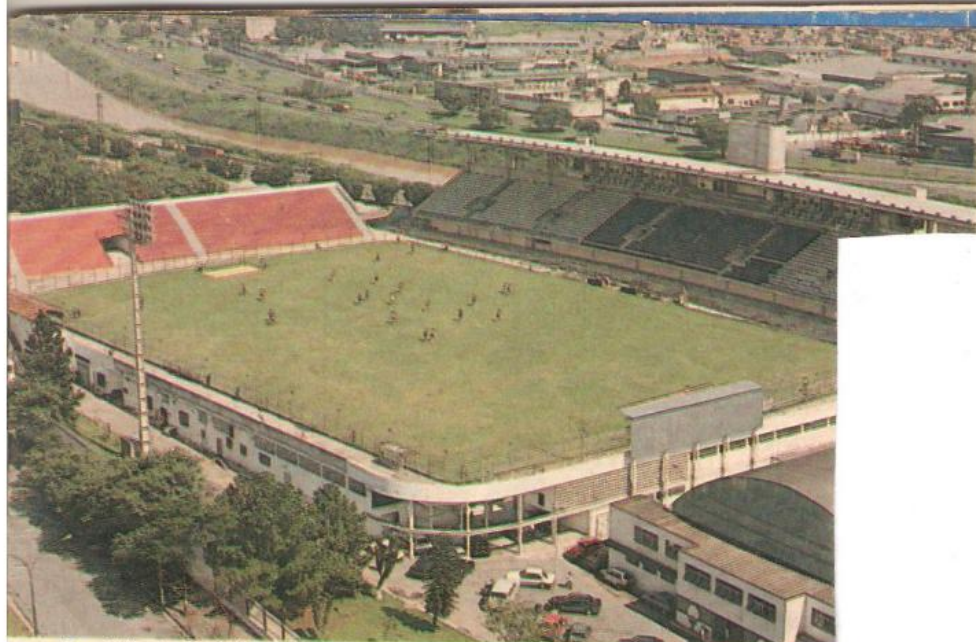
Por que o Botafogo de Futebol e Regatas usa quatro estrelas douradas na camisa?

Luiz G. Magnani
São Mateus do Sul, PR

Elas representam o tetracampeonato carioca do Fogão, conquistado em 1932, 1933, 1934 e 1935.

Escrevam para a Espanha

Espanhol, 32 anos, amante do futebol brasileiro, deseja corresponder-se com rapazes, garotas, homens e mulheres para amizade e troca de chaveiros, fotos, camisas de clubes e revistas esportivas.

José Luiz Diaz
Pocomaco, 3046 — 15190
La Coruña, Espanha

O estádio do Corinthians: revisto, ampliado e à espera da reinauguração

A hora e vez da Fazendinha

O estádio do meu Corinthians não foi relacionado entre os que farão parte do Brasileirão em 1992 (Guia do Campeonato Brasileiro, PLACAR 1068). Por isso, gostaria de ver publicada a ficha do Parque São Jorge.

Denílson Manoel
São Paulo, SP

Aí vai, Denílson. Estádio: Alfredo Schurig (Parque São Jorge); Capacidade: após uma reforma geral, que durou mais de três anos, foi aumentada de 18 mil para 25 mil pessoas; Instalações: totalmente remodeladas, conta com três vestiários e mais um para o árbitro, três pavimentos e um sistema de iluminação semelhante ao do Pacaembu e Morumbi; Segurança: razoável. Enfrentou problemas com a Prefeitura de São Paulo para sua liberação; Medida do campo: 105 x 75 m; Gramado: devido à falta de uso, é um dos melhores de São Paulo.

A inauguração do novo Parque São Jorge, que vem sendo adiada há um ano, por enquanto não tem data definida.

Novos endereços para os botonistas

Gostei da reportagem sobre futebol de mesa que saiu na edição PLACAR Júnior (A Fantasia em Suas Mãos). Mas há um pequeno erro sobre a Federação Pernambucana, pois saiu junto com a da Bahia. Além disso, não foi inf[...] jogamos també[...] baiana, bem como o[...] em que se joga em Pernambuco. Por isso, envio os endereços: AABB: Av. Dr. Malaquias, 204, CEP 52050, Recife, PE; Clube Correios: Av. Guararapes, 250, CEP 50000, Recife, PE; AABB (Caruaru): Caruaru, PE; Liga Morenense: Moreno, PE; Clube Alemão: Estrada do Encantamento, 216, CEP 50000, Recife, PE; Clube CHESF: Avenida Abdias de Carvalho, s/n.º, CEP 50000, Recife, PE; Sport Club Recife: Praça da Bandeira, s/n.º, CEP 50000, Recife, PE.

Armando Francisco
Recife, PE

O Clube do Barril, caçula do campeonato em Santa Catarina

Chegou a Turma do Barril

Esta é a equipe do Clube do Barril, que este ano participa pela primeira vez do Campeonato Municipal de Futebol de Campo de São Bento do Sul (SC). O esporte amador catarinense sente-se honrado com a publicação de nossa foto. Em pé: Márcio, Lopes, Valmir, Valdir, Bilu, Zecão, Bode, Neguinho e Nardo; agachados: Hiato, Padre, Baiaco, Ika, Carlão e Dodô.

Altair Joaquim Lopes
São Bento do Sul, SC

Editora Abril

PLACAR

ENDEREÇOS E TELEFONES

[...]LO
[...] Publicidade e Correspondência: r. Geraldo Flausino [...]1, Brooklin, CEP 04573, Caixa Postal 2372, tel.: (011) [...] Telex (011) 57357, 57359 e 57382, FAX: (011) [...] Telegramas: Editabril/Abrilpress. Administração: r. [...], 213, Casa Verde, CEP 02515, tel.: (011) 858-4511.
[...]RIOS
[...]izonte: r. Paraíba, 1122, 18.º andar, Bairro Funcioná[...] 30130, tels.: (031) 226-7799/7007, Telex (031) 1085, [...]1) 226-7114
[...]u: r. 7 de Setembro, 1574, 5.º, CEP 89010, tel.: (0482) [...]0944
[...] SCN - Quadra CN1, Lote C, Edifício Brasília, Trade Cen[...]e 15.º andares, CEP 70710, tel.: (061) 321-8855, Telex [...]4 e 1136, FAX: (061) 226-7592, Telegramas Abrilpress
[...]s: r. Sacramento, 126, 13.º andar, conj. 131/133, [...]EP 13013, tel.: (0192) 33-7100, Telex (0192) 3311, [...]92) 23281
[...]Grande: r. Ametista, 85, Coopharádio, CEP 79050, [...]stal 57, tel.: (067) 387-3685
[...]o Sul: r. Pinheiro Machado, 2705, sala 503, Ed. Me[...]n, tel.: (054) 223-2455
[...]r. 86, Quadra 16, Casa 28, CPA 3, Setor 1, CEP 78000, [...]stal 445, tel.: (065) 341-2674
[...] av. Cândido de Abreu, 651, 7.º, 8.º e 12.º andares, [...]entro Cívico, CEP 80530, tel.: PABX (041) 252-6996, [...]1) 30123, FAX: (041) 254-3455, tel.: (atendimento ao [...]e) (041) 252-5566
[...]polis: av. Osmar Cunha, 15, Bloco C, 1.º andar, conj. [...]tro, CEP 88015, tel.: (0482) 22-7826, Telex (0481) [...]X: (0482) 23-5873
[...]: av. Santos Dumont, 3060, salas 418/420/422, Aldeota, [...]50, tel.: (085) 261-7555, Telex (085) 1607
[...] r. 1127, n.º 220, Setor Marista, CEP 74310, tel.: (062) [...]6
[...] Dr. Múcio Galvão, 435, Tirol, CEP 59020, TELEFAX: [...]23-2303
[...]vo Hamburgo: av. Bento Gonçalves, 2537, 7.º andar, sala 704, CEP 93510, tel.: (051) 593-9891
Porto Alegre: av. Getúlio Vargas, 774, 3.º andar, salas 301 e 308, Bairro Menino Deus, CEP 90060, tel.: (051) 229-5899/4177, Telex (051) 1092, Telegramas: Abrilpress, FAX: (051) 229-4857
Recife: av. Dantas Barreto, 1186, 9.º andar, conj. 901 a 904, Bairro São José, CEP 50020, tel.: (081) 424-3333, Telex (081) 1184, FAX: (081) 424-3896
Ribeirão Preto: r. Garibaldi, 919, Centro, CEP 14010, TELEFAX: (016) 634-9376
Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andar, Botafogo, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex (021) 22674, FAX: (021) 275-9347, Telegramas: Editabril/Abrilpress
Salvador: av. Tancredo Neves, 1283, Edifício Omega, 3.º e 6.º andares, salas 303 e 604, Bairro Pituba, CEP 41820, tel.: (071) 371-4999, Telex (071) 1180, FAX: (071) 371-5583
São José dos Campos: r. Francisco Berling, 143, Centro, CEP 12245, tel.: (0123) 21-1126
Vitória: av. Jerônimo Monteiro, 1000, Ed. Trade Center, 10.º andar, conj. 1002/1004, Centro, CEP 29010, TELEFAX: (027) 223-4688

EXTERIOR
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street, NBR 3403, New York, N.Y. 10165/3403, Phone: (001212) 557-5990/5993, Telex (00) 237670, FAX: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil, 75008 Paris, Phone: (00331) 42.66.31.18, Telex (0042) 660731 ABRILPA, FAX: (00331) 42.66.13.99

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL

Interesse Geral
VEJA • GUIA RURAL • ALMANAQUE ABRIL
SUPERINTERESSANTE • EXAME INFORMÁTICA
Economia e Negócios
EXAME
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
Esportes
PLACAR
Masculinas
PLAYBOY
Femininas
CLAUDIA • CLAUDIA MODA • ELLE • NOVA MANEQUIM • MONTRICOT • CAPRICHO • MÁXIMA
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA
ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO

Placar é uma publicação da Editora Abril S.A. Pedidos pelo Correio: DINAP — Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. **Serviço ao Assinante**: (011) 823-9222

ANER IVC

IMPRESSA NA DIV. GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

ESCUDINHOS PARA BOTÕES

PARA UM CAMPEONATO EXTRAVAGANTE

ESCUDINHOS PARA BOTÕES

DEZ ANTIGOS CAMPEÕES ESTADUAIS

PAISSANDU A.C.
(Campeão carioca em 1912)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

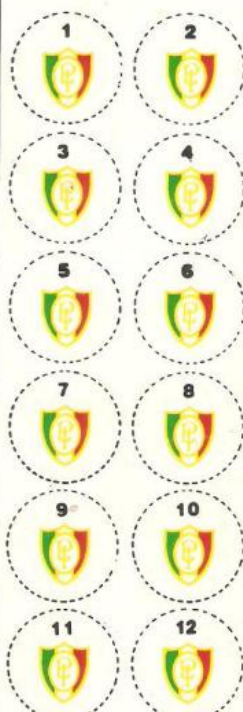
C.A. PAULISTANO
(Campeão paulista em 1905, 1908, 1913, 1916, 1917, 1918, 1919, 1921, 1926, 1927 e 1929)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

SÃO CRISTÓVÃO
(Campeão carioca em 1926)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

PALESTRA ITÁLIA
(Campeao paranaense em 1924, 1926 e 1932)

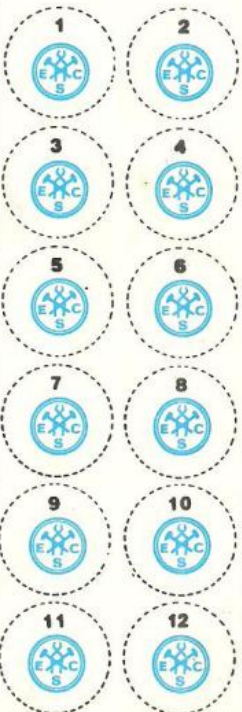
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

S.C. RIO GRANDE
(Campeão gaúcho em 1936)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

BRITÂNIA E.C.
(Campeão paranaense em 1918, 1919, 1920, 1921, 1922, 1923 e 1928)

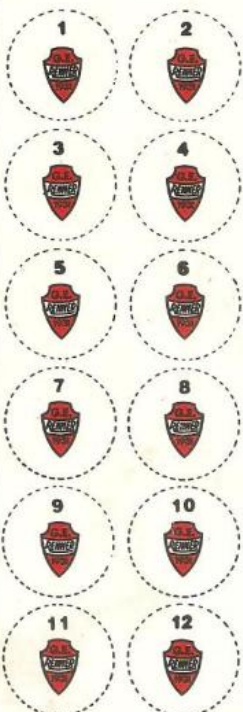
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

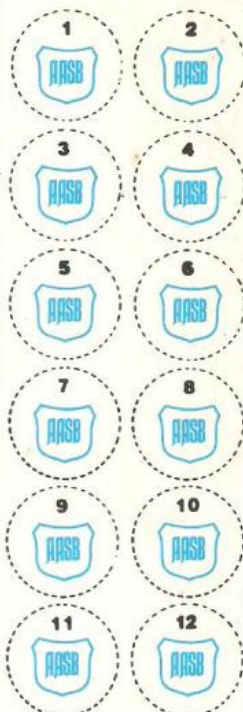
E.C. SIDERÚRGICA
(Campeão mineiro em 1937 e 1964)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

S.C. GERMÂNIA
(Campeão paulista em 1906 e 1915)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

G.E. RENNER
(Campeão gaúcho em 1954)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

SÃO BENTO *
(Campeão paulista em 1914 e 1925)

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

* Não confundir com o São Bento de Sorocaba. Esse São Bento, já extinto, era da capital paulista

SEXO: AS ESTRELAS CONTAM SE "NAQUELA HORA" A CAMISINHA ATRAPALHA

PLAYBOY

SHOW DE MULHER

A MUSA COUNTRY

MARI

A NUDEZ QUE ENLOUQUECEU A DUPLA LEANDRO E LEONARDO

MÔNICA E REGINA

AS FADAS NUAS DA PEÇA "SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO"

FETICHE:

Em vez de você ficar aí, só pensando nela, vá logo comprar a sua PLAYBOY. É lá que você vai ver, em toda a sua exuberância, a estonteante nudez de Mari, a musa country que balançou o coração de Leandro, parceiro de Leonardo.
Vai ver também um show de erotismo com as fadas nuas da peça "Sonho de uma noite de verão". Vai conhecer loucas fantasias sexuais, inspiradas por calcinhas, pés, cintas-ligas e outros objetos do nosso desejo. E, pra relaxar, vai saber quais são as melhores cidades do Brasil para se ganhar dinheiro e ter mais prazer.
Quer mais? Corra pra banca.

PLAYBOY. A revista mais gostosa do Brasil.
Nas bancas.

Qualidade